Diário de Lisboa

ANO 66 Nº 22 214 Sabado, 15 de Novembro de 1986 Preco 40$00

FUTEBOL NA RIBALTA

Assembleia geral agitada com contas e Saltillo como pano de fundo

Miguel Bastos ameaça: «então terei que puxar dos documentos»

FOGO SOBRE A FEDERAÇÃO

Pouco passava das 9.30 de hoje quando os representantes das 22 associações regionais de futebol se apresentaram nos salões do Hotel Tivoli dispostos a «abrirem o fogo» sobre a Federação Portuguesa de Futebol, fazendo desta assembleia geral a mais «agitada» dos últimos tempos.

Pág. 19

CAVACO-JARDIM: o confronto

FISCO: alternativa à evasão é ser comido

Págs. 12 e 13

CAÇA: quem quer carta vai a exame

Págs. 8 e 9

MODA: o estilo de Manuela Gonçalves

Pág. 10

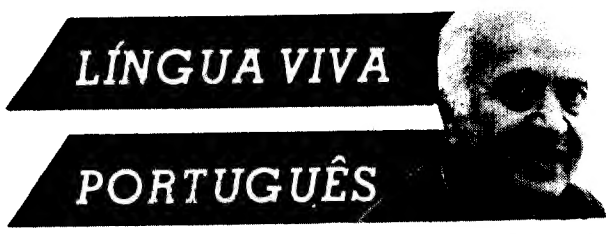
PALESTINOS: em busca do entendimento

Pág. 14

VITORINO: com Janita na Aula Magna

Pág. 21

ALENTEJO: a sedução de Castelo de Vide



Linguística cabo-verdiana

Carmo Vaz

Vivemos no tempo do multilinguismo na prática corrente dos que circulam pelo mundo fora, portugueses, os europeus mais viajados, faladores e imigrados nas sete partidas do mundo. Separados durante anos ou séculos da mãe pátria, este aprazível rectângulo ibérico em grande recuperação, aprenderam por artes mágicas a falar as línguas mais cultas do mundo e as mais exóticas de atrás do sol posto. Para um português, em matéria linguística, desde que há cinco séculos saiu da sua pátria em demanda de novos mundos, nada o atrapalha, nada o atemoriza, concanim ou chinês, francês ou inglês, tupi ou castelhano, tudo fala e continua a falar, i.e. a **fazer-se entender,** afinal o que mais importa na comunicação oral humana. Bem ou mal, que importa?

Mas não parou aqui esta singularidade da diáspora portuguesa. Por vias ainda mal estudadas, a sua língua, que no século XVI, separando-se do antigo galaico-português, havia criado, tanto ao nível literário como oral, estruturas sintácticas ricas, variadas e tão **fixas** que ainda hoje são as mesmas, um léxico tão enriquecido pelas exigências do seu trato comercial com a Europa e África do Norte, e um firmamento metafórico que o povo hoje canta, esta língua que poderia ser fruste e breve na boca dos marinheiros do Vasco da Gama, exerce uma influência assimiladora sobre as outras línguas africanas e asiáticas com as quais lida, tão espantosa (1) que a linguística moderna, pobre neste capítulo, ainda não conseguiu explicar cabalmente.

Assim, dos luso-crioulos, que ainda se falam por esse mundo fora (Sri Lanka ou Ceilão, Singapura, Damão, Java, etc.) o crioulo cabo-verdiano é, sem dúvida, o mais vivo, o mais rico e, talvez por isso mesmo, tão mal estudado.

Neste campo de línguas orais, que os europeus mais fortes e colonizadores, acabariam por criar sem sombra de **intenção imperialista,** nas Áfricas, na América do Sul e nas zonas do Pacífico, distinguimos o **sabir** com que designamos com algum desprezo, uma mistura confusa e mastigada, servindo apenas ao comércio de ocasião, a que os raci-etnocentristas portugueses chamaram **pretoguês,** e os **pidgins** ou **crioulos** em português, línguas que guardando e simplificando as estruturas sintácticas da língua colonizadora (inglês, francês, português, holandês, etc.), alteraram foneticamente o seu léxico, introduziram nele muito ou pouco vocabulário da língua nativa local e até ao nosso século, o século do papel escrito, serviram não só para as relações económico-sociais entre os exploradores e os explorados, mas também para as populações locais e nativas ocultarem ao colonizador as suas ideias e sentimentos mais íntimos, para não serem castigadas. Mas por que razão não teria nascido em Goa um crioulo tão expressivo como o cabo-verdiano e o concanim teria resistido mantendo-se de boa saúde até hoje?

Simplesmente porque o crioulo caboverdeano é mesmo uma **invenção** do génio cultural cabo-verdiano e o concanim era já uma língua flexiva de origem indo-europeia que, sem preconceito de espécie alguma, foi desde o século XV enriquecendo o seu léxico, concanizando toda a sorte de palavra portuguesa que lhe fosse útil e tendo hoje um léxico muito rico, com cerca de 50% de vocáculos de origem portuguesa. Basta adaptar à fonética do concanim uma palavra portuguesa e ela passa para esta língua.

O crioulo cabo-verdiano é estruturalmente e no seu léxico um crioulo de origem românica e de formação afro-portuguesa. Aprende-se a falar com relativa facilidade, os milhares de nossos irmãos cabo-verdiano em Portugal falam crioulo em casa com as famílias e até uns com os outros, quando não querem que em redor alguém os entenda. Comigo tramam-se, porque não só os entendo e muito os aprecio, como até digo umas boas lérias em crioulo cabo-verdiano, incluindo palavrões. Infelizmente porém, não conheço nenhum estudo de fundo sobre o crioulo cabo-verdiano. A gente rica e os grandes intelectuais caboverdianos já não falam crioulo. Há excepções: esse fabuloso romancista cabo-verdiano, internacionalmente conhecido e festejado, o autor dessas obras-primas de literatura caboverdiano em português, **Chuva Braba** e os **Flagelados do Vento Leste,** Manuel Lopes sabe falar e fala o crioulo cabo-verdiano e até é capaz de distinguir pequenas variantes nos crioulos falados nas várias ilhas (2).

Reacende-se agora o nosso interesse cultural pelo **mundo que o português fez, —** podemos dizê-lo sem sombra de vergonha, — onde a grande e tão típica cultura cabo-verdiana é uma realidade única no mundo, porque é a única cultura afro-portuguesa e, por isso, afro-europeia, com um rosto seu e característico, **uma face inconfundível,** suscitando a curiosidade e simpatia de todo o mundo culto.

Que sucederá no dobrar dos séculos ao crioulo cabo-verdiano? Será que esta língua familiar, que vem carregada de recordações e saudades das suas belas ilhas atlânticas, irá desfalecendo pela influência inevitável do ensino e escrita veicular em português? Será viável no nosso tempo uma literatura em crioulo? Ou os jovens e inteligentes cabo-verdianos, que fazem os seus estudos em português, vão preferir como segunda língua o inglês, como os jovens goeses já não querem saber do concanim para nada? Só o tempo nos poderá dar respostas. Entretanto, como o saber não ocupa espaço, porque não aprender estas línguas?

(1) — Cf. «Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas», (abrangendo cerca de cinquenta idiomas), por Monsenhor S. RODOLFO DALGADO, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913.

(2) — Uma grande imagem da cultura cabo-verdiana pode o leitor recolher na preciosa edição «CLARIDADE — revista de artes e letras» com prefácio de Manuel Ferreira, ed. A.L.A.C., Av. Dom Pedro V, 11-2.º D. 2795 Linda-a-Velha, Março 1986. Mas deve apressar-se, a edição é só de 1300 exs. e deve esgotar-se breve.

TEMA PALAVRA O LEITOR

Ainda o PCP e a Câmara de Almada

Ex.mo Senhor Director:

1— Nunca me passou pela cabeça escrever para qualquer jornal, mas como leitor assíduo do vosso/nosso «DL» desde 1974 e considerando a gravidade da notícia vinda na última página do «DL» de 17/9/86 sobre o operário José Vieira, presidente da Câmara de Almada, reforçando-se o meu objectivo de lhe escrever depois também de ler uma corajosa carta de um tal economista dr. Alberto Reis, publicada no «DL» de 27/9/86.

2 — Claro que sou contra o culto da personalidade, ou com a permanência prolongada do poder, só que essa filosofia que como já disse defendo, não se aplica ao presidente da Câmara nem a todos os autarcas que duma forma baixa e prepotente têm vindo sucessivamente a ser afastados das autarquias no concelho de Almada.

Quem em Almada está agarrado ao poder e decide como e quando querem, são meia dúzia de «criaturas».

3 — A questão José Vieira (como poderia ser outro honesto homem qualquer), foi orquestrada há bastante tempo de uma forma calculista, tal como os crimes organizados que como sabemos são privilégio dos mafiosos.

Senão vejamos. Nas últimas eleições para as autarquias, as ditas criaturas correram com os melhores autarcas desta cidade, homens e mulheres que há alguns anos se têm dedicado com todo o prejuízo próprio ao engrandecimento de Almada.

Como as tais criaturas tinham consciência do trabalho político que não fizeram, recearam as oscilações de voto, tal como perder a maioria na CMA, logo não tiveram coragem de correr como era sua vontade, com o PC, questão que ficou adiada.

4— Não vale a pena falar em estatísticas eleitorais, pois na carta do dr. Alberto Reis, elas são bem elucidativas, mas como todos nós sabemos que José Vieira foi convidado a demitir-se, logo as tais criaturas terão que dar explicações aos militantes do PCP, porque aos outros 30 000 votantes, palavrinha que não me ocorre ninguém, que o possa fazer.

5 — Ex.mo Senhor Director: Se a justificação é por questão de saúde de José Vieira, da sua esposa, de vários autarcas, vários militantes e já agora acrescento que também a população em geral está a ficar adoentada, ora então como sabemos que para combater uma doença, tem que se atacar o vírus, logo a solução é que as criaturas se dediquem só a pagar quotas e a votar e que deixem as pessoas honestas terminar os mandatos que foi para isso que a malta votou.

E não tenha dúvidas Senhor Director, infelizmente aqui em Almada as paredes ainda não são de vidro.

Carlos P. R. Dias
Bairro da Nossa Senhora
da Cova da Piedade
2800 Almada

A admissão de auxiliares nas escolas

Desde o ano passado que têm vindo a ser admitidos funcionários contratados a prazo para trabalhar nas escolas «para atenuar as carências quantitativas de pessoal auxiliar de apoio e administrativo», conforme as palavras da Direcção-Geral de Pessoal do Ministério da Educação, através da circular emitida.

O ano passado, quando abriu o concurso de admissão daquele pessoal, foi estabelecido o limite mínimo de 25 anos e máximo de 35 para qualquer categoria a admitir (O.S. n.º 24, da DGP).

Este ano foram estabelecidos escalões: 25 a 40 anos para contínuos, cozinheiros e ajudantes de cozinha, 28 a 40 para guardas e o mínimo de 18 anos para escriturários-dactilógrafos (Circular n.º 58/86/DGP).

Em Fevereiro passado, e quando a maioria dos funcionários já havia sido colocada até Novembro de 1985, foi seleccionado para uma determinada escola secundária em Lisboa um contínuo com apenas 19 anos!...

Na escola onde foi colocado ninguém deu atenção à idade do novo funcionário (nada mais, nada menos do que 6 anos a menos do requerido). E fizeram-lhe o contrato como contínuo, para vigorar desde 1/6/86 até 30/6/87...

Entretanto, no passado mês de Setembro abriram novos concursos e muitos dos funcionários colocados como contínuos e que preenchiam os requisitos para ocupar o lugar de escriturários quiseram concorrer àquela categoria, mas a Direcção-Geral não autorizou, o que é lógico.

Qual não foi a surpresa do pessoal da «tal» escola quando o «tal» funcionário veio designado escriturário-dactilógrafo para a mesma escola!

Ora, este contínuo foi excepcionalmente autorizado a concorrer. Porquê? Justificação para o sucedido? — «Não tinha idade para ser contínuo» — disseram da D. Geral, quando foi pedido esclarecimento. E eu pergunto: — e quando foi admitido tinha a idade máxima exigida? Não foi a D.G. que fez a selecção dos funcionários a admitir? E mais, porque se agarra a D. Geral à legislação actual, para aplicar a um candidato que foi admitido através da legislação emitida em Setembro de 1985? E o dinheiro que recebeu desde Fevereiro passado? Não vai ter que o repor como qualquer outro funcionário em situação ilegal?

O que diz a isto o Director-Geral de Pessoal, dr. Joaquim Jorge Reis Leitão?

E que diz também o Senhor Director-Geral aos atropelos verificados nas colocações dos funcionários administrativos neste último concurso em que é flagrante o modo como foram beneficiados os funcionários provenientes das ex-colónias e os dos Serviços Centrais do M. Educação. E, mais grave ainda, quando todo o processo decorre sem que os funcionários tenham à partida elementos concretos para reclamar.

Revoltada contra estas situações de legalidade muito duvidosa, escrevo a V. Ex.ª esta carta, pedindo a sua publicação no jornal que dirige.

Uma leitora

FOLHETIM ARTISTICO

Cesário, picturalmente

José Augusto França

Num recente colóquio a propósito do centenário da morte de Cesário Verde, no Serviço de Animação Cultural da Fundação Gulbenkian, coube-me a mim falar no Cesário pintor, e, particularmente, pintor de Lisboa e arredores saloios de Linda-a-Pastora.

Para o tema, várias referências vêm ao espírito, em volta da própria poesia em questão — e são logo os versos multicitados do Nobre, em 1982: «Que é dos pintores do meu país estranho / Onde estão eles que não vêm pintar.» Tinha o poeta alguma razão, mas dez ou doze anos de naturalismo nacional, em obra de Silva Porto sobretudo, pareciam dar-lhe resposta positiva à interrogação. Por detrás dela não podemos, porém, esquecer que se perfilava já o nacionalismo da geração do fim de século que mais exigia, no seu movimento contra a cidade do progresso material, e na sua ânsia uterina de raízes pátrias. Aí se situa a parte de injustiça do Nobre, outra parte residindo no facto de ele próprio ser poeta interior de interiores de alma solitária e não de exteriores de campo e gentes. Portanto sem grande direito de protestar... Aliás, o seu pintor, que o retratou, era o Columbano, todo «debruçado à amurada do sonho» como queria o comum amigo Alberto de Oliveira, e não (mas de modo algum!) o Malhoa que, ao mesmo tempo, era a outra coisa, ou o outro Portugal, sem complexos, espreguiçado ao sol dos mesmos anos de crise da nação e ideal.

Ora o Malhoa constitui referência no caso Cesário, e ela vem duma comparação de Vitorino Nemésio, o primeiro a ser sensível (depois dele próprio, que dela falou, em verso) à picturalidade da obra do poeta. Foi em 1964, em prefácio de edição ilustrada por Bernardo Marques, como também a seguir veremos.

Achava então Nemésio que só Malhoa podia ser comparável, pelo pincel, a certas descrições picturais de Cesário; mas referia-se (para ser acertada a ideia) ao Malhoa dos anos 20, quando o pintor atravessou uma fase mais burguesa, de jardins com senhoras e sombrinhas, com sóis e flores recatadas do populismo das suas imagens mais significativas tanto quanto da sensualidade carnal de outras. Tal Malhoa convém ao poema do «piquenique de burguesas», com «ramalhete(s) rubro(s) de papoulas» e «granzoai(s) azui(s) de grão-de-bico», e ao poema «Nós» virgiliano e proprietário de quinta de primores, à beira da capital. Ao poeta «impressionista», em suma, que nos vem à lembrança, «a posteriori», por razões culturais que nada têm que ver com a cultura que Cesário tinha ou, à volta dele, em Lisboa, tinham pintores ou críticos. E se Cesário viu pintura impressionista mesmo, em Paris, quando lá foi, em 1883, já teria sido tarde demais para a sua sensibilidade pictural.

Mas, mais que o Cesário de «Nós» e de outros versos campestres, há, e sobretudo, o poeta de Lisboa, de «Num Bairro Moderno», de «Cristalizações» ou «O Sentimento dum Ocidental», por exemplo maior — e aí não há paralelos possíveis, num meio artístico que jamais fixou imagens urbanas, desde o princípio de oitocentos, em que houve pincéis estrangeiros do Delarive, por exemplo, até quase que ao Botelho de anos 30 de novecentos. A situação de Cesário é ímpar, seja em que arte for, e a sua sinfonia duma capital é, com andamentos e tudo, o seu grande poema de 1880.

Estas imagens, tão famosas, da «soturnidade» e da «melancolia» das «ruas, ao anoitecer» citadino, viradas para o «desejo absurdo de sofrer» que todos nós vamos tendo, em fado lisboeta, retratam uma Lisboa nocturna que já não é a dos realistas de referência parisiense dos anos 70 e, pelo contrário, anuncia vivências (e vidências) mais para o termo do século, ou depois, entre o Fialho e o Raul Brandão d'«A Farsa» e d'«Os Pobres».

Ou seja, do Columbano, se este pintasse o que via ou não via ou não queria ver, em volta dos seus retratados em naufrágio. Edifícios que o gás modelava em «cor monótona e londrina», «boqueirões» de beira-rio, bairros de miséria e infecção, «íngremes subidas», e «longas descidas», cafés e cervejarias mal alumiadas, «burguesinhas do catolicismo» trotando pelos passeios, «imorais» de roupão e cigarro, e este velho professor de latim, «calvo, eterno, sem repouso» que pede esmolas envergonhadas — são cenário e personagens duma comédia (ou duma farça) lisboeta, tudo transfigurado em «dor humana» que é já preciso escrever com um «D» maiúsculo, simbolistamente.

Cesário descreve e imagina sobre um mundo concreto de coisas vistas, na cidade «capital maldita», ou num sítio familiar de «rústica lavoura», e, ligando uma acção a outra, é como se pintasse. Ele empregava o verbo duas vezes, pelo menos, e de uma delas para dizer que «pinta(va) quadros por letras e sinais».

Letras são sinais como outros, e poetas e pintores têm os próprios, para uma semiótica especilizada dentro de idênticas composições estruturais, como havia e continuará a haver antes e depois do estruturalismo.

Nemésio avança também, no citado prefácio, que o nosso poeta, afinal, supria, na cultura pátria, os pintores que ela não tinha. Severidade mais justa que a do Nobre, até porque exercida à distância de setenta anos, reflectindo já sobre o que tinham podido fazer os próprios pintores de duas ou três gerações, pela cidade e pelas serras.

«Pintor da vida moderna», como queria Baudelaire, a propósito de Paris, Cesário era o único a poder sê-lo em Lisboa. O único assim moderno, entre os poetas da «escola nova», e único também, entre os pintores do seu tempo.

Daí que Bernardo Marques, ilustrando-o, como atrás se disse, em 1964, tivesse desenhado a sua Lisboa como se desenhasse a dele próprio — leia-se a frase como se puder. E eu lembro-me de ter escrito então, prefaciando o desenhador, que «no erro cometido, ele ganhou um acerto maior». Desenho a desenho, verso a verso, sinal a sinal...

UM CORO A 35 VOZES
(A segurança e a cooperação na Europa)

Beja Santos

É graças ao «espírito de Helsínquia» que de há onze anos até hoje não mais se empedreniu o diálogo e a capacidade de negociação do Leste e do Oeste. Mesmo nos momentos de maior escuridão, o bordão a que as grandes, médias e pequenas potências se socorrem é um texto de alguns milhares de palavras que passou a ter uma carga «miraculosa» quando a paz e o desarmamento estão ameaçados: a Acta Final.

Cada um procura tirar partido da Acta Final: um comentador do Leste dirá que ratificou o campo socialista europeu; um comentador do Ocidente dirá que o comunismo jamais poderá omitir os direitos humanos e as liberdades públicas nas conversações em espaço europeu. É também por isso que a Acta Final é um documento modernissimo. É o espaço mais simples das 35 nações. E a verdade vem ao de cima: o que parece ter falhado, em Reiquejavique passou a ser esperança em Viena.

Mas o que pensar do charme discreto do silêncio da nossa diplomacia?

O peso da História

Decorre em Viena, desde 4 de Novembro, o terceiro encontro de alto nível após a assinatura da Acta Final de Helsínquia, subscrita por 33 países europeus (só a Albânia não assinou) e pelos EUA e Canadá.

Tem sido acidentada a concretização das medidas preconizadas, ressaltando o espaço continuado, mesmo nos momentos mais ásperos, do denominado «espírito de Helsínquia».

Como é sobejamente conhecido, a Conferência de Helsínquia resultou da convergência de vários factores, provindos de Leste e do Ocidente, que tornaram inevitável a respectiva aproximação. Vale a pena rememorar: — a normalização da situação de Berlim (com a realização, em Março de 1970, de conversações entre as quatro potências, criaram-se as condições prévias de uma conferência de segurança europeia, que conduziu ao Acordo Quadripartido de 3.9.71); Ostpolitik, traduzida na normalização das relações Leste-Oeste, com a assinatura de diversos acordos numa catadupa impressionante (Tratado URSS-RFA, em 12.8.70, Tratado RFA-Polónia, em 7.12.70, Tratado RDA-RFA, em 21.12.72, Tratado Checoslováquia-RFA em 11.7.74); — negociações sobre desarmamento (Tratado da Antárctica, em 1959; Tratado de Delimitação de Proibição de Experiências Nucleares, de 1963; Tratado sobre o Espaço Exterior, de 1967; Tratado de não Proliferação de Armas Nucleares, de 1969; Tratado sobre o Controlo nos Fundos dos Mares, em 1971; Convenção sobre Armas Biológicas, de 1972; Acordos SALT-1, de 1972, e início do SALT-2 em 1974 e as conversações sobre a redução mútua e equilibrada de forças convencionais (MBFR), em 1971); — início de «détente» (instalação do telefone vermelho; paridade nuclear entre as superpotências, etc.); — cooperação económica, científica e tecnológica Leste-Oeste que conduziu a um impressionante fluxo de trocas, constituição de empresas mistas, acordos de permuta no domínio da investigação, incremento do turismo, etc.); — esbatimento dos blocos político-militares (relatório Harmel, de 1962); — consequências do desenvolvimento tecnológico nas relações internacionais, até à influência da ONU (em tarefas de promoção da paz a nível mundial); — actividades no âmbito do desenvolvimento económico-social expressas designadamente na convergência de esforços ao nível das agências especializadas; — e, finalmente, na dinamização das organizações não governamentais e o seu impacto na opinião pública mundial.

A Conferência de Helsínquia permitiu elaborar, pela primeira vez, mecanismos de interacção de segurança e cooperação. As decisões da Conferência foram (e são) um exemplo evidente da interdependência destas duas componentes organicamente associadas ao desarmamento. Ainda que seja diferente (por razões estratégicas ou tácticas) a interpretação que cada um dos actores presentes em Helsínquia veio a dar aos três principais capítulos (ou «cestos») de medidas ali aprovadas (segurança, cooperação no campo da economia, ciência, técnica e meio-ambiente; e cooperação em questões humanitárias), comprovado pelo desequilíbrio dos discursos entre questões de segurança (URSS e países de Leste) e direitos humanos (EUA e países ocidentais), verificou-se que o relacionamento era tão natural como a história do continente europeu da 2.ª Revolução Industrial: a despeito de todas as disparidades ideológicas, do troar das peças das respectivas propagandas, nem uma só potência europeia se atreveu a pôr em causa, na prática, o espírito de Helsínquia.

Nesse longínquo dia 1 de Agosto de 1975, Portugal, pela voz do seu Presidente da República, general Costa Gomes, não deixou de associar a assinatura da Acta Final ao 25 de Abril, ao processo de descolonização em marcha, bem como à democratização do País.

De Belgrado a Viena, passando por Madrid

Constava da Acta Final as acções a serem empreendidas no futuro por forma a institucionalizar a continuidade dos esforços encetados no Palácio Finlândia, em 1975. Belgrado foi a primeira etapa que reuniu de 4.10.77 a 9.3.78 as 35 delegações presididas pelos respectivos ministros dos Negócios Estrangeiros com o objectivo de proceder a uma troca de opiniões sobre a materialização das disposições da Acta Final e das tarefas colocadas em Helsínquia, sobre a melhoria das relações mútuas, ampliação da cooperação na Europa e desenvolvimento do processo de desarmamento, gradual e controlado.

Apesar de não ter sido conseguido consenso nas diversas propostas apresentadas no encontro, reflexo evidente de enquistamento e de diferentes interpretações pelo Leste e Oeste quanto às finalidades da Acta Final, deixou-se uma porta aberta para a segunda etapa, que veio a ter lugar em Madrid, em 11.11.80, antecedida de uma reunião de peritos, marcada para 31.10.78, em Montreux (Suíça) para «prosseguir» o exame e a elaboração de um método aceitável para todos no tocante à solução expedita de conflitos.

A delegação portuguesa presente em Belgrado ter-se-ia limitado a secundar posições de outros países ocidentais e a chamar a atenção sobre os problemas dos trabalhadores emigrantes.

Madrid, a segunda etapa, decorre numa atmosfera de crispação internacional motivada pela intervenção soviética no Afeganistão, contemporânea do reforço europeu em mísseis de médio alcance (a chamada «dupla decisão» da NATO) entremeada de acusação a violações soviéticas quanto a direitos humanos, a que se viria juntar a questão polaca. No texto de compromisso alcançado, dado a conhecer de 7 a 9 de Setembro de 1983, na cidade de Madrid (sob réplicas e contra-réplicas acerca do abate do «Jumbo» sul-coreano), eram mencionadas «graves violações de um certo número de princípios de Helsínquia», exprimindo, no entanto, os Estados participantes a resolução de observarem estritamente esses princípios e porem-nos em práticas sem quaisquer limitações. Chegou-se, assim, a um acordo quanto à organização de uma terceira reunião a ter lugar em Viena, em Novembro de 1986, precedida de reuniões de especialistas, tais como:

Conferência sobre desarmamento na Europa (CDE, Estocolmo, a partir de 1984) problemas do Mediterrâneo (1984), reunião sobre os direitos humanos (Otava, 1985), forum cultural de Budapeste (1985) e conferência sobre contactos humanos (Berna, 15.4.86).

Não são conhecidos da opinião pública as intervenções havidas pelas delegações portuguesas nas atrás citadas reuniões de especialistas.

Continua na pág. 4

Um sabor desagradável nesses ataques à B.B.C....

Por DEREK INGRAM

Nunca os meios de comunicação na Grã-Bretanha foram mais notícia do que no corrente ano. O lançamento de um segundo novo jornal nacional começou a alterar o equilíbrio político da Imprensa. Ao mesmo tempo a BBC ficou sob a mira do governo, no preciso momento em que está a celebrar o 50.º aniversário do seu serviço televisivo.

Quando os governos começam a criticar a BBC pode-se ter a certeza de três coisas: que estão no poder há bastante tempo, que as eleições gerais estão por perto e que não têm a certeza de que a sua actuação passada lhes irá render votos suficientes.

O governo trabalhista de Harold Wilson entrou em colisão com a BBC nos seus últimos anos no poder, e por algum tempo cortou virtualmente relações. Agora o governo conservador de Margaret Tatcher está a colocar-se numa situação similar, se bem que desta vez se trate de um assunto mais sério.

Nunca ninguém pensa estar a receber um tratamento recto por parte da Comunicação Social — e por vezes não recebe — mas quando se chega à objectividade política, quem pode ser juiz? Certamente que não os líderes políticos, que suspeitarão sempre de motivos sinistros que estariam por detrás de uma ou outra notícia política.

Ninguém é infalível e nem todas as notícias estão rigorosamente ao centro, até porque todos temos uma concepção diferente de onde está o centro. Os argumentos correntes contra a BBC, na mesma semana em que celebrava o 50.º aniversário do seu serviço televisivo, giram à volta da sua reportagem televisionada sobre o ataque aéreo norte-americano à Líbia, o qual por ter sido levado a cabo a partir de bases inglesas, tem sido um tema quente desde a sua realização em Abril passado.

As queixas que o governo britânico fez de que a reportagem da BBC era injusta foram feitas não por Margaret Tatcher mas pelo ministro Norman Tebbit na sua capacidade de presidente do partido Conservador no poder.

O conflito com a BBC teve um cariz mais sinistro que os de outros anos, porque foi o culminar de meses de «tesouradas» quase diárias, num largo leque de assuntos, provenientes da ala direita do partido e da Imprensa de direita.

Superficialmente eram parte de uma campanha para mudar toda a estrutura da BBC, tendo como objectivo torná-la menos dependente financeiramente dos dinheiros públicos, abolindo a taxa de licença e introduzindo publicidade — em resumo, mudar um sistema de operação que é a nível internacional único e que tem ao longo dos anos sido amplamente admirado pelas impudências e equilíbrios na sua independência.

No fundo tratava-se da manifestação de algo muito mais perturbador: uma intolerância crescente no país, com sintomas não muito diferentes daqueles que tomaram raízes por um curto período de tempo nos Estados Unidos, no que é agora designado por «macartismo» (período de McCarthy).

A acusação, não pronunciada, é de que se os vermelhos não estão debaixo de cada cama, estão de certeza por detrás de cada microfone da BBC. A gestação de uma tal atmosfera teve lugar durante vários anos à sombra do governo Tatcher, com a ajuda da Imprensa, uma larga parte da qual, pelo menos agora não tem pretensões de praticar o tipo de objectividade que afirma faltar à BBC.

Num país, politicamente, claramente dividido ao meio, o peso da Imprensa tem estado sempre à direita. Nos anos mais recentes este desequilíbrio tem aumentado notoriamente.

Nos anos 50 o Partido Trabalhista tinha dois jornais nacionais politicamente próximos — o «Daily Mirror» e o «Daily Herald» — e os Liberais outros dois — o «News Chronicle» e o «The Guardian». O «Times» estava geralmente no centro-direita. Mais recentemente, somente dois jornais se podem conotar com a esquerda ou o centro: o «Daily Mirror» (um aliado dos Trabalhistas muito menos fiável do que outrora) e o «The Guardian». O «Times», com o editor australiano Rupert Murdoch, deslocou-se bastante para a direita.

Agora o panorama modificou-se subitamente. No início do ano, apareceu o jornal, formato tablóide, «Today», conotado politicamente com o centro e agora gerido pelo empresário Tiny Rowland. E, posteriormente, a 7 de Outubro, apareceu o «The Independent» — um jornal que desde já promete ser de rara qualidade.

Ambos são produto da nova tecnologia, que começa finalmente a atingir a Imprensa britânica, o que significa que a viabilidade financeira é mais fácil de alcançar. O «The Independent» diz que irá ser verdadeiramente independente, decidindo-se acerca das posições a tomar à medida que vão surgindo e não sendo manejado por fidelidades partidárias.

A sua posse é difusa, não sendo permitido a ninguém deter mais de dez por cento das acções. É um jornal dos jornalistas — e entende-se e parece-se com um jornal dos jornalistas. Mas também parece ser um jornal dos leitores. Já é um grande sucesso, tendo-se lançado com imensa autoconfiança. A primeira edição não apresentava marcas de uma experiência ou sinais de que não estivesse tudo pronto.

O jornal tinha uma aparência, desde o início, como se estivesse nas bancas há anos. Numa altura em que a cobertura noticiosa do exterior tem estado em declínio em toda a Imprensa britânica, excepção feita ao «The Guardian» e ao «Financial Times», eis que aparece um jornal com um vasto leque de reportagens sobre o estrangeiro.

E o público está a corresponder. As vendas do «The Independent» são mais altas do que as esperadas para o lançamento do jornal, e continuam a crescer. Claramente o desapontamento com a forma como a Imprensa britânica se tem deixado arrastar, tem vindo a aumentar.

E um indício encorajante. Como também o é a onda de críticas com que Norman Tebbit se tem deparado pela maneira como atacou a BBC. Uma sondagem de opinião pública mostrou que somente dez por cento dos eleitores acreditavam que a BBC fosse tendenciosa.

E uma mulher, que foi membro do conselho directivo da BBC durante 7 anos, Lady Faulkner of Downpatrick, disse numa carta ao «The Independent» que durante o tempo em que desempenhou o cargo frequentemente criticou programas, mas «nunca em qualquer momento... me poderei queixar de tendencialismo político por parte dos responsáveis por esses programas».

Acrescentou: «Se havia tendências, intelectuais, de cabelos compridos da ala esquerda trabalhando para a Corporation, ou por outro lado, fascistas de ala direita, de cabelo rente, deixaram as suas gravatas vermelhas e as suas botas de cano alto no porteiro.»

A reacção pública no assunto da BBC e o lançamento do «The Independent» constituem indicações promissoras de que qualquer tentativa de «macartismo» na Grã-Bretanha está condenada ao fracasso.

Um coro a 35 vozes

Continuação da pág. 3

Viena, sob o espectro de Reiquejavique

A Conferência de Viena abre sobre dois efeitos antagónicos. Por um lado, são os entendimentos excepcionais conseguidos na Conferência de Estocolmo, que terminou em 2.9.86, e, por outro lado, o espectacular desfecho de Reiquejavique.

Viena tem de imediato a possibilidade de dar a palavra aos 33 actores ausentes de Reiquejavique e já presentes em Estocolmo.

EUA e URSS não podem impedir à partida que as suas contradições hegemónicas, sectoriais ou circunstanciais, venham a ser balanceadas em mais esta cimeira de segurança e cooperação que a todos importa preservar. Com efeito, os responsáveis pelas diplomacias dos EUA e URSS já proferiram declarações nos últimos dias que não anguram, de imediato, a ultrapassagem das dificuldades encontradas em Reiquejavique (programa de Iniciativa de Defesa Estratégica versus moratória nuclear e acordo global de desarmamento, por parte da URSS).

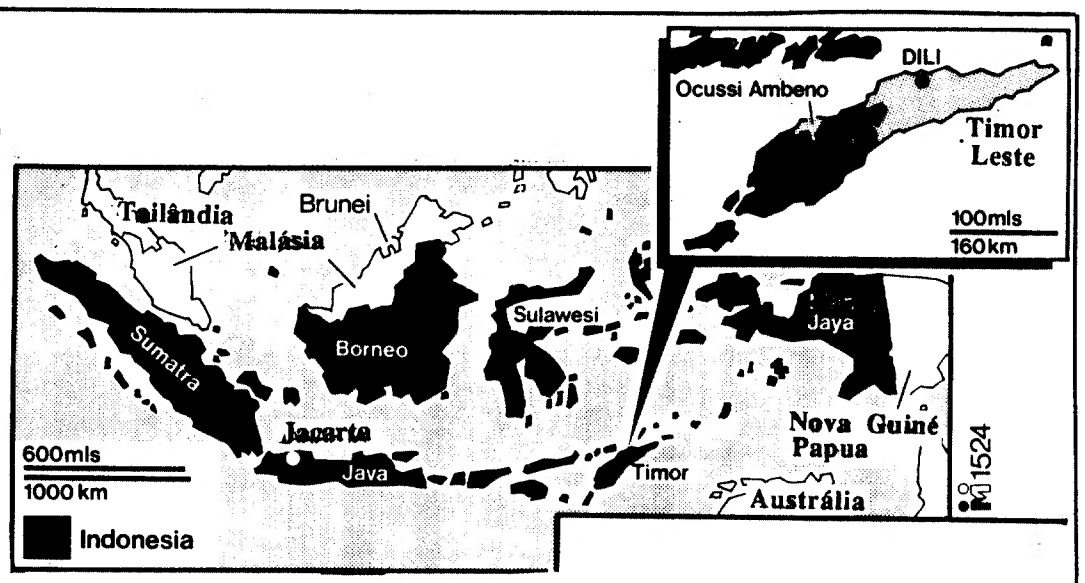
Os mais recentes indicadores económicos, por seu turno, atestam que os países europeus do Ocidente e do Leste estão mais interessados do que nunca numa aproximação e cooperação económica e tecnológica. É a esta luz que se podem entender os «desviacionismos» e as iniciativas de segurança e cooperação tomadas por países ou forças políticas de ambos os blocos (proposta Olof Palme para a constituição de uma zona transfronteira desnuclearizada, proposta de desnuclearização da península balcânica, negociações CEE-CAME, «tratado de princípios SPD PSUA», da RFA e RDA, etc).

Passados onze anos de Helsínquia e onze meses de adesão de Portugal à CEE é de nos interrogarmos sobre o papel desempenhado pelo nosso país nestes fóruns de segurança e cooperação europeia. Desde Helsínquia são públicas mais de três centenas de propostas vindas de potências como a Santa Sé, Liechtenctein, Hungria, Finlândia, Roménia ou o Canadá. Será uma propositada cabala a omissão ou o silenciamento que os órgãos de Comunicação Social fazem das oposições de Portugal e das intervenções dos delegados portugueses? Ou será que o seguidismo nos conduziu a uma tal subserviência diplomática que ninguém tem coragem de contar?

No actual contexto internacional, em que as superpotências têm a tendência para repetidamente caírem em situações de impasse, são as pequenas potências, ou os pequenos países, como Portugal que poderão exercer com mais capacidades de manobrar mediações e arbitragem em conflitos de que só virão dividendos ético-políticos para quem os toma.

Será que veremos finalmente uma diplomacia portuguesa a favorecer os mais equitativos entendimentos na Conferência de Viena?

TIMOR LESTE



Onze anos de história num relatório do Parlamento português

A comissão parlamentar para a questão de Timor concluiu um pormenorizado relatório sobre a situação no território depois da invasão indonésia. O relatório é conhecido cinco meses antes das primeiras eleições na Indonésia em que os timorenses vão ser convidados a votar como eleitores deste país.

O texto, com 27 folhas, recorda a retirada das autoridades portuguesas em Agosto de 75 e o facto de, quatro meses depois da invasão da ilha, Portugal ter proposto negociações à Indonésia e explica que antes do 25 de Abril não havia em Timor qualquer movimento independentista e que após a revolução se criaram na ilha vários partidos, nomeadamente a UDT, a Apodeti e a Fretilin.

A UDT defendia o princípio da manutenção da ligação de Timor a Portugal, repudiando a ideia de independência, mas posteriormente passou a preconizar uma federação com Portugal como estádio intermédio até à independência.

A Fretilin, pelo contrário, tinha a independência como ponto assente não susceptível de discussão e considerava que no processo de descolonização devia ser tida como o «único e legítimo» representante do povo de Timor.

A Apodeti, por seu turno, preconizava a integração na Indonésia mas, a partir de Janeiro de 75, viu-se isolada por uma coligação então formada pela UDT e pela Fretilin.

A coligação rompeu-se em Maio seguinte devido ao crescente desacordo entre os dois movimentos, os quais a Indonésia adjectivava então de comunistas (a Fretilin) e de fascistas (a UDT).

A UDT criticou os apoios fornecidos pelos militares do MFA português à Fretilin, aparentemente sem grandes resultados pois no dia 8 de Agosto proclama a greve geral «para exigir a tomada de posições contra os militares portugueses que não mantivessem uma posição neutral».

Parte da cidade de Dilí foi então ocupada pela UDT, iniciando-se pouco depois entre os dois partidos uma guerra civil cuja violência é destacada pelo relatório e que terminou com a vitória da Fretilin.

Processa-se então a retirada dos representantes da soberania portuguesa para o ilhéu de Ataúro e das forças vencidas da UDT para a zona fronteiriça com a Indonésia.

Em 28 de Novembro de 75 a Fretilin declarou unilateralmente a independência (não reconhecida por Portugal nem pela ONU) e, nove dias depois, a Indonésia invadiu o território.

Os indonésios procuraram aniquilar, pela força, a resistência armada no interior do território, que passou a ser liderada pela Fretilin, e em fins de 1978 a situação deste partido chega a ser «dramática» — considera o relatório.

Dos 50 membros iniciais do seu Comité Central restavam três, 80 por cento dos seus militares tinham desaparecido e 90 por cento do seu armamento fora capturado — explica.

Mas a «violência e os horrores» perpetrados pelo invasor são a «mola» que fará redobrar a resistência e é assim que a 10 de Junho de 1980 (curiosamente Dia de Portugal) o paiol de Dili, a estação de radiodifusão e diversos postos militares são atacados pelos resistentes.

A partir de 81 as acções da guerrilha intensificam-se em número e importância, o que leva as autoridades indonésias a iniciarem conversações com Xanana Gusmão, comandante das forças de resistência, visando o cessar-fogo, o qual é assinado em 1983, diz ainda o relatório da comissão parlamentar.

Em Agosto deste ano a Indonésia desencadeia novo ataque à guerrilha, procurando aniquilá-la (apesar do cessar-fogo acordado), mas não consegue atingir o seu objectivo ainda desta vez.

Em Setembro de 85 representantes da UDT e da Fretilin (partido que foi apoiado pela Frelimo e pelo MPLA) reúnem-se em Portugal e chegam a um acordo de cooperação política, visando o reforço das posições contra o invasor indonésio.

O texto parlamentar não refere, entretanto, a posição oficial da Indonésia, segundo a qual não houve da sua parte violação da soberania de outro Estado, uma vez que as suas forças se limitaram a ocupar uma ilha que se achava abandonada então pela potência administrante (Portugal), cujos representantes tinham saído do território.

O texto da comissão informa que logo em Dezembro de 74, pouco depois do 25 de Abril, a Indonésia sustentava só haver duas opções possíveis para Timor: permanecer português ou integrar-se na Indonésia, uma vez que o país não era suficientemente forte para se aguentar por si mesmo.

No ano seguinte, na reunião dos «Comité do 24», a Indonésia disse que não tinha ambições territoriais sobre Timor, mas que considerava essencial a manutenção da «estabilidade e da segurança» na zona.

A Indonésia preconizou, então, que os timorenses deviam exercer o seu direito através de um referendo realizado «em paz, tranquilidade e dignidade».

Apenas quatro meses depois da invasão indonésia, em Março de 76, o Governo português propôs à Indonésia a abertura de negociações, mas a Indonésia respondeu que o assunto era da competência do Governo provisório de Timor-Leste.

Em Outubro de 1977 os Estados Unidos reconhecem a ocupação indonésia, o mesmo acontecendo daí a poucos meses com a Austrália.

O relatório parlamentar refere as atrocidades cometidas pela Indonésia em Timor (60 a 80 mil mortos, segundo as suas próprias informações), as sucessivas condenações internacionais, das Nações Unidas, de vários Parlamentos e deputados de diversos países e da Amnistia Internacional.

Quanto à Igreja Católica, é o próprio administrador apostólico de Dili, monsenhor Martinho da Costa Lopes, que denuncia em 1981 os crimes do Exército da Indonésia e pede o apoio da Caritas Internacional para o povo esfomeado, mas «esta atitude custa-lhe o lugar».

O seu substituto, monsenhor Ximenes Belo, continua, porém, na linha do seu antecessor e os próprios bispos indonésios manifestam, em 83, a sua solidariedade com os timorenses, enquanto o Papa João Paulo II evoca o drama de Timor em diversas ocasiões.

Do relatório conclui-se que os missionários portugueses e as suas escolas chegaram a Timor antes dos representantes da soberania portuguesa e permaneceram na ilha depois da retirada destes.

De facto, foi em 1562 que missionários dominicanos iniciaram o processo de cristianização do território, mas foi só em 1702 que lá chegou o primeiro governador, que tornou efectiva a soberania portuguesa — explica o relatório.

Hoje, a língua oficial no território passou a ser o indonésio, e o português é apenas ensinado em algumas escolas católicas, as quais são «ostensivamente ignoradas pelas autoridades indonésias» — diz ainda o texto.

«Os missionários portugueses conquistaram o coração do povo timorense, no respeito pelas línguas, tradições e mitos que perduraram até aos nossos dias, numa harmonia cultural que a colonização portuguesa procurou respeitar e preservar enquanto nação administrante do território» — considera, ainda, o relatório da comissão parlamentar encarregada de acompanhar a situação em Timor.

Encontro extraordinário em Montemor-o-Novo

Trabalhadores da Reforma Agrária ameaçam marchar sobre Lisboa

Os trabalhadores da Reforma Agrária e suas organizações advertiram, em Montemor-o-Novo, que, «caso a ofensiva não pare, irão fazer uma marcha para Lisboa, em *moldes* e data a definir».

Esta e outras advertências foram feitas durante o encontro extraordinário da Reforma Agrária, que teve como principal objectivo «fazer o balanço da intensificação da ofensiva contra esta conquista de Abril, mobilizar os trabalhadores para a sua defesa e aprovar novas e importantes iniciativas de luta».

Dessas iniciativas constam, ainda, a denominada «Semana de Luta», de 8 a 13 de Dezembro, que constará de concentrações frente à residência do Primeiro-Ministro, em Lisboa, e o lançamento de um abaixo-assinado, a nível nacional.

Por outro lado, o encontro de Montemor-o-Novo reforçou a ideia da realização de vigílias activas de protesto e luta da Reforma Agrária, a levar a efeito no próximo dia 21 de Novembro, em várias localidades dos distritos de Évora, Beja, Portalegre, Santarém e Setúbal.

O encontro, em que participaram cerca de 1200 delegados de UCP's e cooperativas agrícolas e 380 convidados, sublinhou ser urgente uma tomada de posição e uma intervenção enérgica dos órgãos de soberania (Presidente da República, Assembleia da República e Tribunais), «que condene e ponha termo à destruição da Reforma Agrária».

«É urgente e inadiável, e um imperativo nacional, conjugar todos os esforços para desenvolver a luta, fazer-convergir a solidariedade para defender a Reforma Agrária e impedir que o Governo leve por diante a destruição completa desta conquista» — considera o encontro.

Os participantes nos trabalhos, que condenaram a política do Governo e exigiram a sua demissão, reafirmaram que a Reforma Agrária «é indispensável ao desenvolvimento da agricultura da região e do país e é necessária à defesa do regime democrático».

«A defesa da Reforma Agrária deve ser obra de todos os trabalhadores e democratas do País», sublinhou o encontro, que exige que o Governo «deixe semear, cultivar, trabalhar as máquinas das unidades colectivas e cooperativas agrícolas».

Segundo foi divulgado no encontro, que considera «extremamente grave a situação na Reforma Agrária», se as entregas de reservas continuarem, até ao fim do ano «seriam roubados mais de 45 mil hectares de terras, milhares de UCP's seriam destruídas e liquidados três mil postos de trabalho».

Face a esta situação, o encontro de Montemor-o-Novo reafirmou a disposição dos trabalhadores e suas organizações de «tudo fazerem através da intensificação da luta, até à demissão do Governo e a sua substituição por um Executivo que realize uma política virada para os interesses do País».

Os trabalhadores aprovaram, ainda, um documento/apelo, a ser enviado a todos os órgãos de soberania, autarquias, sindicatos e outras entidades, onde pedem solidariedade e chamam a atenção para o facto «do Governo querer destruir a Reforma Agrária».

Os trabalhos, que decorreram no Cineteatro Curvo Semedo, sob o lema «Fazer parar a destruição da Reforma Agrária, reforçar a solidariedade, demitir o Governo», foi organizado pelos secretariados das UCP's e cooperativas agrícolas e sindicais da agricultura do Alentejo e Ribatejo.

Abertura do ano lectivo na Escola Naval

O comandante da Escola Naval afirmou no Alfeite que «quando em clima de dificuldades económicas, oficialmente reconhecidas, o País, decide pôr à disposição da sua Marinha novos e dispendiosos meios navais».

O comandante da Escola Naval, actualmente com um efectivo de 438 alunos, entre os quais um do Panamá, país que pela primeira vez está representado no curso, referiu que «foi por isso que já providenciámos para a criação de um novo estatuto e de um novo regulamento».

Durante duas horas

Eanes e Cavaco debateram relações entre o PRD e o Governo

Foram tratadas «questões diversas, com algum interesse, com muita franqueza e relativas às relações entre o Governo e o PRD», assim caracterizou Ramalho Eanes o encontro de duas horas que uma delegação do seu partido (que integrava ainda Herminio Martinho e Ivo Pinho), manteve em S. Bento com o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva e funcionou ainda como visita de cumprimentos, da nova direcção do PRD, e como agradecimento do telegrama enviado por Cavaco Silva, quando da convenção do Porto.

Por «questão de princípio e método», Eanes escusou-se a especificar as questões abordadas, afirmando que «as relações entre o PRD e o Governo se norteiam por determinados valores e princípios programáticos e constitucionais», e que a audiência serviu «apenas para um conhecimento mais pormenorizado» das posições de ambos.

O presidente do PRD reafirmou que o seu partido pratica «uma oposição responsável».

«Não tem dito não por dizer e, como uma oposição sistemática, diz sim quando é do interesse do País, diz talvez quando há uma certa razoabilidade para discutir e encontrar consensos, e diz frontalmente não, quando não convém ao País ou não se ajusta ao seu programa» — especificou.

Com João Jardim a dizer adeus na pista

Botha regressou

Ribeiro Cardoso

A visita «particular» do presidente Pieter Botha à Madeira terminou ontem, cerca das 22.15 h, com o chefe do governo regional a dizer adeus, na pista do aeroporto de Santa Catarina, ao pequeno, mas rápido e confortável, avião presidencial que regressava à África do Sul.

O último dos três dias desta visita dos representantes máximos do «apartheid» a uma região de Portugal teve dois aspectos distintos: uma visita a Porto Santo, substancialmente mais curta do que inicialmente previsto; e uma tarde e parte da noite no Funchal, não se sabe bem onde, mas oficialmente a «descansar no hotel». A única coisa que se sabe é que a partida foi atrasada cerca de quatro horas, por motivos não especificados.

No aeroporto não compareceram, desta vez, para cumprimentos de despedida desta particular visita, o presidente da Assembleia Regional, membros do governo local, os presidentes das câmaras PSD da região e outras entidades. Pieter Botha, depois de instado, fez uma curta declaração pública, mas não se dispôs a responder a perguntas. Agradeceu ao chefe do governo regional e ao povo madeirense a forma como foi recebido nesta sua visita «privada» (o presidente sul-africana não perdeu uma única oportunidade para reafirmar sempre essa característica da sua visita . . .), disse que regressava ao seu país «com recordações boas», sublinhou que há mais madeirenses na África do Sul do que os residentes na Madeira, e assegurou que «as boas relações entre a África do Sul e a Madeira continuarão». Claro: desejou também muitas felicidades e sucessos a todos.

Voltando ao Porto Santo: sempre a correr, Pieter e «Pik» Botha foram ao Pico do Castelo, ao porto de abrigo (aqui o presidente Botha entrou no navio «Independência», que faz as ligações entre Porto Santo e o Funchal, tendo-se sentado aos comandos), à central dessalinizadora, à Ponta da Calheta (onde se prevê a instalação de diversas infra-estruturas de apoio ao turismo) e almoçaram, em privado, ou seja, sem a presença dos jornalistas, mas com toda a comitiva num dos hotéis da vila. Antes, tinha sido informado dos projectos de construção da nova aerogare, cuja maqueta se encontra em exposição no próprio aeroporto, e da ampliação da pista, de 2400 para 3000 metros, obra que deverá ser financiada pela NATO.

Como constava, e o próprio chefe do executivo madeirense acabou por admitir à Rádio Renascença, é provável que o aeroporto de Porto Santo venha a ser utilizado por aviões sul-africanos. De acordo com a Anop, que cita fontes oficiais, é praticamente certa a possibilidade de a trasportadora aérea sul-africana vir a operar em Porto Santo, como ponto de escala, nos voos entre a África do Sul e a Europa, «facto que permitiria o aparecimento de uma nova corrente turística, especialmente para o Funchal, dada a escassez de camas ainda existente na ilha de Porto Santo».

Entretanto, o empresário português há muito radicado na África do Sul, Joe Berardo, que acompanhou a visita de Pieter Botha, disse também à Anop que, na sequência desta deslocação do presidente sul-africano «algumas notícias agradáveis vão ser divulgadas dentro em breve».

Por sua vez, em declarações à rádio, o chefe do governo regional disse estar mais preocupado com o resultado do jogo Marítimo-Sporting do que com o voto de protesto aprovado na Assembleia da República a propósito da visita de Pieter Botha à Madeira.

À saída de audiência com Soares

Ministro da Defesa nega ter autorizado passagem de armas dos EUA para o Irão

• não há processo de sucessão do CEME

O ministro da Defesa, Ribeiro de Almeida, afirmou aos jornalistas, à saída de uma audiência com o Presidente da República, a quem convidou para as cerimónias do «25 de Novembro»(marcadas este ano para a base do Montijo) não ter o seu ministério recebido «qualquer pedido» para trânsito de armas dos EUA para o Irão. O ministro, que foi acompanhado pelo CEMGFA, general Lemos Ferreira, a Belém, instado ainda a pronunciar-se sobre notícias e números de venda de armas portuguesas para o mesmo país, limitou-se a dizer que «as nossas indústrias de defesa são de natureza privada, só uma é pública».

Recorde-se, a propósito, que um navio com a bandeira do Panamá carregou ontem no porto de Setúbal 4o toneladas de munições de fabrico nacional, destinadas ao Irão. Um porta-voz dos agentes do navio, citado pelo semanário «expresso», disse que o embarque do material de guerra «estava autorizado e era do conhecimento tanto do ministério da Defesa como do ministério dos Negócios Estrangeiros».

Verbas e CEME

Ribeiro de Almeida referiu, por outro lado, que a proposta de Orçamento para as Forças Armadas em 1987 é a que envolve «maiores verbas», em termos absolutos, desde 1975. «O aumento, em termos reais, vai ser de 13 por cento, tendo em conta a inflação», acrescentou o ministro, frisando que o assunto não foi debatido com Mário Soares.

Lemos Ferreira, presente junto do ministro, recusou-se a fazer qualquer comentário.

Instado ainda sobre a eventual substituição de Salazar Braga na chefia do Estado-Maior do Exército, Ribeiro de Almeida disse que não há «nenhum processo em curso para substituição» do CEME. Salazar Braga, registe-se, atinge o limite de idade dentro de quatro meses.

Soares recebeu JSD

Mário Soares recebeu ainda uma delegação da Juventude Social Democrata que pediu a audiência pelo «respeito e consideração por um Chefe de Estado que tem revelado ser um polo de consenso da vida nacional».

À saída do encontro, o líder da JSD, Carlos Coelho, referiu terem sido abordadas com o PR questões relativas à acção do Conselho Nacional de Juventude e aos projectos da JSD quer a nível do Poder Central, quer das autarquias locais, onde salientou, a organização irá «fazer a sua maior aposta política».

Mário Soares, disse Coelho, revelou-se particularmente interessado em questões de intervenção a nível económico, da juventude e no «afloramento de novas iniciativas empresariais em domínios como a agricultura».

O encontro durou meia-hora e Soares revelou, segundo o dirigente da JSD, um «optimismo moderado no papel que as jovens gerações devem representar na tarefa urgente de modernização que o país está a encetar».

A iniciativa da JSD, inédita em termos de organizações políticas da juventude, foi justificada por Coelho pelo facto de a JSD ser «a maior organização política de juventude e deter importantes responsabilidades na vida política nacional» e porque do seu congresso saíu uma resolução no sentido de manter boas relações com «todos os orgãos de soberania».

Líder socialista em Coimbra

Arnaut falou com Constâncio e reflecte sobre o regresso ao PS

António Arnaut disse ontem em Coimbra, no final de um encontro com Vítor Constâncio, estar a «reflectir» sobre o seu regresso ao Partido Socialista e que «em devido tempo» tomará uma decisão. O antigo ministro da Saúde e ex-dirigente do PS considerou que as razões que motivaram o seu afastamento do partido «exigem uma séria reflexão», mas acrescentou que existem «algumas condições para que o PS retome os trilhos antigos».

O secretário da Federação de Coimbra do PS, Luís Marinho, considerou, entretanto, o encontro entre Arnaut e o líder do PS como «significativo» quanto ao regresso daquele ao partido.

Tecnologia cria novos desafios

Vítor Constâncio manteve encontros em Coimbra com o reitor da Universidade, jantou com professores, esteve com estudantes na «República dos Inkas» e reuniu com a direcção do sindicato dos bancários do Centro.

No encontro com os estudantes, o secretário-geral do PS salientou que » o desafio da modernização, no contexto da evolução tecnológica mundial e da adesão de Portugal à CEE, terá de ser respondido de uma forma solidária, sem graves custos sociais».

Constâncio fez uma resenha da evolução social e económica mundial nos últimos anos e suas consequências em Portugal, considerando que «se caminha actualmente para uma sociedade menos padronizada e mais diversificada».

«A onda de inovação tecnológica em curso está a alterar os sistemas sociais e as ideologias mais tradicionalistas não têm capacidade de resposta para alguns dos problemas da sociedade», sublinhou.

A incapacidade de resposta das ideologias tradicionais aos novos valores reside — segundo Constâncio — no facto de as suas respostas «terem uma inspiração colectiva e universal».

«Hoje assiste-se ao despontar do individualismo e à explosão dos grandes movimentos sociais em múltiplos grupos, o que implica novas interpretações e novas respostas», afirmou.

Em sua opinião, as mudanças que a nova situação social exige «só serão possíveis a nível dos grandes espaços económicos e não por iniciativa própria e individual dos países».

Angola e universidades privadas

Portugal — sublinhou — «não tem tempo para adiar a resposta aos novos desafios sociais e tecnológicos e, por isso, deve dar uma enorme prioridade à educação, investigação e desenvolvimento, onde reside efectivamente a grande capacidade de inovação do País».

«É ridículo que a investigação científica represente apenas 0,4 por cento do produto nacional», afirmou Constâncio, que considerou insuficiente o número actual de investigadores nas empresas (18 por cento).

No período de perguntas e respostas, Vítor Constâncio abordou vários temas, entre os quais a criação de universidades privadas, as relações com Angola e a revisão constitucional.

O líder do PS considerou que Portugal «deve respeitar as suas relações com o MPLA, partido que tem relações diplomáticas com todos os países e detém os símbolos da soberania».

Referiu que o PS «não é contra a existência de universidades privadas, mas deve haver um conjunto de critérios que garanta a qualidade e fiscalização do ensino privado».

«Desnacionalização deslizante da banca»

Sobre o encontro de Constâncio com a direcção dos bancários do Centro, Osório Gomes, presidente do sindicato, disse que foi abordada a situação na banca, nomeadamente a alteração do regime jurídico e a abertura do sector à iniciativa privada.

Para Osório Gomes, a actual legislação é, na prática, uma «desnacionalização deslizante» da banca.

Constâncio deslocou-se hoje à Lousã, onde inaugurou a nova sede do PS e almoçou com autarcas. Mais tarde, em Coimbra, o líder do PS teve um encontro com trabalhadores da tendência sindical socialista, uma reunião com militantes e um jantar com militantes e simpatizantes.

Rádios locais em congresso no Algarve: A Língua é a Pátria

Júlio Rodrigues

Não há unidade entre os animadores das rádios locais em Portugal. Haverá, na melhor das hipóteses, uma precária comunhão de ideias neste momento, na expectativa — e perspectiva — do seú licenciamento, da aprovação da lei e dos códigos que nortearão a sua actividade. E digo que não há unidade, porque a esmagadora maioria dos seus serventuários, aqueles que diária ou semanalmente garantem o seu funcionamento, perdeu ontem na Vila Magna, e Montechoro, um extraordinário debate sobre as rádios locais, com a participação activa da subcomissão parlamentar de Comunicação Social. «Uma participação viva e animada que nos permitiu a todos saber que o grande ponto de discórdia, neste momento, é o que respeita à entidade que se responsabilizará pela concessão de alvará de licenciamento», disse um dirigente da organização. Isto é: quem autorizará a sua emissão e em que frequência. De acordo estão todos sobre a utilização do português, porque «a Língua é a Pátria», disse o deputado Vieira Mesquita.

Não há unidade entre as rádios locais. Parece que isso ficou claro, porque poucos dos seus animadores terão dado crédito à ideia de que os deputados daquela subcomissão estariam neste 1.º Congresso das Rádios Locais, no Algarve. Não é fácil juntá-los e ouvi-los em público. Repetimos: os animadores das rádios locais desperdiçaram ontem uma ocasião inesquecível — a de assistirem a um debate da própria subcomissão sobre matéria tão cadente como é a das rádios locais e seu licenciamento, não em S. Bento mas em Montechoro.

Rádios locais que, como os nossos leitores sabem, correm com Mário Soares nas deslocações oficiais que o Presidente da República faz ao País e que deste receberam, no II Congresso dos Jornalistas, uma rasgada homenagem, quando ele afirmou que constituem um «exemplo e um desafio à nossa capacidade de tratar as novas realidades». A compreensão, a disponibilidade e o apoio de Soares foram aqui realçadas por Carvalho Baptista, o secretário-geral do Congresso, na abertura prática dos trabalhos.

Foi porque não terão acreditado na presença dos deputados da subcomissão parlamentar (dos anunciados apenas faltou Costa Carvalho do PRD, por problemas familiares) que muitos dos inscritos não compareceram, à última hora. Outros terão apostado no fracasso da iniciativa. Digo isto, ou permito-me estas considerações, porque das mais de meio milhar de rádios livres, apenas aqui de encontram, na hora da verdade, quando se trata de testar a disponibilidade e o empenho da Assembleia da República para aprovar a lei de licenciamento das rádios locais, cerca de 15 por cento, isto é, pouco mais de meia centena. Hoje, com efeito, as rádios locais são cerca de meio milhar entre nós.

Isso não impediu que a subcomissão parlamentar, em cuja composição pluripartidária parece haver grande convergência de posições e salutar unidade, tornasse públicas, através dos seus elementos, algumas reconfortantes novidades. Por exemplo: a de que o espectro rádioeléctrico português (segundo o deputado socialista Raul Junqueiro) «pode abranger seiscentas rádios locais que funcionem nas mesmas frequências e de que a entidade que virá a emitir os alvarás poderá ser ou uma espécie de alta autoridade a uma outra, do tipo do actual Conselho de Imprensa, naturalmente com representação dos interessados.

Neste aspecto o presidente da sub-comissão, Alexandre Manuel, afirmou que não deverá haver uma única entidade encarregada de atribuir esse licenciamento. Foi o mesmo deputado que na fase final dos trabalhos, quando se colocava a questão de eventualmente haver emissoras a funcionar em língua estrangeira (por exemplo aqui, em Albufeira, cuja comunidade é maioritariamente inglesa e alemã), produziu a afirmação mais quente e mais viva dos trabalhos: «a Língua é a Pátria», já antes assim falara Vieira Mesquita...

Aliás, a obrigatoriedade das rádios locais virem a emitir apenas em língua portuguesa (medida que poderá vir a atingir a Rádio Cidade da Amadora, que é das mais actualizadas e potentes) constituiu, por assim dizer e depois de alguns ataques à subcomissão pelo alegado atraso na aprovação da lei a essência do primeiro dia de trabalhos, já que o segundo nos apresenta uma ementa particularmente atractiva: José Vitorino a falar da regionalização, sua história e perspectiva e articulação com as rádios locais, e o professor Lopes da Silva a debruçar-se sobre a perspectiva social e ética das rádios locais.

Ficou igualmente claro para a plateia (vários dos seus componentes intervieram e contribuíram para a vivacidade da sessão) que a utilização da publicidade nas rádios locais não será limitada (porque «isso seria limitar-lhes o acesso a meios próprios de financiamento», disse Jorge Lemos, do PCP), podendo a lei vir a ser aprovada nos primeiros meses do próximo ano. «É difícil legislar no caos», disse Alexandre Manuel para justificar esse tempo de espera, porque se trata «de legislar com dignidade, aqui como sempre.»

Para Corregedor da Fonseca (MDP/CDE), a subcomissão para a Comunicação Social tem-se visto assoberbada com a larga parte dos 400 projectos que estão na Assembleia da República.

Uma em cada concelho

Raul Junqueiro admitiu ontem na Vila Magna (Montechoro), na sessão mais emotiva dos trabalhos do I Congresso Nacional, que é possível «haver uma rádio local em cada concelho» e, em alguns casos, até duas e três. O deputado socialista falava a propósito da gestão do espaço rádio-eléctrico português, caracterizado por três redes nacionais, duas das quais são da responsabilidade da Radiodifusão Portuguesa (RDP) e da Rádio Renascença.

Raul Junqueiro apelou ainda à independência política, económica e partidária das rádios locais, uma das condições de licenciamento previstas na futura lei, afirmando — como os demais deputados que as rádios locais já instaladas não serão, por isso, privilegiadas.

A todas elas será exigida qualidade acima de tudo, se bem que as condições para a atribuição de alvará sejam muito mais vastas que o que ontem foi explicitado na sessão. «Um alvará não se emite para ser cassado mas para funcionar, acentuou, por seu turno o deputado social-democrata Vieira Mesquita.

O presidente do Congresso, professor Gomes Guerreiro, introduziu a questão das rádios locais no discurso de abertura assinalando que «com todos os seus improvisos e até ingenuidade, podem ser uma pedrada no charco». Segundo ele, «constituem veículo da mensagem e do diálogo, da compreensão do mundo actual e da preparação para viver o mundo de amanhã».

MINISTÉRIO DO TRABALHO E SEGURANÇA SOCIAL
Secretaria de Estado da Segurança Social

AUMENTO DE PENSÕES

FORAM AUMENTADAS AS PENSÕES EM 13%, o que excede o nível de 9% da inflação prevista para 1987, aumentando assim o poder de compra dos beneficiários reformados.

Para os valores mínimos de pensões foram aplicadas taxas de aumento superior a 13%.

Com efeito, o valor mínimo de pensão de invalidez e velhice do regime geral é fixado em 11.500$00 (+ 15%) e o das pensões do regime especial dos agrícolas em 8.500$00 (+ 13,3%), enquanto o valor das pensões dos regimes não contributivos e equiparados sobe para 7.500$00 (+ 15,4%).

Esta actualização anual completa as melhorias resultantes do aumento extraordinário do mês de Setembro.

Os novos valores entram já em vigor em 1 de Dezembro e abrangem o subsídio de Natal.

	SITUAÇÕES ANTERIORES			NOVA SITUAÇÃO	TAXA DE CRESCIMENTO
	OUTUBRO 1985	DEZEMBRO 1985	SETEMBRO 1986	DEZEMBRO 1986	*
REGIME GERAL Pensão Mínima	5 500$00	6 900$00	10 000$00	11 500$00	15%
PENSÕES ACIMA DAS MÍNIMAS Exemplos	10 000$00 15 000$00 17 500$00	12 200$00 18 300$00 21 350$00	— — —	13 786$00 20 679$00 24 125$00	13%
REGIME ESPECIAL TRABALHADORES AGRÍCOLAS	4 800$00	5 900$00	7 500$00	8 500$00	13,3%
REGIME NÃO CONTRIBUTIVO OU EQUIPARADO	4 600$00	5 700$00	6 500$00	7 500$00	15,4%
Objectivo para a inflação em 1987					9%

EM VIGOR A PARTIR DE 1 DE DEZEMBRO

SEGURANÇA SOCIAL

Guarda e Coimbra sentiram os efeitos do mau tempo

Os concelhos da Guarda e Coimbra sentiram ontem, como outras zonas do país, os efeitos do mau tempo, com chuva intensa e fortes rajadas de vento.

Chuvas intensas acompanhadas de vento forte provocaram, mesmo, inundações na parte baixa da cidade da Guarda e perturbaram o trânsito na área da Beira Interior, com destaque para os distritos da Guarda e Castelo Branco.

As inundações registaram-se sobretudo na zona da antiga Judiaria da Guarda, bairro do Pinheiro e Torrão, enquanto que na serra da Estrela se registaram aguaceiros de neve.

Os rios Mondego e Zezere aumentaram rapidamente de caudal, tendo as chuvas provocado tambem a acumulação de detritos, areias e folhagens nas estradas da região, nomeadamente nos acessos à Guarda e zona da Gardunha, segundo informacão da Brigada de Trânsito da Guarda Nacional Republicana.

De acordo com o presidente da Câmara de Pinhel, Amadeu Andrade Poço, o mau tempo pode agravar a situação agrícola do concelho, já afectada pelos temporais registados em Outubro e que provocaram a destruição de vinhas, pontes e várias culturas.

Em Coimbra, o Instituto Geofisico da Universidade revelou ter sido registado na cidade, entre as 8 e as 9 horas, uma precipitação de cerca de 17 litros por metro quadrado. Durante este periodo, ocorreu em Coimbra um temporal que originou inundações em alguns pontos da cidade, motivadas por deficientes condições de escoamento das águas pluviais.

O vento, segundo aquele Instituto, foi tambem forte tendo sido registada às 9 horas a rajada mais forte, correspondente a 65 quilómetros por hora.

Temporal provocou falta de luz em Lisboa

A falta de luz que se registou durante cerca de 30 minutos em toda a cidade de Lisboa e zonas limitrofes, um pouco antes da meia-noite de ontem, foi motivada por causa ainda não detectada, mas que deve relacionar-se com o mau tempo, segundo disse à agência NP um informador da EDP.

A mesma fonte, adiantava cerca da 1 da manhã, que a situação já se encontrava perfeitamenete normalizada em Lisboa e que apenas algumas zonas dos arredores da capital estavam ainda sem luz.

Comandante e 2.º comandante foram os últimos a sair

Tripulação do "Nissos Skopolo" salva pelo pesqueiro "Navegantes"

Só quando o navio se encontrava já praticamente afundado é que o comandante e segundo-comandante do barco grego «Nissos Skopolos» conseguiram ser recolhidos.

As operações de socorro aos náufragos desde cargueiro de 6000 toneladas, que começou a afundar-se quinta-feira à tarde, foram prejudicadas pelo mar alteroso na zona, cerca de 200 milhas a nordeste de Ponta Delgada e pela forte ventania.

Foi em vão que a Força Aérea Portuguesa fez deslocar, para recolher os dois tripulantes retidos no «Nissos Skopolos», um dos seus helicópteros estacionados na Base das Lajes.

Isto porque, devido à distância a que ocorreu o naufrágio, a capacidade de operação do «Puma» ficou penalizada ao ponto de se prever não vir a ter êxito.

A demora da chegada da corveta «Oliveira e Carmo» ao local do afundamento, porque este vaso de guerra se encontrava atracado na Horta, fez com que a sua actuação não tivesse igualmente surtido efeitos em termos de apoio directo no socorro aos náufragos, coordenado pelo Centro de Buscas e Salvamentos de Ponta Delgado, foi essencial a participação do pesqueiro de Aveiro «Navegante».

Foi esta embarcação que ontem de madrugada fez o transbordo de 24 dos 26 tripulantes do «Nissos Skopolos».

O pesqueiro português só não conseguiu concluir então a transferência dos náufragos porque as más condições do mar provocaram a quebra do cabo que estava a ser usado.

A «Navegante» manteve-se na zona e às 13 00 horas locais conseguiu concluir a recolha da tripulação do «Nissos Skopolos».

A partir das 6.00 horas de ontem a situação do cargueiro grego foi seguida de perto por aviões da Força Aérea Portuguesa da Base das Lajes.

Uma fonte do Comando Aéreo dos Açores disse à Anop que os aviocard's da Força Aérea terão mesmo procedido ao lançamento de balsas salva-vidas para apoio aos dois tripulantes, então ainda não recolhidos, quando se lançassem ao mar.

Salva a totalidade da tripulação do «Nissos Skopolos», cujo naufrágio se presume tenha a ver com a tempestade ocorrida nessa zona do Atlântico Norte, os meios envolvidos na operação regressaram e o navio ficcou à deriva até ao completo afundamento.

Desconhece-se ainda qual a rota do cargueiro grego e que carga levava.

Abílio Curto volta ao ataque

Lei das Finanças Locais pode pôr em causa ANMP

A Lei das Finanças Locais pode «pôr em causa a Associação Nacional dos Municípios que deve ser, não um sindicato nem uma associação de malfeitores contra o Governo, mas um órgão que deve defender intransigentemente os seus associados», declarou ontem o presidente da Câmara da Guarda e membro do Conselho Geral da ANMP, Abílio Curto.

A afirmação foi feita durante um plenário de autarcas do distrito em que foram abordados os problemas dos municípios relativamente ao Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) e ao papel desempenhado pela Associação Nacional de Municípios.

Abílio Curto admitiu a existência de conflitos «entre órgãos e não entre cidadãos», salientando a sua qualidade de presidente do Conselho Geral da referida associação.

O autarca lamentou que a comissão especializada não tivesse dado qualquer parecer sobre a Lei de Finanças Locais ao Conselho Geral da ANP.

Sobre esta lei, recentemente aprovada pela Assembleia da República, Abílio Curto disse que «cerca de 45 por cento do montante atribuído, vai beneficiar concelhos das áreas de Lisboa e Porto, que coincidem com os municípios de maior densidade populacional».

Abílio Curto afirmou que esta lei «desgraça os municípios do interior» que não são beneficiados pela Lei das Finanças Locais.

Faria de Almeida, presidente da Câmara de Celorico da Beira, disse que esta lei vai «aprofundar ainda mais o fosso entre os concelhos do Interior e do Litoral».

Radioactividade em aves migratórias

Resultados negativos

— diz a Direcção de Caça

«Na sequência do acidente nuclear em Chernobyl e no sentido de avaliar o eventual grau de contaminação radioactiva de aves migradoras, nomeadamente, as cinegéticas, tem vindo o Departamento de Protecção e Segurança Radiológica do LNETI, com a colaboração do IQA a proceder à análise de exemplares de pombos-bravos, patos, tordos, galinholas, abibes e tarambolas. A recolha das aves é da responsabilidade da Direcção-Geral das Florestas e está a ser efectuada de forma sistemática e com âmbito nacional, através de todas as Circunscrições Florestais» — afirma a Direcção de Caça em comunicado.

«Nas análises até agora efectuadas os resultados obtidos têm sido negativos», acrescenta-se no documento. «Simultaneamente foram estabelecidos contactos com os Serviços Oficiais espanhóis e com o CIC (Concelho Internacional da Caça) a fim de obter informações sobre o evoluir da situação a nível europeu; desses contactos, foi obtida a informação de terem sido detectados dois casos de nível elevado de contaminação de tordos na Catalunha (Espanha), mas com níveis inferiores aos limites estabelecidos pela CEE como podendo constituir perigo para a saúde pública», dizem ainda os serviços de caça.

A DGF transcreve também, para melhor informação do público, uma declaração do Comité da Direcção da Federação das Associações de Caçadores da CEE (FACE), reunido em Bruxelas a 5 de Setembro de 1986:

«...não há razão para crer, com base num número considerável de opiniões científicas, que as aves tenham sido afectadas a um ponto tal que o seu nível de conservação tenha estado ameaçado ou, em caso de consumo, elas representem um perigo para a saúde pública. Todavia, uma vez que a protecção das espécies e a saúde pública são de uma importância capital, a FACE seguirá de muito perto os estudos sobre os efeitos de todo o tipo de contaminação.»

Há 400 mil licenças, mas cem mil não são usadas

Quem caça quer carta e para isso vai a exame

Júlio Rodrigues

Quando é que se podem encontrar os primeiros ninhos de rola? Qual é o nome da fêmea do corço? A alimentação do coelho é essencialmente constituída por plantas herbáceas, incectos, pequenos roedores ou vermes e moluscos? A raposa é herbívora, carnívora, omnívora ou granívora? Eis quatro das cinco primeiras perguntas de um teste de exame para a obtenção da carta de caçador, elaborado pela Direcção dos Serviços de Caça da Direcção-Geral das Florestas. Todo o candidato que respondeu com Maio, corça, plantas herbáceas e carnívora, respectivamente, acertou.

A Direcção dos Serviços de Caça está a acertar o passo com a Europa neste e noutros capítulos. Tem as melhores relações com os organismos da CEE e está em condições de assegurar que nada há de concreto sobre a alegada radioactividade em tordos chegados ao nosso país. É esta questão e os exames que presentemente decorrem, até 21 do corrente, para o obtenção da carta de caçador — para a qual há 6500 candidatos, entre eles dez mulheres —, ocupam a Direcção de Caça, instalada (e dependente) na Direcção-Geral das Florestas. Uma outra preocupação se vive ali: a informatização dos seus serviços.

«Os exames têm sido fáceis, podendo e devendo dizer-se que a maioria das reprovações da época de Julho/Agosto deste ano se ficou a dever a insuficiências culturais. Mas falhas gritantes, de puro analfabetismo», disse ao «Diário de Lisboa» o director dos Serviços de Caça, eng.º João Bugalho, estribado em dados fornecidos pela dr.ª Rute Pereira, bióloga e técnica superior da Direcção de Caça, a qual tem acompanhado os exames em algumas zonas do País, nomeadamente Lisboa.

Quem não sabe ler convenientemente, quem não souber interpretar as perguntas acima reproduzidas (cinco das 36 de cada teste, sendo obrigatório não errar mais que nove, isto é, 25 por cento do total), não tem hipóteses de passar. No entanto, estará sempre a tempo de aprender a ler e candidatar-se, sem restrições, a futuros exames. O mesmo não acontece em alguns países europeus — disse João Bugalho ao «DL». Um deles: Holanda. Terceiro «chumbo» e adeus carta de caçador!

Objectivo é formar e não «chumbar»...

«O nosso objectivo é formar os caçadores, os candidatos a caçadores, e não propriamente chumbá-los. Aliás, se os nossos testes fossem neste momento tão rígidos como os de alguns países europeus, a percentagem de aprovações seria forçosamente muito menor», disse Rute Pereira durante a conversa que o repórter do «DL» teve nos Serviços de Caça com o seu director — João Bugalho — e esta técnica da DGF.

O questionário dos dois primeiros testes, transitórios — como adiante-se explicará —, não foi difícil, Aliás, a matéria equacionada constava do Manual de Caçador que todo e qualquer candidato à obtenção da carta deve ler e, se possível — para não reprovar —, conhecer minimamente. Portanto, quando o candidato à carta sabe ler e se apresenta a exame está em igualdade de circunstâncias com todos os outros.

Não se coloca qualquer barreira ou problema como no acesso às universidades, em que há limites. Daí que, todo o candidato que acertar (pelo menos) em 27 respostas (das 36 perguntas feitas), uma vez que não pode falhar em mais que nove, passa, ficando com direito à carta de caçador. À sua obtenção candidata-se quem nunca a teve, o caçador que eventualmente tenha sido proibido do direito de caçar por infracção que caia nessa alçada.

Deixar em casa o título que habilita à caça é a menos grave das infracções desta actividade, ao contrário, por exemplo, de caçar com furão, em reserva interdita, no defeso ou de noite. Isto é: por processos ilícitos, em locais interditos ou a espécies proibidas.

CALENDÁRIO VENATÓRIO

ESPÉCIES	OBS.	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	1986 / 87 JANEIRO	FEVEREIRO	LIMITE DIÁRIO	TOTAL ANO
ROLAS	1		7	19	30					
CODORNIZES	1.2		7	19		28			10	
PATOS, GALEIRÕES, GAL. DE ÁGUA	1.2		7	19		28	25		10	
TORDOS E ESTORNINHOS	1.2		7	19		28		22	5/limite	
POMBOS BRAVOS	1.2		7	19		28		22	5/limite	
CORVOS, GRALHAS, PEGAS, GAIOS	1.3		7	19		28		22	5/limite	
NARCEJAS	1.2			19		28		22	10	
GALINHOLAS	1.2			19		28		22	3	
ABIBES E TARAMBOLAS	1.2			19		28		22	5	
PERDIZES				19		28			6	
SISÕES				19		28			2	
FAISÕES				19		28			5/limite	
COELHOS				19		28			5/limite	
LEBRES				19		28			1	
RAPOSAS, LOBOS E BACA-RABOS	4			19		28		22	5/limite	
GAMOS, VEADOS, CORÇOS E JAVALIS	5									

DADOS SOBRE FISCALIZAÇÃO DA CAÇA

ANO: 1982

(COM BASE NOS RELATÓRIOS MENSAIS DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE CAÇA)

REGIÕES	Nº DE TRANSGRESSÕES DETECTADAS	Nº DE CAÇADORES FISCALIZADOS	Nº DE KMS PERCORRIDOS	HORAS DIURNAS	HORAS NOCTURNAS	NÚMERO DE JULGAMENTOS
Porto	273	3738	169306	9567	656	39
V. Real	364	7116	273656	26722	2471	83
Coimbra	159	2753	120250	10648	792	48
C. Branco	34	930	96840	10199	930	19
Viseu	28	1178	34007	5813	697	1
Santarém	483	9182	530402	114448	15712	89
Portalegre	91	1029	478481	1095	255	1
Alcácer do Sal	81	2218	104797	24485	822	56
Évora	326	2357	91079	22786	1714	76
Beja	82	2867	385133	90000	63	54
Faro	34	1756	133243	28190	1536	13
TOTAIS	1955	35124	2467194	343953	25648	459

Um pastor que mata um coelho na época de defeso (e fala-se aqui em pastor pelo facto de muitos deles se candidatarem à carta de caçador e ser, também, dos que mais reprovam, por falta de conhecimentos, por não saberem ler minimamente) é levado a tribunal, uma vez que isso é infracção — quanto a caça — mais grave. O juiz que o julga tem — disse ao «DL» o eng.º João Bugalho — alguma dificuldade em condená-lo à pena mais pesada, neste caso a prisão de um a seis meses. No entanto, «os juízes em Portugal começam a sensibilizarem-se com a actividade cinegética e a aplicar, já, penas mais severas», acrescentou.

Absolvição, pena suspensa, interdição de caçar entre 1 e 5 anos e pena de prisão de um a seis meses são as quatro situações que se deparam ao infractor do exercício cinegético. Mas, apesar disso, Portugal é um dos países em que se cometem as maiores atrocidades na caça. Aliás, elas começam, por vezes, longe dos locais de caça, como já este ano sucedeu quando o Governo determinou a proibição da caça às rolas e uma publicação supostamente especializada veio a terreiro afirmar que essa medida era grave, por não apontar para válida protecção às espécies. «Contra essa proibição houve armeiros que protestaram, chegando a fazê-lo pelo próprio telefone», disse-nos João Bugalho. «Esqueceram-se que, com tal medida, nós, afinal, até defendíamos o seu negócio, evitando o extermínio da espécie», acrescentou.

Parte interessada ou interesseira?

Os caçadores portugueses são, neste complexo processo em que por vezes são muitos os interesses que se chocam, parte interessada ou interesseiros?

O eng.º João Bugalho coloca a situação neste pé quando o questionamos sobre os protestos dos caçadores acerca da nova Lei de Caça, a Lei n.º 30/86, que foi publicada em 27 de Agosto deste ano e que entrará em vigor em 25 do corrente. A seu tempo, a lei será regulamentada quanto aos exames para a carta de caçador. É essa a razão por que os testes, no futuro — e já os de 1987 —, terão de ser adequados à nova disposição. Mas o grau de dificuldade (melhor dizendo: de facilidades, pelo menos por ora) continuará como até aqui: porque, de facto, na primeira época, a esmagadora maioria dos candidatos que compareceram ao exame, passaram. Foram muitos, todavia, os que faltaram. Isso terá acontecido por desconhecimento do Manual do Caçador ou por motivos imponderáveis, de última hora.

Mas a caça, que há dias — e com algum atraso — abriu em Portugal, continua. A questão do caçador se parte interessada ou interesseira põe-se a diversos níveis, segundo o eng.º João Bugalho. Desde logo, quanto à sua integração no júri de exames para a obtenção da carta, um representante dos caçadores faz parte do trio de examinadores. Com a entrada em vigor da Lei 30/86 esse enquadramento é obrigatório ao mesmo tempo que a classe se integrará nos moldes europeus, que aliás são já partilhados pela Direcção de Caça.

Parte interessada na actividade cinegética, o caçador é, em Portugal, na maioria dos casos — são poucas as excepções à regra —, um interesseiro. Uma vez mais isso se comprovou este ano: passaram a palavra (os caçadores entre si) que abundavam peças nas zonas de Elvas e Campo Maior e todos, ou a grande maioria deles, se dirigiu para lá. O director dos Serviços de Caça defende que deverá ser «cada vez menos interesseiro e mais interessado», tendo em conta, como a lei diz, que «a caça é um recurso natural renovável cujo património e conservação são de interesse nacional».

Para fiscalizar o território nacional os Serviços de Caça contam apenas com trezentos guardas especializados, além do apoio da GNR e da PSP, e em especial da primeira. A nova lei orgânica da Direcção-Geral das Florestas prevê um quadro de 1300 guardas, pelo que a curto prazo — decorrem nesse sentido exames —, este organismo contará com mais meio milhar de efectivos, ao mesmo tempo que outros serão reciclados, de modo a controlarem a caça, a pesca e a floresta. Isto é: a terem uma formação polivalente para desempenhar missões pluridisciplinares.

Enfim: quanto à caça, Portugal encara esta actividade muito a sério, integrados que estamos na CEE. É de tal modo importante a caça que o eng.º João Bugalho admitiu ao «DL» que quando esta actividade estiver organizada poderá movimentar entre 25 a 35 milhões de contos. Repare-se em Espanha: em 1985 — frisou o director da Caça —, envolveu mais de 120 milhões de contos...

«A caça é um produto nacional, um recurso importante que constitui um factor de apoio à agricultura e pode beneficiar as regiões menos desenvolvidas, contribuindo para a sua valorização e a economia nacional. Como tal tem de ser encarada, de modo a que todos assumamos as nossas responsabilidades e não aconteça, como este ano sucedeu, que em determinada área tenham sido apontadas cinquenta mil espingardas, porque a tanto não há criação que resista», afirmou João Bugalho.

As mulheres também querem atirar

Há muitas mulheres com licença de caça e carta de caçador em Portugal — afirmou ao «DL» a bióloga Rute Pereira, técnica superior da Direcção dos Serviços de Caça. Muitas das licenças utilizadas em Portugal — acrescentou — estão em nome de mulheres que, efectivamente, as utilizam.

São quatrocentas mil as licenças de caça entre nós, das quais só 300 mil são, de facto, utilizadas. Há pessoas que faleceram e cujas licenças ainda não foram abatidas ao efectivo e outras que as têm mas delas não fazem uso. Neste momento, os modernos serviços de informática estão a passar cartas de caçador muito parecidas aos bilhetes de identidade, prevendo-se que, nos próximos tempos, o antigo documento tenha sido substituído e todo o controlo — através da informática — seja fácil.

De entre os 6500 candidatos à carta de caçador, que até 21 do corrente estarão em exame, há pelo menos dez mulheres. A dr. Rute Pereira, que domina bem a área dos testes dos serviços de caça, sublinhou ao «DL» que o aproveitamento das mulheres neste aspecto «é fracamente positivo», isto é, que elas se apresentam bem preparadas (teoricamente) aos exames. Aliás, os testes são essencialmente teóricos — como noutro local se demonstra —, prevendo-se que no futuro também envolvam — como na Europa — a sua execução prática. «Como já acontece com a obtenção da carta de condução», esclareceu-nos.

Os testes a que os candidatos são submetidos inspiram-se no tipo americano, com base em quatro temas: legislação venatória, biologia das espécies cinegéticas nas florestas, armas de caça e seus manejos e cães de caça.

A Lei n.º 30/86 prevê que «só possam caçar os indivíduos detentores de carta de caçador»...

O estilo de Manuela Gonçalves

Lurdes Féria

Como desagravo à ofensa feita a uma paisagem urbana, em mutação, para pior, cada vez mais os espaços laborais antigos estão na moda, indo ao ponto de os usar para manifestações culturais. São as padarias do princípio do século, complexadas por ainda não terem adquirido a funcionalidade duvidosa da fórmica e do alumínio, são as velhas serrações cheias de entulho, são as fábricas desactivadas, por falência, ou mudança para instalações sem personalidade.

Quem haveria de dizer ao edifício número **cinco** da Rua das Janelas Verdes, cujo interior é uma teia geométrica em madeira tosca, que um dia viria a servir de cenário a um sofisticado desfile de modas? Pois o frufru das sedas, o macio dos veludos, o brilho das jóias, tudo devidamente sublinhado por um acertado fundo musical, resgatou-a da inutilidade. Por uma noite a esquecida serração de madeiras, voltou a sentir-se prestável. **Manuela Gonçalves**, estilista que cultiva a originalidade, levou-lhes esse sopro nocturno, transformando-a em palco ou templo, onde diante dos olhos de umas centenas de espectadores passaram sugestivos quadros.

Ao existente foi necessário acrescentar uma **passerelle** que não sendo de cimento fazia o efeito dele, e ainda as bancadas construídas especialmente para a função. Neste improvisado teatro aconteceu o espectáculo com a pompa circunstancial de um acto para o qual se convocou a imaginação e a criatividade, entre jorros de luz e zonas de sombra.

Depois do **jersey** tecido em voga neste Outono-Inverno, receptivo aos banais fechos **eclair**, tamb'em eles a banalidade da estação, veio a colecção de fatos de noite, aquilo em que Manuela Gonçalves revela verdadeira mestria, que evocavam a sumptuosidade da **Renascença** italiana. A chispa da estilista reside, efectivamente, «**nesse tirar partido dos materiais**», como ela diz, e na mistura do que cintila com o que é baço. Nada de complicações no corte, nada de extravagância no desenho, a sabedoria afirma-se na maneira como «**os tecidos se encaixam e se dobram**». Da forma rectangular tomam forma casacos, saias e vestidos, o simples que resulta complexo quando vestido.

Intercalados no naipe de manequins profissionais, alguns clientes de Manuela Gonçalves afoitaram-se a passar os modelos, concebidos para o seu tipo físico e modo de ser. Vimos o pintor **Romualdo** que nem sequer pertence a galeria de figuras que giram na órbita das vagas modernistas — é ele, sempre — mostrar um conjunto branco e negro. Mas do mundo da pintura ofereceram-se também, à contemplação, **Cabrita Reis** e **Teresa Magalhães**, esta com uma saia tão travada que mal conseguia andar, exibindo a sua abundante cabeleira loira. Com os projectores em cima, acompanhando-lhe os passos furtivos, **João Perry** percorreu aquela superfície feita de um produto afim do cimento como se fosse um «iceberg». Foi o actor a interpretar o seu papel, num ambiente portuário de qualquer cidade envolvida de mistério.

Damas renascentistas, cabelos envoltos por adressos a recordar a sua época, da autoria de **Joana Rosa**, deslizaram sem sapatos como cinderelas a fugir do baile... «**Não tento fazer moda, faço roupa de que gosto**», garante Manuela Gonçalves que não é pessoa para discursos, é mesmo um tanto tímida, preferindo o **fazer** ao falar.

Ela encara a concepção da roupa sob um aspecto muito pessoal, segue os impulsos da moda com liberdade, audaciosamente independente dos ditames de momento. Nisso será libertária, será fantasista mas certo é que já se impôs como uma das nossas mais singulares desenhadoras de moda.

Sem pretensões dogmáticas de contaminar o mercado fiel a um estilo, Manuela Gonçalves desempenha a sua actividade sem cálculo, nem alaridos saloios, nem veleidades ultravanguardistas. Aos materiais que importa de fora, nobres e naturais, imprime-lhe um cunho estético, uma mensagem artística que não procura endereço.

Não levanta brado com as saias para homens, quem quiser que as ponha. Mas terão os portugueses, no masculino, coragem de as vestir? «**Pelo menos já vendi algumas... é possível que as usem, à noite, quando vão aos bares**». Lisboa desmultiplica-se em muitas e uma delas haverá capaz de aderir a qualquer novidade, ainda que difícil de pegar.

Indiscutível: as roupas assinadas por **Manuela Gonçalves** não se prestam ao desaforo da cópia. E os seus desfiles constituem um «show» a que dá prazer ir, neste último devemos destacar, sem melindres para ninguém, a colaboração do cabeleireiro Manuel João Trigo e o apoio, muito sólido, de Manuel Reis...

À beira de falência empresas imobiliárias do Algarve

Muitas empresas algarvias do sector imobiliário de construção para turismo poderão entrar em situação de falência dentro de dois meses — disse à agência NP um empresário do sector. Aquele empresário referiu que na origem desta situação estão os atrasos verificados nas avaliações de propriedades em fase de venda, que funcionários da Direcção de Finanças de Faro agora fazem a pedido do Banco de Portugal, sempre que é necessário importar capitais.

O empresário contactado garantiu que «a maioria das empresas algarvias ligadas à construção civil, e venda de propriedades para turistas estão neste momento a enfrentar sérias dificuldades de tesouraria».

Essas dificuldades, disse, são motivadas pelo facto de as avaliações «não só demorarem muito tempo, como por vezes acabarem por apontar valores irrealistas, impedindo a concretização dos negócios».

Um acordo efectuado há cerca de seis meses entre a Direcção de Finanças de Faro e a delegação regional do Banco de Portugal estabeleceu que sempre que um comprador estrangeiro solicitasse àquela instituição bancária autorização para importar capitais destinados à aquisição de bens imóveis no Algarve, a Direcção de Finanças teria que emitir um parecer.

Aquela medida resulta, na prática, na avaliação feita por funcionários da Direcção de Finanças de Faro, que visa determinar se o preço oficialmente acordado entre vendedor e comprador corresponde ao valor real do imóvel em causa.

A intenção seria assim evitar não só a fuga de capitais, como a própria fuga ao pagamento de impostos que, segundo é reconhecido na região, constituía prática relativamente corrente no sector imobiliário.

No entanto, as medidas adoptadas no Algarve têm sido apontadas como «excessivas» e «perigosas para a economia regional».

Um jurista contactado pela NP referiu mesmo que «este tipo de interferência administrativa sofre de institucionalidade ao pôr em causa a livre disponibilidade negocial entre as partes».

Por outro lado, disse ainda, as avaliações da Direcção-Geral de Finanças «apontam geralmente para valores duas e três vezes superiores ao valor que tinha sido acordado para o negócio».

«Tal como as coisas se passam agora, a maioria dos negócios acabam por não se fazer ou sofrem atrasos de meses», salientou aquele jurista, acrescentando que a Direcção de Finanças «emite pareceres onde os valores para os bens avaliados são muito superiores ao valor real do mercado».

O mesmo jurista reconheceu ser necessário «moralizar o sector», sublinhando porém que as medidas adoptadas «estão já a ter reflexos altamente negativos na situação económica de muitas empresas imobiliárias e de construção civil no Algarve».

A título de exemplo poderá citar-se uma das maiores empresas do ramo que opera sobretudo no barlavento algarvio, e que há cerca de quatro meses não faz qualquer escritura, apesar de ter para receber cerca de 400 mil contos referentes a negócios ainda não concretizados à espera das avalições.

A mesma empresa, segundo dados a que a NP teve acesso, movimentou só em 1985 perto de três milhões de contos em divisas e dela dependem, directa ou indirectamente, cerca de dois mil postos de trabalho.

Economistas algarvios consideram que a crise que o sector imobiliário atravessa no Algarve poderá ter graves repercussões na vida económica da região.

Aqueles especialistas defendem que, se não for alterada a actual situação, «a procura imobiliária feita por estrangeiros no Algarve vai ser afectada, já que nenhum estrangeiro vai querer comprar casa na região, enfrentando tantas dificuldades, quando pode comprar mais facilmente em qualquer outro país mediterrânico».

ENIC termina hoje

A segunda Exposição Nacional de Informática, Comunicação, Burótica e Microfilme (ENIC) encerra hoje, no Forum Picoas, em Lisboa.

O certame contou este ano com 58 expositores, o que significou um aumento de 30 por cento em relação ao ano anterior, abrangendo áreas como a telemática, automação de escritórios, microfilme e disco óptico, «software», grandes e pequenos sistemas informáticos, entre outras.

Paralelamente à exposição, decorreu um conjunto de conferências subordinadas aos temas «O computador na formação», «O tratamento de texto de ontem, hoje e amanhã» e a «Concepção de um sistema de informação», apresentados por especialistas do sector.

Considerada a maior exposição portuguesa na área especifica das novas tecnologias de informação, a segunda ENIC foi organizada pela SOCEDITE, editora do jornal «Correio Informático» e das revistas «Cérebro» e «Videosom», e dirigiu-se aos quadros de empresas, gestores, profissões liberais e técnicos.

No entanto, os responsáveis da iniciativa sublinharam o interesse manifestado pelos jovens, dado as facilidades de entrada concedidas aos portadores de «cartão jovem».

Sindicatos da CGTP contestam acordo da UGT na Função Pública

A Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública (FEDSFP - CGTP) acusou ontem a Frente dos Sindicatos da Administração Pública (FESAP - UGT) de «fazer um jeito» ao Governo ao assinar com este um acordo de actualização salarial para 1987.

O acordo, ontem assinado, contempla um aumento de 12 por cento na massa salarial global, registando os vencimentos uma subida média de 11 por cento.

A FEDSFP afirma que a UGT «aceitou a imposição de aumentos inferiores aos que as verbas do Orçamento de Estado permitem».

A Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública (CGTP-IN) foi convocada para uma reunião segunda-feira no Ministério das Finanças.

Os sindicatos representados na Frente Comum (CGTP-IN) são 29 e representam, segundo os seus dirigentes, cerca de 300 mil dos quase 500 mil trabalhadores do sector.

Segundo a UGT, o Governo comprometeu-se a discutir previamente com a FESAP os diplomas ligados à introdução dos Impostos Profissional e Complementar na adnistração pública, tendo ficado garantido que os trabalhadores não terão quaisquer perdas em termos de salários líquidos.

Governo nega importação directa de centrais digitais

A Secretaria de Estado dos Transportes e Comunicações considerou ontem «sem qualquer fundamento» notícias segundo as quais a administração dos CTT e TLP decidira importar directamente da Alemanha Federal seis centrais digitais. Apesar de negar «qualquer fundamento» a essas notícias, o comunicado diz que o assunto foi exposto pelos CTT/TLP e que «o Governo está neste momento a estudar o assunto».

O presidente da administração dos CTT e TLP, Viana Baptista, disse na última quarta-feira à Anop que a administração daquelas empresas públicas tinha decidido importar directamente da Siemens alemã, e sem passar pela Centrel, seis centrais de comutação digital.

Viana Baptistaacrescentou à Anop que a importação das centrais estava já prevista nos termos dos contratos para a introdução de comutação digital na rede telefónica nacional, que definiam que as primeiras centrais seriam sempre importadas.

No comunicado refere-se que «os problemas resultantes do projecto de reestruturação da Centrel, que têm vindo a ser discutidas pelos accionistas, têm impedido a aprovação do contrato de investimento e a formalização do contrato de fornecimento«/

Esta situação — salienta-se está a causar «sérios prejuízos» aos CTT e TLP e «a concretização de investimentos essenciais à satisfação das necessidades públicas de comunicações», e levou as duas empresas públicas a expor o assunto ao Governo.

«O Governo está neste momento a estudar o assunto», acrescenta o Gabinete do secretário de Estado, Sequeira Braga.

Portaria da Lei das Rendas é ilegal

— *afirma a Associação de Inquilinos de Lisboa*

Em conferência de Imprensa realizada ontem, a Associação de Inquilinos de Lisboa pronunciou-se a propósito da portaria de correcção das rendas fixada pelo Governo, que considera ilegal.

Segundo o Eng. Godinho daquela Associação, a portaria públicada no «Diário da República» é ilegal, «porque permite que os senhorios aumentem aa rendas duas vezes em períodos inferiores a seis meses».

A Associação de Inquilinos de Lisboa fundamenta a sua afirmação na «Lei 4685 - Lei das Rendas- naquilo que está expresso nos artigos 6º nº 1 e 12º nº1».

Os factores fixados pelo Governo para a correcção das rendas de casa, a aplicar no próximo ano, determina que para os casos das rendas que não foram alteradas até 1977 (exclusive) o factor de correcção é de 1,1275.

Para os casos em que os contratos de arrendamento foram celebrados entre 1977 e 1979, o factor de correcção é de 1,085. Estes factores de actualização podem ser aplicados a partir de Janeiro de 1987.

Para a Associação de Inquilinos de Lisboa, com esta portaria, quem viu a sua renda aumentada em Julho, Agosto ou Setembro, teria novo aumento em Janeiro.

Os subsídios de renda foram também analisados na conferência de Imprensa, afirmando o Eng. Godinho que «o Governo previa que meio milhão de portugueses recorresse a ele, mas só se candidataram 13467. O Governo dizia também que 200 mil pessoas teriam direito ao subsídio, mas só 11 mil o tiveram, o que foi um erro extremamente grosseiro do Governo».

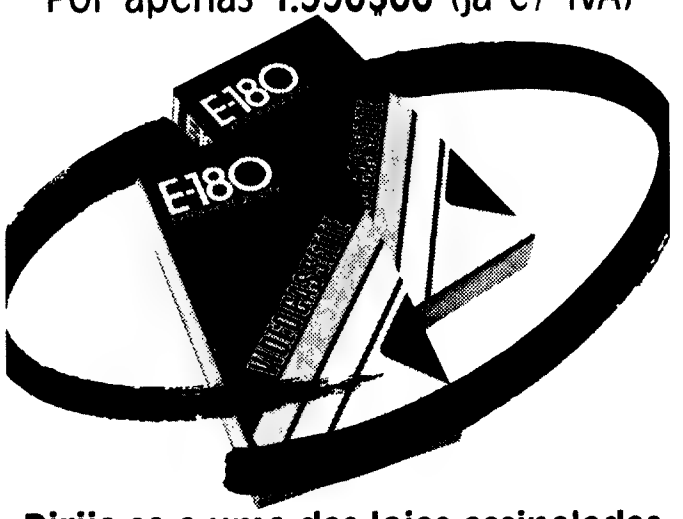
A concluir, a Associação de Inquilinos de Lisboa afirmou que «a portaria é uma grande confusão, que só serve para deitar poeira nos olhos das pessoas», exigindo asim a revogação da Lei das Rendas.

OPORTUNIDADE ÚNICA NA SINGER

De 17 a 22 de Novembro

COMPRE 2 ÓPTIMAS VIDEOCASSETES POR GRAVAR

Por apenas 1.990$00 (já c/ IVA)



Dirija-se a uma das lojas assinaladas

Hi-Fi & Video Clube SINGER

Preço normal ..... Esc. 2.580$
Preço de promoção .. Esc. 1.990$

RÁPIDO! O STOCK É LIMITADO!

* Uma Marca de Fábrica da «THE SINGER COMPANY»

ACEITAMOS O SEU CARRO COMO LANCE

EU QUERO

carro, motas e mobílias

ELECTRODOMÉSTICOS – TV – HI-FI
VIDEO – BARCOS – CARAVANAS
ARMAS – CASAMENTOS – BAPTIZADOS
VIAGENS – E TUDO O QUE PRECISAR

VÁ JÁ À

MOVIGRUPO

CONSÓRCIO

Recorte preencha e envie HOJE MESMO

SEM entrada juros DOS 12 AOS 60 MESES

Rua Luciano Cordeiro 18-A
Tel. 52 13 84 Lisboa

ou

Inscreva-se nas lojas dos
MÓVEIS PICA-PAU e
DARTY-MÓVEIS CONFIANÇA
das org.: **A. S. NUNES**
em

ODIVELAS – **Fábrica.** R Alfredo Ruas, 50-A Pedernais 982 60 54/58 (à Ponte da Bica)
LISBOA Av Almirante Reis 125 - ☎ 530076
LISBOA – Est Benfica 174-176 - ☎ 780599
AMADORA – Av D Nuno Alvares Pereira 5-B - ☎ 4945691
QUELUZ Av Antonio Enes 20-B - ☎ 952306
ALMADA – Av 25 de Abril 45 ☎ 2769001
COVA DA PIEDADE - R Conceição Sameiro Antunes 13-B - ☎ 2754952
PAIVAS Est Nacional 10 Lote 30 ☎ 2210067
V F.XIRA - R Alves Redol 80-B ☎ 24011
Mem Martins – Rua Chabi Pinheiro, 8 - Tel 9217294
SETUBAL – Av D Manuel I 80 (Frente ao centro Com Dufa)
BARREIRO – R Dr Manuel Pacheco 92 A - ☎ 2077237
ALVERCA Av Capitão Meleças 34-A - ☎ 2582403
LISBOA – R Luciano Cordeiro 18 A – ☎ 521384
C BRANCO – Av Nuno Alvares Bloco B Letra G ☎ 24741
FORTO – Av da Boavista 1092 - ☎ 697447
COIMBRA – Av Fernao de Magalhaes 60 ☎ 26185
FARO – R Eça de Queiros 2 - ☎ 27580
LOULÉ R Ataide de Oliveira 18

AGORA EM SETUBAL

NOTA As lojas de Lisboa, Amadora, Queluz e Mem Martins estão abertas ao Sabado de tarde

07

MOVIGRUPO
Rua Alfredo Ruas 50
2675 Odivelas

Bens que deseja adquirir

Estou interessado na visita do Vendedor

Estou interessado em folhetos explicativos

Estou interessado em ser contactado na morada ou tel

Nome

Morada

Localidade Codigo Postal

IMPORTANTÍSSIMO LEILÃO

DE VALIOSAS E RARAS PEÇAS
DE ANTIGUIDADES, OBJECTOS DE ARTE
E DO RESTANTE RECHEIO, QUE GUARNECEM O

PAÇO DO LUMIAR

(Rua Direita, 9)

Ordem das sessões, com horário prefixo.

1.º Leilão — Nos próximos dias **20 (5.ª-feira) e 21,** às 15.00 e às 21.00 horas e **dia 22,** às 15.00 horas, de **Novembro de 1986.**

Exposição — Nos dias 17 (2.ª-feira), 18 e 19 do corrente, das 9.00 às 13.00 e das 15.00 às 19.00 horas.

◇ ◆ ◇

2.º Leilão — Em 19 e 20 de Fevereiro de 1987, às 15.00 e às 21.00 horas.

Exposição — Nos dias 16 (2.ª-feira), 17 e 18 de Fevereiro de 1987, das 9.00 às 13.00 e das 15.00 às 19.00 horas.

Constando em especial de mobiliário da época (na sua maioria) e de estilo – Pinturas, Gravuras e Desenhos, de consagrados artistas portugueses e estrangeiros – Imponentes Lustres – Piano Meia-Cauda, Steinway & Sons, e outro Vertical – Liteira – Porcelanas Orientais, da China, Comp.ª das Índias, Cantão, Mandarim, Japão e outras, algumas Brasonadas – Porcelanas Europeias – Faianças Portuguesas – Tapetes e Passadeiras, Persas e Orientais – Carpetes Europeias de Aubusson, Arraiolos, etc. – Tapeçaria Flamenga – Pratas – Relógios – Esculturas de Marfim, Bronze, Mármore e Madeira – Cristais e Vidros – Casquinhas e Metais – Biblioteca, Postais e Selos – Bengalas – Tecidos - «Bibelots» e Objectos de Vitrina – Vinhos Antigos, etc., e todo o restante recheio, num total de cerca de 1300 lotes, *descritos em catálogo* (com 130 ilustrações) *a adquirir e* em Lista Extra-Catálogo.

Oportunamente em anúncios a publicar em diversos jornais, se fará descrição mais pormenorizada.

Realiza-se esta importante almoeda por motivo do falecimento da senhora D. Maria Espírito Santo Silva de Mello, cujo leilão se efectua neste Paço, que era sua residência.

Também será vendido, por meio de ofertas o prédio (anexo do Paço — «Casa da Malta»), cujos esclarecimentos são prestados por esta agência encarregada da venda.

O catálogo condiciona a entrada na exposição e no 1.º e 2.º leilões, somente nas três primeiras sessões, custando 500$00, para evitar assistência sem interesse pela almoeda. Agradecemos que V.as Ex.as façam a aquisição do catálogo, no nosso escritório ou no Paço do Lumiar, nos dias da exposição ou do leilão, pois o envio pelo correio torna-se difícil pelo motivo do nosso ficheiro conter cerca de 3000 fichas de clientes, e a data do leilão já ser muito breve.

Na sua deslocação ao leilão recomendamos a maior precaução no trajecto entre o Museu do Trajo e o Paço do Lumiar, pois a rua além de várias curvas é em alguns sítios bastante estreita.

Paço do Lumiar – Rua Direita, 9 · Telef. 759 01 71 – 1700 LISBOA

LEILÕES MENDONÇA LIMITADA ANTIGUIDADES LISBOA

ORGANIZAÇÃO DA ANTIGA AGÊNCIA

SOARES & MENDONÇA, LDA.

— LEILOEIROS – AVALIADORES —

Rua Luz Soriano, 53-1.º • Telefs. 32 13 12 – 36 98 80

1200 LISBOA

FISCO: alternativa à evasão é ser comido

João Almeida

«Ou se entra na evasão ou se é comido» foi a expressão utilizada por uma fonte próxima dos Serviços de Fiscalização Tributária. Esta é a situação resultante de um Estado com muitas despesas, a precisar de um volume crescente de impostos que as paguem, responsável por um sistema fiscal emaranhado e caótico que leva os declarantes a uma evasão não detectada pelas malhas largas da fiscalização e que penaliza os contribuintes por conta de outrém.

Tudo começou a piorar nos finais da década de sessenta com uma aceleração do volume das despesas públicas. Primeiro, foi a guerra colonial e depois, já em tempo de paz, os efeitos da descolonização, o aumento dos serviços públicos, do quadro de pessoal, da subsidiação a empresas e produtos e ainda dos encargos da dívida pública. A par dessa dívida, os impostos cresceram no total das receitas.

Os sinais de agravamento deliberado das taxas verificam-se em 1969, são reforçados com vigor em 1974 e finalmente também em 1976. Na década de 70, assiste-se à criação de um complexo sistema tributário, composto de cerca de 90 impostos e taxas. Poucos os deviam conhecer na íntegra e menos os que dominavam os seus complexos mecanismos.

O imposto inflação

A inflação observada após 1976 provocou um crescimento nominal dos rendimentos, embora o sistema fiscal tenha sobretudo penalizado os que estavam sujeitos a uma retenção obrigatória na fonte e sobre os quais incidiam impostos progressivos. Com efeito, ao mesmo tempo que a retenção os impediu de fugir, nenhuma actualização dos escalões de imposto foi feita, tendo o crescimento nominal dos rendimentos provocado uma subida das taxas de tributação, tal como se se tivesse dado uma melhoria das condições de vida. O que a inflação cortara nos rendimentos, foi ainda mais reduzido pelos impostos progressivos.

A distorsão fiscal agudizou-se com uma concentração social dos contribuintes na camada dos Trabalhadores por Conta de Outrém, carregados com dois impostos progressivos - o Profissional e o Complementar - e assim impossibilitados de qualquer evasão.

Complicado e cheio de legislação contraditória, o sistema fiscal sobrepõe impostos para a mesma fonte de rendimento, de tal modo que, em 1984, estimava-se que 100 unidades de lucro davam origem a apenas 8 líquidas de impostos. «Ou se entra na evasão ou se é comido», afirma a citada fonte, «quem roeu a corda foi o Estado com a elevação das taxas».

Evasão e fraude

O sistema fiscal é injusto nem que seja porque há uns que não podem fugir. Os outros vão descobrindo formas cada vez mais refinadas de omitir rendimentos ou de rodear a letra da lei.

Casos frequentes na Construção Civil, como o que levou o actual secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, Oliveira e Costa, à Alta Autoridade contra a Corrupção, são os de venda de casas por um valor superior ao declarado às Finanças, diminuindo o montante de sisa a pagar.

O imposto sucessório é facilmente defraudado. As declarações de património não são verificadas e só uma pequeníssima parte das transmissões é tributada. O sigilo bancário serve para ultrapassar a trama fiscal, bastando a conta ter duas assinaturas ou o potencial falecido assinar um cheque em branco.

Mesmo o Imposto de capitais pode não incidir sobre o proprietário. Se o banco estiver interessado no depósito, pode oferecer ao depositante parte do imposto a pagar.

Contudo, a maior fuga verifica-se no Imposto Profissional, Complementar e na Contribuição Industrial. No primeiro, a fraude é cometida por retenção abusiva na fonte, por parte das entidades patronais que assim aproveitam esse capital sem juros. A fuga faz-se também pela omissão de rendimentos na declaração do imposto, sobretudo praticada pelas profissões liberais. «Eu passo sempre recibos» diz um jurista, «desde que mo peçam 3 vezes...». A recusa a passar recibos estabeleceu já preços com duas tabelas, com ou sem recibo, tornando os utentes individuais cúmplices da fraude.

Quanto ao Complementar, basta «esquecer-se» de entregar a declaração. Exemplo disso, é o de um jovem advogado, com escritório montado há muitos meses, que espera que as Finanças o avisem do atraso.

Numa entrevista à televisão, o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais disse terem sido detectados 20 mil casos de rendimentos superiores a mil contos anuais, não declarados para efeitos de cobrança do Imposto Complementar e 375 mil de retenção ilegal do Profissional.

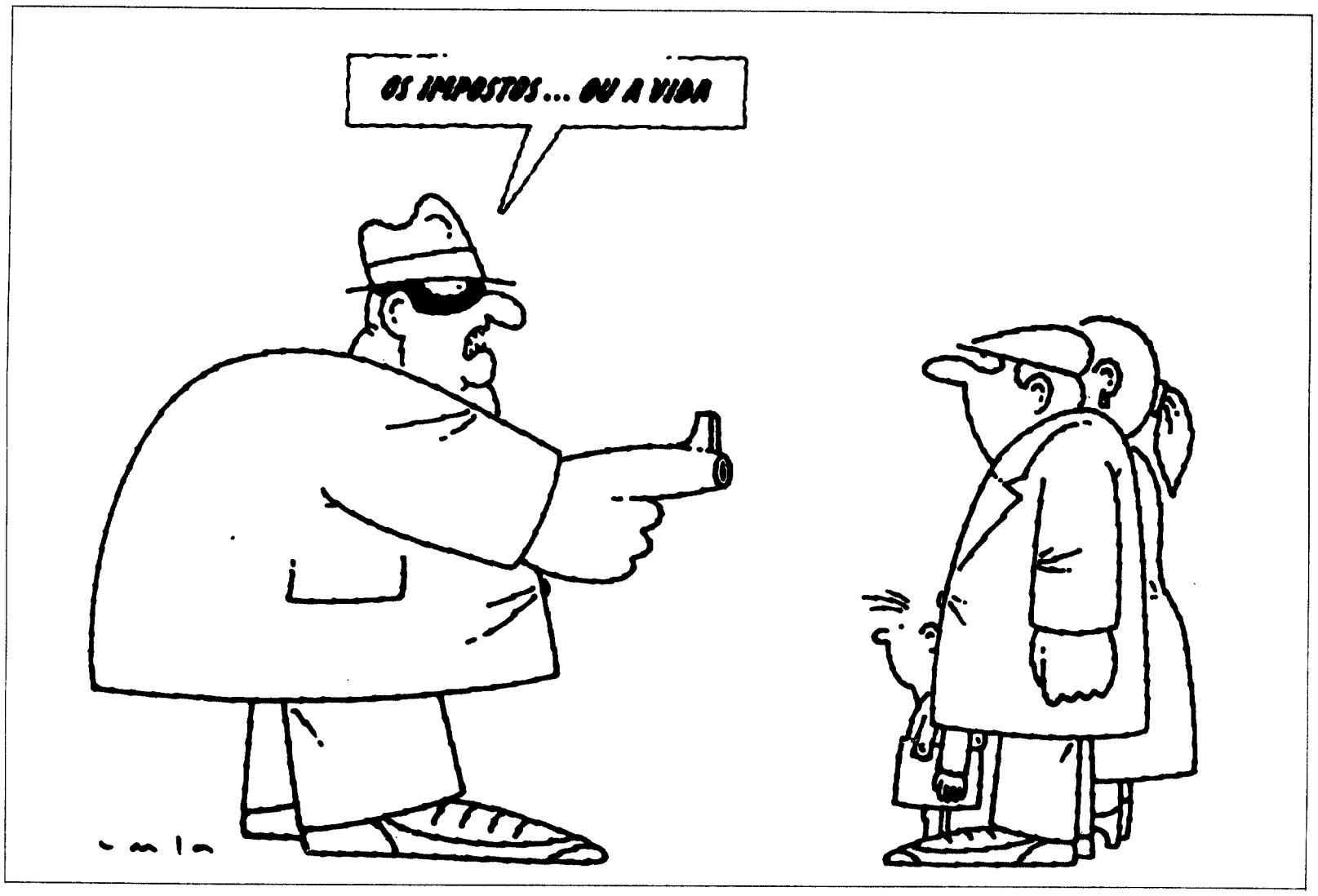
E sobre os lucros?

Na Contribuição Industrial, o objectivo é mostrar que a actividade exercida tem muitos custos e poucos lucros. Neste capítulo, as fugas assumem as formas mais refinadas. Segundo um exemplo dado por Eugénio Rosa, técnico da CGTP, o alastramento no norte do país do trabalho domiciliário, pago à peça, faz uma família inteira trabalhar, sem que se passe recibos de pagamento. Sem referir as consequências para a Previdência Social, passa-se que, no fim, o proprietário declara valores de facturação inferiores aos realmente verificados, fazendo economia paralela com a sua própria empresa.

Estes e outros casos tornam a detecção através das contas da empresa uma tarefa difícil. «Quem sai prejudicado são as pequenas empresas que não têm técnicos de contabilidade à altura» afirma uma pessoa próxima dos Ser-

o "na desorganizada economia portuguesa

FISCO



viços de Fiscalização. As grandes, são outra coisa. «Há uma empresa que mandou o seu contabilista durante três meses para a Bélgica aprender a defraudar o IVA». Um advogado mostra-se duvidoso. «A fuga ao IVA, por parte das empresas, só tem interesse ser feita por recurso à economia paralela». A menos que se aposte na falta de fiscalização.

Uma ligeira fiscalização

«Para os casos em que há manifesto dolo, não podemos deixar de exercer a autoridade do Estado» dizia Oliveira e Costa à televisão. No entanto, a incapacidade de fiscalização é uma opinião unânime. «As declarações podem todas ser vistas, o que não são é convenientemente analisadas» diz uma fonte ligada aos serviços de fiscalização, acrescentando que o pessoal não é devidamente qualificado. Neste momento, a matéria colectável pode ser legalmente fixada pelos chefes de repartição, embora não lhe sejam exigidos quaisquer conhecimentos de contabilidade. Este facto confirmou-o o técnico sindical que contou uma vez terlhe sido acrescida a matéria tributável, segundo disse o chefe de repartição, «para pagar pelos outros».

Os quadros de pessoal estão completamente degradados. Os liquidatários foram promovidos a técnicos tributários por carimbo e aumento de letra. «O quadro de liquidação faz recurso contínuo ao uso de tarefeiros enquanto o quadro do departamento do serviço de fiscalização tributária só tem um quinto do que está estipulado por lei, numa zona com mais de metade da importância económica a nível nacional» diz a mesma fonte. Existem 11 supervisores para um quadro de 23. No total dos serviços de fiscalização, o quadro só tem cerca de 30 por cento do previsto na lei. A sobrecarga de trabalho resultante é manifesta no caso dos supervisores que é usual terem a seu cargo vários bairros fiscais e ainda algumas freguesias. Tudo a pretexto de uma conterção das despesas públicas que, a outros niveis, não se verifica.

A degradação atinge os serviços externos, sendo as empresas controladas de 5 em 5 anos e por sorteio. Algumas nunca o foram, outras são-no mais de uma vez...

Medidas a tomar

O secretário de Estado dos Assuntos Fiscais afirma que, até ao final do primeiro trimestre de 1987, mil técnicos irão entrar para o quadro de Fiscalização e que se está a fazer «o que nunca foi feito». Oliveira e Costa referia-se ao tratamento informático dos dados retirados das declarações de impostos. E que impostos?

Em Setembro passado, Oliveira e Costa afirmava numa tomada de posse que haveria um «semáforo» fiscal, com contribuintes a ser classificados a vermelho, amarelo ou verde consoante o seu comportamento fiscal. Em conversa telefónica com o «DL», Oliveira e Costa disse tratar-se de apenas de uma imagem que tenta caracterizar o comportamento dos contribuintes, detectado através do cruzamento dos dados obtidos na instalação do IVA com os da Contribuição Industrial.

Segundo fonte bem informada, os dados já estão a ser introduzidos e podem ser trabalhados. No entanto, Oliveira e Costa que à televisão apenas forneceu dados de cruzamento do Imposto Complementar com o Profissional, afirmou ao «DN» ser imprudente proceder a uma desaceleração brutal dos rendimentos de trabalho. Disse ainda que«quanto à fuga, ela também tem significado em termos de rendimentos de trabalho, mesmo excluindo as profissões liberais».

Aliás, relativamente às profissões liberais, Oliveira e Costa mostra-se confiante em resolver a sua situação fraudulenta, através do diálogo «com as diversas ordens»que as agregam.

«Temos que pôr disciplina», afirmou à televisão, uma disciplina que, na entrevista ao «DN» se transforma em acção moralizadora, de esclarecimento.

Nos tribunais tributários

Quantos processos estão nos tribunais tributários? Qual o montante envolvido? Sobre que impostos incide a maior parte dos processos? Estas as principais perguntas que quisémos fazer.

No 1ºTribunal Tributário, em cujas escadas, à semelhança de todos os locais da função pública, se vendem produtos da economia paralela, disseram-nos não ser o local indicado para obter respostas, remetendo-nos para a Direcção-Geral de Contribuições e Impostos. Aí, sugeriram que se pedisse por escrito ao Director-Ceral. No gabinete daquele, disseram-nos só ser possível com autorização da Secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais que, apesar de informada, há duas semanas que nada responde, mesmo contactada duas vezes por dia.

Algo estará mal se a justiça funcionar ao ritmo a que se presta informações. Resta saber se existe um real empenho em prestar informações, do mesmo modo que, maldosamente, supomos quanto à execução dos processos existentes.

Com efeito, a lei não parece ser um factor motivante. O Código Processual de Contribuições e Impostos, no seu artigo 115º, afirma ser de 5 anos o prazo de prescrição do procedimento judicial e que só se interrompe esse prazo se o processo se movimentar, com notificação do arguido. O mesmo é dizer que, se durante 5 anos nada fôr levantado, o eventual processo é arquivado. E como o prazo de prescrição se inicia no momento da infracção (art.118º do Código Penal), facilmente se percebe o que acontece aos casós possivelmente detectados.

Esse parece ter sido o caso de um político que já desempenhou funções de responsabilidade que, manifestando um excesso de zelo, decidiu guardar por alguns dias, os necessários, um processo que envolvia algumas centenas de milhar de contos de fuga ao fisco, por parte de uma conhecida empresa do ramo automóvel.

Outro caso exemplar, é o dos deputados da Assembleia da República que não fizeram a entrega da declaração de rendimentos ao Tribunal Constitucional, ao recusarem-se ser ouvidos como arguidos no processo movido pelo Ministério Público. Se os deputados mantiverem a sua atitude, a instrução preparatória, ao abrigo de uma lei elaborada pelos deputados, será impossibilitada e os autos serão arquivados.

Basta fazer a reforma fiscal?

A indisciplina não parece, pois, ser fruto unicamente de má formação dos agentes económicos.

Contudo, apesar de ser uma parte, a manutenção do actual sistema é insustentável, dado ser incapaz de «satisfazer os objectivos de equidade, eficiência, simplicidade e certeza de uma moderna estrutura fiscal» como reza o decreto-lei que institui a comissão de reforma fiscal, promulgado em 26 de Junho de 1984.

Uma reforma fiscal só para 1988, mas que Oliveira e Costa afirmou, em Fevereiro, entrar em funcionamento a partir de 1987, dizendo mesmo «se não conseguirmos isso, considero que falhámos».

A comissão está a trabalhar na estrutura do imposto único sobre o rendimento que deverá harmonizar-se com os vários impostos indirectos, no sentido de uma maior equidade.

Segundo informou Paulo Pitta e Cunha, presidente daquela comissão, o imposto único sobre o rendimento dividir-se-à em duas partes principais: sobre as pessoas individuais e sobre as colectivas. Na primeira, onde incluirá os rendimentos das empresas em nome individual, o imposto complementar desaparecerá e os diversos parcelares constituir-se-ão em parcelas ponderadas sobre as quais recairá uma taxa única progressiva. A segunda, incidirá principalmente sobre a base da Contribuição Industrial, excluindo as empresas individuais e agregando as empresas públicas. Haverá uma declaração única de contribuinte, não havendo grandes alterações quanto à forma de cobrança, sendo por retenção na fonte ou pagamento feito pelo contribuinte.

No essencial, voltar-se-à a colocar a questão das diversas taxas, dos termos em que as diversas ponderações forem atribuídas, se o objectivo de equidade é conseguido ou se se manterá a actual situação de injustiça fiscal. «De qualquer modo, é já positiva a desaparição do imposto complementar» atalha o presidente da comissão, tendo acrescentado que, dentro de alguns meses, se pensa ter já estudos quantificados.

O presidente da comissão de reforma fiscal advertiu, contudo, não se poder esperar a resolução de todos os problemas só pela simples instituição de um novo sistema. «A Reforma Fiscal não é o El Dorado. É apenas uma parte do contexto». E adiantou que reformas também seriam necessárias ao nível da Administração Fiscal.

Tudo dependerá novamente da política definida, se se acrescentará impostos, taxas, isenções, casos excepcionais que poderão adulterar a filosofia preconizada por uma reforma bem intencionada. Mas a questão principal, no entanto, parece ter sido posta por uma fonte próxima dos serviços tributários ao afirmar que nada se pode dissociar do tecido económico e social. Vive-se, dizia, numa «economia desorganizada que nem capitalista é».

Os palestinos procuram entender-se

A luta dos palestinianos por uma pátria tem sido entravada por um combate cerrado entre a Fatah do presidente da OLP, Yasser Arafat, e pelo menos dez facções rivais. Um encontro de reconciliação está a ser organizado para reunir as facções em contenda.

Chitra Anand
Gemini News/DL

A liderança sitiada da Organização de Libertação da Palestina (OLP) parece determinada a colocar a casa em ordem antes de empreender qualquer outra acção rumo ao seu objectivo último, o de um Estado palestiniano independente. O efeito de uma conferência de reconciliação, planeada entre as suas facções, poderia assinalar uma dramática mudança na situação política do Médio Oriente.

A União Soviética aplicou a sua influência na actuação do comité executivo da OLP, com a qual a OLP espera reunir as suas facções e afirmar a imagem de um movimento palestiniano único, após três anos de contendas internas.

A conferência de reconciliação deverá efectuar-se na Argélia ou no Sudão, de acordo com um funcionário superior da OLP, «longe das pressões políticas exercidas pelos Estados árabes directamente envolvidos no conflito israelo-ára be».

A conferência pode abrir a via para a reunião do Conselho Nacional Palestiniano (CNP) — o parlamento palestiniano no exílio. Espera-se que reúna pelo menos cinco facções pró e anti — Arafat.

São elas: a Fatah, o maior grupo de comando palestiniano e a base de apoio de Arafat na OLP; a Frente de Libertação da Palestina (FLP), de Mohammad Abbas (Abu Abbas); o Partido Comunista Palestiniano (PCP) de Suleiman Najjab; a Frente de Libertação Árabe (FLA), de Abdul Rahim Ahmed, e a Frente Democrática para a Libertação da Palestina (FDLP), liderada por Nayef Hawatmeh.

Cinco outras facções — a Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP) chefiada por George Habash; o Comando-Geral da FPLP (CG) de Ahmad Jibril; a Frente de Luta Popular (FLP), liderada por Samir Ghoshe; Al Saiqa de Tala'a Naji e dissidentes da Fatah sob o comando do coronel Saeed Musa (Abu Musa) — estão agrupadas na Frente de Salvação Nacional Palestiniana (FSNP), anti-Arafat.

Enquanto a FPLP tornou a sua comparência na conferência dependente da renúncia de Arafat relativamente a todas as iniciativas de paz patrocinadas pelos Estados Unidos e da reafirmação da adereência da OLP à luta armada, as outras facções parecem ter posto de parte a sua participação.

Fontes da OLP afirmam que a chefia da Fatah abdicou já da esperança de levar a FPLP-CG, Al Saiqa, a FLP e os dissidentes da Fatah às conversações de reconciliação, e está agora a desenvolver intensos esforços, embora indirectos, para levar a FPLP a comparecer.

O sucesso do encontro depende em parte da maneira como a Fatah será capaz de convencer as outras facções de que não abandonou o objectivo de um Estado independente, apesar do acordo político de Arafat com a Jordânia, em Fevereiro de 1985.

O acordo de 11 de Fevereiro conduzia a um Estado palestiniano confederado com a Jordância. Não previa explicitamente um Estado independente. O acordo estimulou acções políticas intensas. A OLP foi pressionada a aceitar as condições dos Estados Unidos para iniciar uma conferência internacional que possibilitasse uma resolução do conflito israelo-árabe.

os esforços sucumbiram quando a OLP se recusou a aceitar as condições norte americanas. A Jordânia anulou a coordenação política com a OLP.

Como os primeiros passos em direcção à conferência exigem que o acordo seja revogado, a Fatah, a FDLP e o PCP anunciaram em Setembro, em Damasco, que o acordo já não estava em vigor. No entanto a declaração não revogava inteiramente o acordo.

Também crucial para a conferência será como irá a Fatah aceder às exigências para que Arafat renuncie à «Declaração do Cairo», de Novembro de 1985, condenando os ataques anti-israelitas fora dos «territórios ocupados».

Foi comunicado à Fatah que deveria invalidar publicamente todas as decisões adoptadas aquando da 17.ª sessão do CNP, levada a cabo em Novembro de 1984, em Amman, e considerar a sessão como se não tivesse sido efectuada. A sessão foi boicotada, na altura, por todas as facções da OLP excepto pela Fatah, que a organizou, pela FPL e pela FLA. Para aplacar os seu oponentes, a Fatah tem de prometer que todos os futuros contactos com a Jordânia e o Egipto serão limitados às «forças progressistas» destes dois países, o que significa grupos clandestinos palestinianos e jordanos, na Jordânia, e partidos políticos da oposição, no Egipto.

Outra exigência da FDLP é de que a «liderança centralizada» de Arafat seja substituída por uma «liderança colectiva» representando todas as facções da OLP. Isto está na linha de um acordo anterior entre a Fatah e a FPLP, a FDLP, o PCP e a FLP.

O acordo foi delineado para resolver a controvérsia levantada pela visita de Arafat ao Cairo e pelo seu encontro com o presidente egípcio, Hosni Mubarak, em Dezembro de 1983.

O acordo nunca foi integralmente implementado. Teria exigido uma reunião do CNP para sancionar as reformas, mas todas as facções não-Fatah, excepto a FLP, insistiram que o conselho só deveria ser reunido se todas as facções da OLP comparecessem, O CG-FPLP, os rebeldes da Fatah e Al Saiqa exigiram a destituição de Arafat como o preço pela sua comparência.

As acções conducentes ás mais recentes conversações de reconciliação foram iniciadas com um encontro das cinco facções na Argélia, em Junho, e confirmadas pela liderança soviética, numa conferência em Moscovo em Julho. Os soviéticos prometeram ainda que iriam envidar todos os esforços para convencer a Síria, qeu apoia a FNSP da linha dura, anti-Arafat e os membros da Frente, baseados em Damasco, a comparecer.

No entanto, Jibril, líder do CG-FPLP, e o chefe dos dissidentes da Fatah, Abu Musa, excluíram a sua participação em qualquer diálogo com a Fatah sob a liderança de Arafat. Jibril e Abu Musa avisaram também a FDLP e a União Soviética para não iniciarem acções conducentes à reconciliação com Arafat.

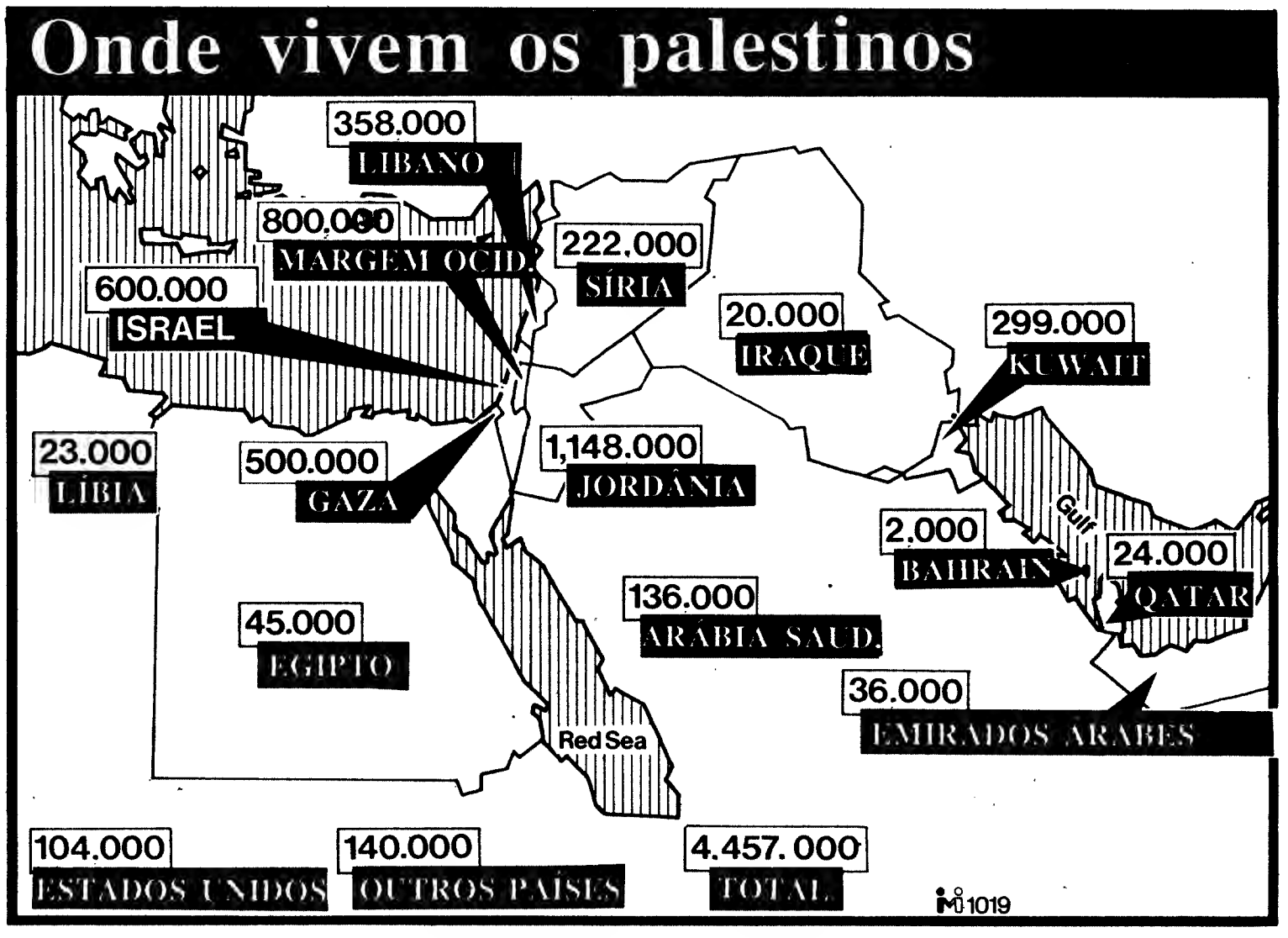
Um enviado superior soviético visitou a Síria e a Jordânia em Agosto último. Encontrou-se com os líderes de todas as facções agrupadas na FSNP numa tentativa de os convencer da necessidade de reunificar as fileiras da OLP. No entanto, afirma-se não ter sido a missão soviética bem sucedida.

De qualquer modo, parece certo que as cinco facções, que concordaram em levar a cabo conversações de reconciliação, estão dispostas a prosseguir e convocar uma reunião do CNP «com ou sem» a FSNP.

O renovado interesse soviético no Médio Oriente e a tentativa de Moscovo de reunificar as fileiras da OLP podem significar aparentemente a crença do Kremlin de que a unidade palestiniana fortalecerá a sua posição em conversações com os Estados Unidos.

A maioria dos Estados árabes, incluindo a Síria, o mais fiel aliado soviético na região, são a favor de uma conferência internacional para estabelecer um entendimento israelo-árabe e uma solução para o problema palestiniano. Esta conferência, de acordo com os países árabes próximos da União Soviética, deve contar com a participação de todas as partes e pelos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas — os Estados Unidos, a União Soviética, a Grã-Bretanha, a China e a França.

Onde vivem os palestinos



Enquanto prosseguem as revelações sobre os contactos com o Irão

Reagan anuncia sanções contra a Síria pelo seu envolvimento em actos terroristas

Na mesma altura em que foi obrigado a reconhecer a existência de uma diplomacia secreta entre os Estados Unidos e o Irão, Ronald Reagan resolveu impôr sanções contra a Síria pelo seu alegado envolvimento em actos terroristas. A decisão norte-americana surge na sequência do corte de relações diplomáticas entre Londres e Damasco e coincide com a visita de Margaret Thatcher a Washington.

A Casa Branca anunciou ontem a decisão de Reagan em aplicar sanções económicas contra a Síria «para tentar convencer esse país de que o apoio estatal ao terrorismo internacional não será tolerado pelo mundo civilizado».

As sanções incluem um alargamento do controlo de exportações para a Síria que possam ter objectivos militares, o fim de um programa de importações-exportações do banco norte-americano para Síria e das carreiras aéreas comerciais entre os dois países.

A decisão norte-americana segue-se a uma outra idêntica de onze dos doze países da CEE que resolveram apoiar Londres no seu diferendo com Damasco. Recorde-se que a Grã-Bretanha cortou relações com a Síria pelo alegado envolvimento deste país numa tentativa de explosão de um avião israelita que se preparava para deixar o aeroporto de Heathrow, em Londres.

As sanções norte-americanas contra a Síria foram anunciadas no mesmo dia em que a primeiro-ministro britânica chegou a Washington para uma visita-relâmpago de 24 horas, que se inscreve no âmbito das «consultas regulares» entre os dois países.

Um alto funcionário da administração Reagan disse que a questão do envio de armas norte-americanas para o Irão não deverá constar entre as prioridades das conversações do presidente com Thatcher.

No entanto, o governo britânico declarou já que apoiava o discurso proferido por Reagan na quinta-feira, no qual esclarecia as razões que o levaram a efectuar uma «diplomacia secreta» com o Irão. Ao declarar mais uma vez o seu apoio ao presidente dos Estados Unidos, Londres reafirmou que não negociará com terroristas.

Por seu lado, o Partido Trabalhista, na oposição, denunciou através do seu porta-voz para as questões externads, Denis Healey, o «perigo» que a política externa norte-americana representa para os interesses da Europa Ocidental no Médio Oriente. Healey salientou que Reagan «rompeu os compromissos com outros países ocidentais ao fornecer armas a Teerão».

O lider trabalhista salientou ainda que «o presidente admitiu perante o mundo que está envolvido com o regime iraniano depois de ter pedido à Grã-Bretanha para utilizar bases militares para o bombardeamento de Tripoli».

Contactos EUA-Irão

A confissão de Reagan e as notícias publicadas sobre o assunto na imprensa norte-americana têm suscitado várias outras reacções.

O presidente iraniano, Ali Khamenei, desmentiu as afirmações do presidente norte-americano sobre o relacionamento bilateral.Por seu lado, o primeiro-ministro israelita, Yitzhak Shamir, disse ontem que os Estados Unidos têm muito mais a revelar sobbre os seus contactos com o Irão.

Reagan não mencionou Israel no seu discurso de quinta-feira, mas notícias publicadas no «Washiongton Post» davam conta que um primeiro carregamento de armas para Teerão foi transportado via Israel. Segundo o mesmo jornal, os Estados Unidos tiveram o apoio do então primeiro-ministro israelita Shimon Peres na venda secreta de armas ao Irão. Peres recusou-se a confirmar estas informações, dizendo que se trata de «um assunto que diz apenas respeito aos norte-americanos».

A agência noticiosa soviética TASS afirmou, por seu lado, que os recentes contactos entre os Estados Unidos e o Irão «não passam de uma estratégia planeada para uma operação subversiva contra Teerão».

Entretanto, um jornal dos Emirados Árabes Unidos publicou um relatório detalhado sobre os contactos entre os Estados Unidos e o Irão. Citando fontes em Londres, o «Ittihad» refere que os contactos começaram em Julho quando um funcionário iraniano se deslocou a Washongton para iniciar conversações com as autoridades norte-americanas.

O jornal refere que na sequência desse contactos, Ibrahim Yazdi, ex-ministro iraniano dos Negócios Estrangeiros, enviou uma mensagem urgente para o presidente do Irão e que este respondeu que «consideraria a possibilidade de normalizar as relações com Washington caso a administração satisfizesse necessidades militares de Teerão».

O diário revela que Robert Macfarlane, encarregado por Reagan de estabelecer contactos com o Irão, disse que as condições de Teerão seriam aceites caso fossem libertados refens dos Estados Unidos em Beirute.

Os contactos deveriam manter-se secretos, mas o presidente do Parlamento iraniano, que não teve conhecimento das conversções, divulgou a presença de Macfarlane em Teerão, onde chegou a 10 de Outubro, o que causou divergências internas no regime de Khomeini, acrescenta a mesma fonte.

A venda de armas ao Irão foi de novo abordada por Reagan duante um encontro com lideres de organizações de caridade.

Brasileiros vão hoje às urnas

Mais de 60 milhões de brasileiros vão hoje às urnas, nas primeiras eleições nacionais desde que em 1985 terminaram 25 anos de regime militar.

Estas eleições, consideradas das mais importantes no Brasil, vão moldar o futuro constitucional do país.

O congresso federal que for eleito terá poderes para actuar como Assembleia Constituinte para reescrever a Constituição imposta pelos militares em 1923.

Referindos-e ao acto eleitoral, o presiednte José Sarney apelou ontem aos brasileiros para consolidarem a democracia votando responsavelmente nas eleições gerais de hoje.

Incursão sul-africana em território angolano

As forças sul-africanas abateram 39 guerrilheiros namibianos durante o maior combate deste ano no sul de Angola, revelaram fontes militares.

Um comunicado militar divulgado ontem na capital da Namíbia informa que elementos do exército sul-africano executaram um ataque aéreo contra uma base de treino da guerrilha na provincia angolana de Cunene, perto da fonteira com o norte da Namíbia.

Na acCão morreram dois soldados sul-africanos e 39 combatentes da Oergano-zação do Sudeste Afgricanao (SWAPO), refere o comunicado.

Segundo o mesmo documento, as tropas sul-africanas não entraram em contacto com o exército angolano.

Samora Machel

Entretanto, em Moçambique, o presidente Joaquim Chissano acusou Pretória de retardar o inquérito às causas da queda do avião onde seguia Samora Machel, em 19 de Outubro.

O chefe de Estado moçambicano falava ao corpo diplomático acreditado em Maputo, que lhe foi apresentar saudações pela sua nomeação para o cargo.

Cbissano afirmou que à preocupação dos moçambicanos e da comunidade internacional em conhecer as causas do acidente, a África do Sul «responde com conferências de imprensa, que longe de se debruçarem sobre as reais causas do sinistro, se ocupam em julgar as vítimas».

As declarações de Chossano foram feitas no mesmo dia em que a comissão internacional de inquérito sobre o acidente se voltava a reunir em Maputo.

24 HORAS

Tremores de terra na Formosa

Pelo menos oito pessoas morreram e quase 40 ficaram feridas em resultado de uma série de tremores de terra hoje registados na Formosa, anunciaram as autoridades. Os tremores de terra são frequentes na Formosa. O mais garve ocorrido nos últimos 40 anos verificou-se em Junho de 1964, no sul da ilha, tendo morrido 106 pessoas.

Cimeira franco-africana

O presidente francês, François Miterrand, e o seu homólogo do Togo, Gnassingbe Éyadema, reafirmaram ontem o seu apoio ao lider chadiano Hissene Habre, condenaram o apartheid e apelaram à resolução dos problemas económicos que afectam África. Os dois chefes de Estado discursaram na abertura da cimeira franco-africana de Lomé.

Cancelados voos para Pretória

A administração Reagan ordenou ontem a interrupção dos serviços aéreos entre os Estados Unidos e a África do Sul. A companhia aérea sul-africana desafiou imediatamente a decisão num tribunal federal. A proibição dos serviços aéreos entre os dois países, que entra em vigor no domingo, fora ordenada pelo Congresso norte-americano no âmbito da legislação sobre sanções à África do Sul adoptada em Outubro.

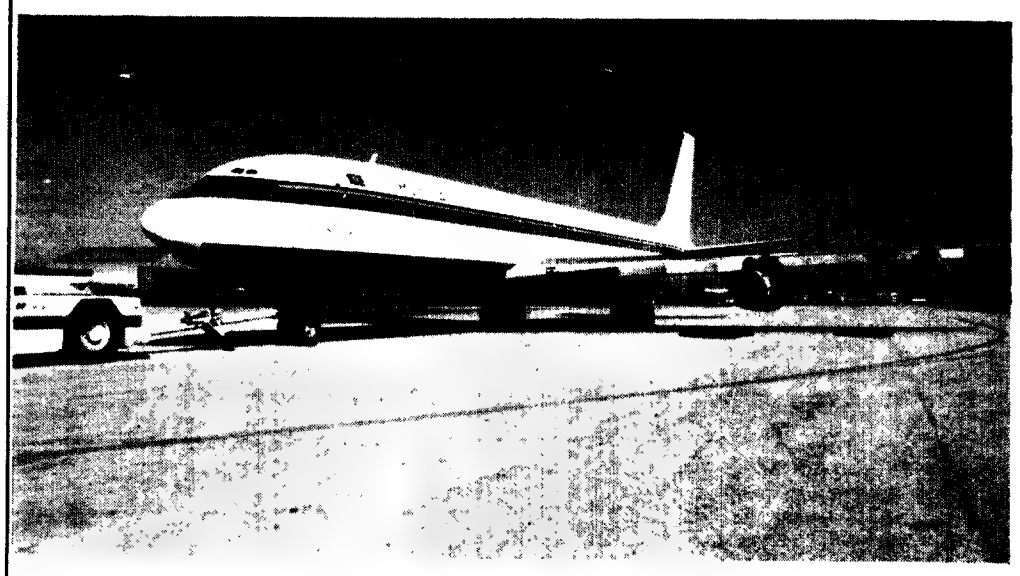
COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA)
ÁFRICA DO SUL (rand)	52$05	58$05
ALEMANHA FED. (marco)	72$95	74$15
ÁUSTRIA (xelim)	10$30	10$50
BÉLGICA (franco)	3$300	3$550
BRASIL (cruzado)	3$850	6$350
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106$45	108$95
(notas de 5 a 1000)	106$95	109$45
DINAMARCA (coroa)	19$35	19$75
ESPANHA (peseta)	1$056	1$176
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$45	150$95
(notas de 5 a 1000)	147$95	151$45
FINLÂNDIA (marka)	29$85	30$45
FRANÇA (franco)	22$30	23$00
HOLANDA (florim)	64$60	65$70
IRLANDA (libra)	199$75	203$75
ITÁLIA (lira)	$096	$111
JAPÃO (iene)	$861	$916
NORUEGA (coroa)	19$60	20$10
REINO UNIDO (libra)	210$75	215$25
SUÉCIA (coroa)	21$20	21$70
SUÍÇA (franco)	87$95	89$45
VENEZUELA (bolívar)	5$15	6$15

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



TAP vende Boeing ao Zaire

A **TAP Air Portugal** vendeu à República do Zaire, um avião **Boeing — 707 — cs — TBD,** que entregou no passado dia 5 de Novembro.

Este avião voltará, no próximo mês de Abril, às oficinas da **TAP Air Portugal,** onde será submetido a trabalhos de transformação no seu interior, de modo a adaptar a sua versão aos requisitos do serviço VIP.

Actualmente, decorrem já negociações no sentido de efectuar a venda de outros dois **Boeing — aos Estados Unidos.**

Hotel Meridien Lisboa cria "Centre d'Affaires"

O **MeridienLisboa** acba de pôr à disposição dos interessados um «**Centre d'Affaires**» instalado no segundo piso do Hotel onde poderá encontrar **Serviço de Intérpretes,** Tradução e Retroversão, **Marcação de Entrevistas,** Assistência Técnica em Reuniões, Conferências e Congressos, **Serviço de fotocópias,** Serviço de telexes e **Tradução simultânea.**

Este serviço funciona entre as 8,30 e as 18,30 horas entre aª e 6ª feira e só até às 13.00 horas aos sábados, encerrando aos domingos e feriados, atendendo pelos telefones 690400 ou 690900, extensões 2229 e 2230.

Emissão de títulos da Central de Cervejas esgotou antes do prazo

A emissão de títulos de participação da **Central de Cervejas/86** foi um êxito total.

Previa-se já um grande interesse do público, mas os resultados da primeira emissão de títulos de participação de uma empresa não financeira excederam as expectativas.

Embora 70% das emissões se destinassem à subscrição de montantes até 500 contos, os títulos esgotaram antes do prazo previsto.

Com um valor total de três milhões de escudos e nominal de mil escudos, esta emissão não fazia prever uma tão pronta resposta por parte do público nos dois primeiros dias.

Vê-se assim confirmado o interesse neste tipo de investimentos, bem como o prestígio de que goza, junto do público, a **Central de Cervejas.**

III Seminário ARAC em Lisboa

A sessão de abertura do **III Seminário da ARAC** - Associação dos Industriais de Aluguer de Automóveis Sem Condutor — tem lugar no Hotel Penta pelas 8,30 horas e foi presidida pelo **dr. Lícinio Cunha,** secretário de Estado do Turismo, que faz o ponto da situação sobre o **Plano Nacional de Turismo,** o plano de «marketing» e da promoção turística para 1987 e o contributo do sector do «rent-a-car» na valorização do produto turístico português.

Paralelamente com os trabalhos do seminário, encontram-se em exposição os últimos modelos da **Austin Rover,** comercializados em Portugal e no estrangeiro e usados por muitos alugadores de automóveis sem condutor.

Também a **BP,** o **Consórcio Lider,** a **Sharp, Sperry** e **IBM** expõem os seus produtos e equipamentos dirigidos ao sector automóvel.

Outra inovação deste encontro profissional entre especialistas de «rent-a-car» diz respeito a um conjunto de peças adaptáveis a qualquer veículo para uso e condução por parte de deficientes paraplégicos.

A sessão de encerramento realiza-se, hoje, pelas 12 horas e será presidida pelo **dr. Gonçalo Sequeira Braga,** secretário de Estado dos Transportes e Comunicações, que falará sobre a recente legislação promulgada a pedido da **ARAC** e também sobre a evolução dos casos de aluguer de carros de mercadorias e de automóveis para paraplégicos.

Praia Nova promove moda

O **Complexo Turístico Praia Nova — Pub. Cuíca** continua até ao fim do mês de Novembro com a sua iniciativa «**O mês da moda - Festa da Moda**», na qual se incluem passatempos, festas, variedades, e passagens de modelos.

Assim foi ontem com modelos do **Outono — Inverno** e com a antevisão da moda **Primavera - Verão/87, iniciativa que se repetirá no próximo dia 28.**

Entretanto, e prolongando-se até finais de Dezembro, continua o seu restaurante a participar nos Festivais Gastronómicos diários com **Cozido à Caparica,** até final do corrente mês, e **Arroz de Marisco,** durante o mês de Dezembro, festivais que foram dinamizados pela **Comissão de Desenvolvimento Turístico da Costa da Caparica** e anunciados após reunião de Setembro realizada no **Complexo Turístico da Praia Nova.**

Sortelha expõe tapetes em Lisboa

Com início hoje e final a 30 de Novembro, vai realizar-se em Lisboa, no **Centro Comercial das Amoreiras,** uma exposição de **tapetes** confeccionados em **Sortelha.**

Para além dos tapetes «**tipo Arraiolos**» cópias de colecções particulares e de museus, **Sortelha** vai apresentar uma nova série de desenhos inspirados na azulejaria hispano-árabe dos séc. XVI e XVII, como por exemplo um tapete de composição maneirista e padronagem «ponta de diamante» (Igreja de São Roque, 1596) em tons azuis, um tapete, azulejaria «enxaquetada», uns tons verde e branco, ou ainda um outro de desenho de figuras geométricas de inspiração hispano-árabe em tons azuis e brancos.

Estarão patentes ao público 38 tapetes todos diferentes, sendo alguns deles tapeçarias e todos em ponto «oblíquo cruzado».

Burroughs e Plessey assinam joint-venture

A **Burroughs** e a **Plessey** deram um passo importante para a total integração das sua linhas de produtos, com a assinatura de um novo **acordo de «Cooperação de karketing».**

Após um anterior contrato (assinado em Dezembro de 1985) pelo qual a **Burroughs** assumiu a responsabilidade pelo apoio e assistência a cerca de 400instalações de terminais **Plessey iws,** tendo a **Plessey** incluindo os terminais **Burroughs B25** na sua gama. Como consequência deste acordo registaram-se já encomendas de **B25** no valor de mais de 1 milhão de Libras.

Esta acordo vigora inicialmente apenas no Reino Unido, tendo por objectivo a comercialização e o desenvolvimento de sistemas de «**office automation**» de integração de voz com comunicação de dados, com base nos terminais e minicomputadores **Burroughs B25** e **XE500** e nos sistemas **Plessey** de comutação e **PABX** digitais.

O objectivo principal do acordo é responder às exigências do mercado, de convergência de voz e comunicação de dados, «office automattion» e processamento geral de informação.

Além da Plessey vener as linhas **Burroughs B25** e **XE520,** as duas companhias vão desenvolver um trabalho conjunto para conceber «networks» integrados, de vanguarda, e para desenvolver «software» especial para novas aplicações. A utilização dos micros e minicomputadores **Burroughs** para gestão e controloo a «network» é já um exemplo desse trabalho conjunto. Entretanto, serão realizados cursos especiais, por ambas as companhias a fim de permitir às equipas de vendas e suporte da Plessey um treino completo nos produtos B25-/XE520.

Novo serviço europeu da Lufthansa

A **Lufthansa** apresentou, esta semana, no **Hotel Ritz** de Lisboa, a mais de 500 convidados, o seu novo serviço europeu, de que o **Diário de Lisboa** já tinha antecipado aos seus leitores as novidades, dias antes deste novo serviço ter tido o seu início

Assim, e fundamentalmente, a **Lufthansa** introduziu, a partir do início deste mês, a «**Business Class**» em todos os voos europeus, modificando ainda nos seus aviões de modo a assegurar aos passageiros maior conforto nos novos assentos adaptados às linhas do corpo, com uma distância aumentada para 86 cm, por outro lado passou a haver marcação de lugar na altura da reserva (tarifa normal) e refeições completas em todos os voos internacionais, independentemente da hora do dia . Em voos de duração superior a 2 horas será servido uma refeição quente.

A apresentação do novo serviço foi feita pelo **director da Lufthansa** em Lisboa e a seguir glosada e complementada pelo actor **Herman José** que divertiu a eclética assistência com uma boa dose de humor. Nessa reunião a **Lufthansa** sorteou 24 passagens aéreas para a Alemanha, entre os convidados à sua reunião-convívio.

"Nacionais" de futebol

O lisboeta Vítor Correia será juiz no palco do Bessa

O árbitro Vítor Correia, de Lisboa, foi nomeado para dirigir o Boavista - Futebol Clube do Porto, a disputar amanhã no Estádio do Bessa, da 11.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol da Primeira Divisão.

O jogo Marítimo - Sporting, no Estádio dos Barreiros, do Funchal, será arbitrado por Alder Dante, de Santarém, e o Benfica - Académica de Coimbra, em Lisboa, será dirigido por Manuel Nogueira, do Porto.

A lista de árbitros para os encontros da jornada da Primeira Divisão, é a seguinte: Chaves - Rio Ave, Miranda Dias (Coimbra); Guimarães - Salgueiros, Ezequiel Feijão (Setúbal); Benfica - Académica, Manuel Nogueira (Porto); Elvas - Portimonense, Fortunato Azevedo (Braga); Farense - Belenenses, João Rosa (Évora); Marítimo - Sporting, Alder Dante (Santarém); Varzim - Braga, Raul Ribeiro (Aveiro); e Boavista - Futebol Clube do Porto, Vítor Correia (Lisboa).

Vítor Correia

Divisão 2

Zona Norte: Gil Vicente - Aves, João G. Gonçalves (Viana do Castelo); Lourosa - Paços de Ferreira, Pimenta Alves (Braga); Bragança - Espinho, Azevedo Duarte (Braga); Penafiel - Tirsense, Carlos Esteves (Lisboa); Lixa - Leixões, José Garcia (Setúbal); Felgueiras - Trofense, Ramiro Viana (Braga); Famalicão - Vizela, Fernando Alberto (Porto); e Freamunde - Fafe, Heliodoro Saraiva (Setúbal).

Zona Centro: Torriense - Covilhã, Francisco Silva (Faro); Almeirim - União de Leiria, A. Cruz Jorge (Setúbal); Mirense - Académico de Viseu, Manuel Dias Santos (Porto); Beira-Mar - Águeda, Carlos Valente (Setúbal); União de Coimbra - Estarreja, A. Miranda de Sousa (Porto); Marinhense - Estrela de Portalegre, Fernando Costa (Lisboa); Guarda - Feirense, Donato Ramos (Viseu); e Mangualde - Peniche, Xavier Oliveira (Porto).

Zona Sul: Barreirense - Montijo, Fernando Rodolfo (Lisboa); Cova da Piedade - Lusitana dos Açores, Fernando Mendes (Faro); Atlético - Oriental, Serafim Alvito (Évora); Esperança de Lagos - Nacional, J. Pinto Correia (Lisboa); Santiago do Cacém - Olhanense, Veiga Trigo (Beja); União do Funchal - Estoril, Evaristo Faustino (Leiria); Vitória de Setúbal - Estrela da Amadora, José Guedes (Porto); e Sacavenense - Samora Correia, Ilídio Rodrigues (Setúbal).

Divisão 3

Série A: Merelinense - Vieira, Manuel Brás (Vila Real); Amares - Ponte da Barca, Albino Nogueira (Porto); Limianos - Delães, Américo Santos (Porto); Moreirense - Vianense, Joaquim Grilo (Aveiro); Neves - Macedo de Cavaleiros, Armando Malheiro (Porto); Valdevez - Vinhais, João Pereira Silva (Braga); Valpaços - Esposende, J. Magalhães Monteiro (Porto); e Joane - Santa Maria, J. Costa Valente (Viana do Castelo).

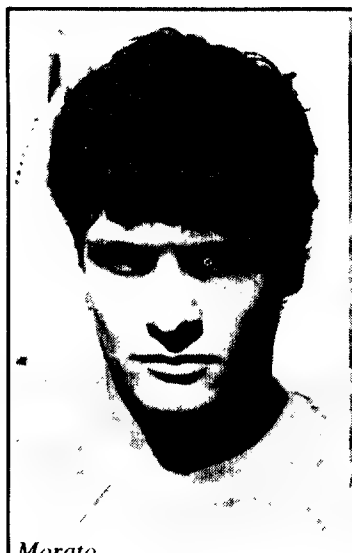
Série B: Paivense - Valonguense, A. Santos Rocha (Braga); Cesarense - Pedrouços, Licínio Torreiro (Coimbra); Oliveira do Douro - Amarante, Augusto Santos (Bragança); Ovarense - Ermesinde, J. Santos Monteiro (Coimbra); Marco - Paredes, Jorge Rodrigues (Braga); Leça - Lousada, Manuel Pinho (Aveiro); Vila Real - União de Lamas, José Guimaro (Coimbra); e Infesta - São Martinho, Sérgio Miranda (Viana do Castelo).

Série C: Tondela - Naval, Manuel Marques Ferreira (Braga); Tabuense - Gouveia, Isidro Oliveira (Porto); Oliveirense - Marialvas, Aníbal Pereira (Porto); Luso - Anadia, Lorenço Ferreira (Leiria); Oliveira do Bairro - Mealhada, Júlio Mouco (Leiria); Seia - Oliveirinha, Alcides Barreto (Coimbra); Belmonte - Oliveira do Hospital, Miguel Mendonça (Viseu); e Viseu e Benfica - Santacombadense, Carlos Alberto Oliveira (Aveiro).

Série D: Bombarralense - Acains, José Maria Leitão (Santarém); Ferrel - Elétrico, Manuel Leite (Lisboa); Portalegrense - Caldas, Gil Rosa (Setúbal); Nazarenos - Mirandense, José Carlos Oliveira (Lisboa); Lousanense - Alcobaça, Joaquim Henrique Monteiro (Guarda); Marrazes — Paroquial de Fátima, Amílcar Moreira (Coimbra); Benfica de Castelo Branco - União de Santarém, Manuel Varandas (Évora); e Usseira - Guiense, Abel Fernandes (Coimbra).

Série E: Santa Iria - Vilafranquense, José Ruivo Coelho (Leiria); Cartaxo - Santa Clara, José B. Miranda (Portalegre); Cacém - Sintrense, Álvaro Gonçalves (Funchal); Pescadores - Olivais e Moscavide, Joaquim Franco (Évora); Lisboa e Olivais - Fronteirense, A. Teixeira Correia (Beja); Praiense - Campomaiorense, José Silvano (Vila Real); Vilaonga - Odivelas, Francisco Nunes (Santarém); e Vitória de Lisboa - Quimigal, F. Castela Parreira (Leiria).

Série F: Sesimbra - Piense, Joaquim Heitor (Lisboa); Seixal - Lusitano de Évora, José Pires Alves (Lisboa); Silves - Vasco da Gama, João Carlos Miguel (Lisboa); Alvorense - Louletano, Frederico Lourenço (Lisboa); Campinense - Quarteirense, João Borgia Ribeiro (Setúbal); Juventude de Évora - Reguengos de Monsaraz, António Jesus Santos (Castelo Branco); Moura - Amora, A. Martins Marques (Portalegre); e Imortal - Torralta, Cesário Evaristo (Faro).



Morato

Mário Jorge

Oceano

Sporting assegura continuidade de Morato, Mário Jorge e Oceano

Procurando evitar que possa surgir um «aliciante convite» aos seus excelentes futebolistas, Morato, Mário Jorge e Oceano, o Sporting acaba de renovar o contrato em vigor, assegurando a manutenção por dois anos (Oceano) e três anos (Morato e Mário Jorge). Recorde-se que estes três futebolistas terminavam o seu compromisso com o grémio de Alvalade no termo da época em curso.

Conselho de Arbitragem critica presidente do Braga

O Conselho Nacional da Arbitragem divulgou no Porto um comunicado em que **«repudia e condena globalmente, com a maior veemência, as afirmações gratuitas, atentatórias da dignidade da arbitragem proferidas pelo presidente do Braga»**.

O comunicado, que se reporta a acusações expendidas no final do jogo Braga-Porto, disputado no passado domingo, por Mesquita Machado, presidente do clube minhoto contra o árbitro João Rosa, reafirma «mais uma vez, a sua total confiança na qualidade moral e técnica dos árbitros portugueses».

«Foram no mínimo nervosas, e sobretudo pouco ponderadas, as declarações de um homem, que pelo seu traquejo e, nomeadamente, **porque tem privado com acusações sistemáticas de corrupção e tráfico de influências, não devia permitir-se lançar acusações e insinuações sem prova»**, refere o comunicado do CNA.

Mesquita Machado acusou, no final do jogo, o árbitro João Rosa, de ter favorecido a turma do FC Porto, nomeadamente quanto ao «critério diferente na atribuição de cartões amarelos e pequenas faltas assinaladas ao contrário».

Mais recentemente Mesquita Machado acusou, também, João Rosa, de não ter assinalado uma grande penalidade a favor do Braga.

Sobre esta última acusação, o texto do Conselho Nacional de Arbitragem interroga que «se o senhor Mesquita Machado **necessitou de três dias para vislumbrar uma pseudo-grande penalidade no referido jogo, porque é que aos árbitros se exige que a assinale em fracções de segundo»**.

Pinto de Sousa e Mesquita Machado: palavras cruzadas

Máximos

Halterofilia: recorde mundial

O búlgaro Assen Zlatev estabeleceu novo recorde do mundo de halterofilia, categoria de 82,5 quilos, modalidade de dois tempos, ao levantar 225 quilos, na quinta jornada do campeonato do mundo, em Sófia.

O anterior recorde estava na posse do soviético Youri Vardanian, com 224 quilos, desde 14 de Setembro de 1984, em Varna.

Asen Zlatev, levantando 405 quilos, igualou também o recorde mundial do total olímpico, igualmente na posse de Vardanian.

O soviético Anatoli Khrapati, 23 anos, conquistou, em Sófia, a medalha de ouro da categoria de 90 kg durante os campeonatos mundiais de halterofilia.

Khrapati conseguiu 412,5 kg nos dois movimentos (185 + 227,5).

A medalha de prata foi para outro soviético, Viktor Solodov, com 407,5 kg (180 + 227,5) e a de bronze para o húngaro Zoltan Balazsfi, com 392,5 (185 + 207,5).

FSTIE Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas

I congresso

Foz do Arelho, 6 e 7 de Dezembro de 1986

1.º CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS ELÉCTRICAS

CONVOCATÓRIA

Nos termos e para os efeitos do art.º 50.º dos Estatutos da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas, convoca-se o Congresso desta Federação, para os dias 6 e 7 de Dezembro de 1986, nas instalações do Inatel, na Foz do Arelho, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1. Aprovação do regulamento de funcionamento do Congressso.
2. Discussão e votação do relatório de actividades.
3. Discussão e deliberação sobre a alteração dos estatutos e aprovação do regulamento eleitoral.
4. Discussão e votação do programa de acção, para o triénio 86/89.
5. Eleição dos órgãos dirigentes da FSTIE, para o triénio 86/89.

Lisboa, 14 de Novembro de 1986

Pel'O Secretariado da FSTIE

Ass. ilegível

Atletismo

Quatro mil concorrentes presentes na Nazaré

A meia-maratona internacional da Nazaré que se disputa amanhã, regista este ano um novo recorde de participações, com mais de quatro mil atletas inscritos, disse uma fonte da organização.

A XII edição desta meia-maratona, organizada pela Associação de Cultura e Desporto da Nazaré, terá mais de 4000 atletas de ambos os sexos e de vários escalões, ultrapassando o anterior recorde de participações de 3177 atletas, de 1985.

Além de vários emigrantes portugueses que se deslocam propositadamente de vários países para participarem na prova, inscreveram-se cerca de 250 atletas franceses, espanhóis, italianos, britânicos, alemães-federais, luxemburgueses, holandeses, belgas, finlandeses e canadianos.

«Pão de Açúcar» incentiva atletismo

Mais de um milhar de contos vão estar em disputa no IV Grande Prémio de Atletismo Pão de Açúcar, que terá lugar em Lisboa, na manhã do dia 1 de Dezembro, numa prova aberta a atletas federados e populares. A organização deste certame,éda responsabilidade do Grupo Cultural, Desportivo, e Recreativo do Pão de Açucar.

Motonáutica: "GP" do Seixal

Disputou-se no passado fim-de-semana a 14.ª Prova do Campeonato Nacional de Motonáutica que contou, igualmente, para o Prémio GALP e Troféu «A CAPITAL», com a presença de 21 pilotos dos 28 inscritos, contando com a presença das classes já habituais ON, SE, T1, T2, TE, TD.

Na classe ON, foi pena que a embarcação de Mário Pestana, devido a uma anomalia mecânica, tivesse desistido na 1.ª «mão», não podendo assim competir com José Joaquim Raposo, que veria facilitada a sua vitória. Na classe SE Maria da Conceição Raposo proporcionou um bom espectáculo na 1.ª «mão», mas na 2.ª foi obrigada a desistir devido a um rombo no flutuador do seu catamaran.

Luís Nobre da Veiga foi obrigado a desistir por ter perdido a sua hélice pelo que José Carolo viu facilitada a sua vitória.

Na classe T1, uma das classes com maior número de participantes, salientaram-se os concorrentes Pedro Viegas e Joaquim Peso pelo espectacular despique que mantiveram ao longo das 2 «mãos».

O triunfo final foi para o concorrente Pedro Viegas, após um atraso de Joaquim Peso numa ida às «boxes».

Na classe T2 Fernando Azevedo Moreira e Amílcar Valente, em luta constante, deram-nos mais uma vez uma bela disputa pelo triunfo tendo cabido a vitória ao segundo, devido à desistência do primeiro na 2.ª «mão», com um rombo na sua embarcação.

Igualmente nas classes TE e TD Vítor Fortuna e Vicente Murgal venceram facilmente os seus opositores, de salientar desde já a excelente classificação de Vicente Murgal, sendo esta a sua 1.ª competição na modalidade e no Campeonato Nacional.

As classificações foram as seguintes:

Classe ON: 1.º José Joaquim Raposo, 800 pontos; 2.º Mário Pestana 300; **Classe SE:** 1.º José Carolo, 800; 2.º Maria da Conceição Raposo, 300; **Classe T1:** 1.º José Viegas, 800; 2.º Joaquim Peso, 300; 3.º Guilherme Matos, 225; **Classe T2:** 1.º Amílcar Valente, 625; 2.º Mário Rui Martinho, 600; 3.º Fernando Azevedo Moreira, 495; **Classe TE:** 1.º Vítor Fortuna, 800; 2.º Carlos Almeida, 525; 3.º Álvaro Melo, 525 e **Classe TD:** 1.º Vicente Murgal, 800; 2.º João Fadigas, 525; 3.ºAntónio Morgado Ferreira, 300.

Última prova do Campeonato Nacional

A última prova deste Campeonato será disputada no próximo dia 30 de Novembro na Lagoa de Óbidos/ Foz do Arelho, com o patrocínio da Região de Turismo do Oeste e Centro Social e Recreativo da Foz do Arelho.

"Mundial" de ralis

Kankkunen e Marku Alen serão animadores do "RAC"

Os finlandeses Juhan Kankkunen e Markku Alen vão ser os principais animadores do rali do RAC que amanhã vai para as estradas da grã-Bretanha, num duelo que poderá ser decisivo para a atribuição do título mundial de pilotos.

Alen, que está a dois pontos de Kankkunen, actual líder do «mundial», irá tentar pontuar o máximo no rali do RAC de forma a poder dispor de margem de manobra em relação ao seu rival.

Kankkunen tentará defender-se do Lancia Delta de Alen de forma a garantir o ceptro mundial a nível de pilotos uma vez que a Peugeot já garantiu a conquista do título do mundo de marcas.

Numa «guerra» táctica que envolverá os dois pilotos de fábrica, o Rali do RAC, assume particular importância para a atribuição do título mundial de pilotos, pois caso Alen não consiga melhor que um terceiro lugar e Kankkunen obtenha melhor posição, o piloto da Lancia não terá já qualquer possibilidade de conquistar o ceptro.

Kankkunen, primeiro na Suécia, Grécia e Nova Zelândia, tem uma experiência ainda limitada das condições da prova britânica, enquanto Alen que esta época apenas ganhou o Rali de San Remo, reúne maior favoritismo devido a um conhecimento mais profundo da competição.

A ausência de finlandês Henri Toivonen, vencedor da última edição do Rali do RAC, que seis meses depois de se impor da prova inglesa encontrou a morte ao volante do seu Lância Delta no Rali da Córsega, e a despedida dos carros do grupo sport são alguns dos factores a assinalar.

O acidente mortal que vitimou Toivonen «obrigou» a FISA (Federação Internacional do Desporto Automóvel) a rever todo o regulamento dos carros do grupo sport concluindo por banir das provas este tipo de viaturas.

As equipas de fábrica da Peugeot, Lância, Ford e Austin Rover vão efectuar no Rali do RAC a sua última demonstração de potência, numa competição com exigências mecânicas elevadas.

O rali do RAC sofreu este ano algumas alterações na sua estrutura, tendo nomeadamente sido encurtado o percurso que ficou com cerca de 2250 quilómetros e suprimida uma etapa. A prova tem 45 provas classificativas, num total de 590 quilómetros, sendo na sua maioria troços de terra.

A época de 1986 do mundial de ralis encerra a 7 de Dezembro com a disputa do Rali Olympus, nos Estados Unidos, prova unicamente pontuável para o «Mundial» de pilotos.

Na sua agenda

BASQUETEBOL: Inicia-se hoje o Campeonato Nacional de Basquetebol com o seguinte «programa» de jogos: Ovarense - Illiabum, às 17 horas; Benfica - Ginásio Figueirense, Imortal de Albufeira - Barreirense e Queluz - Sporting, todos às 17 e 30; Futebol Clube do Porto - Sanjoanense, às 19 e 15; e Beira-Mar - Sangalhos, às 18 horas.

HÓQUEI EM CAMPO: Decorrerá hoje o «nacional» com a disputa dos encontros respeitantes à 6.ª jornada. Eis os jogos: Benfica - Caramão (14 horas); Belenenses - Carris (14 e 15); e União de Trajouce - Dramático de Cascais (15 horas), completando-se amanhã em Francisco Lázaro, com o jogo Futebol Benfica - Hockey Clube de Portugal, marcado para as 9 horas.

ANDEBOL: Hoje e amanhã terá lugar a 9.ª jornada do Campeonato Nacional. Vejamos a «agenda»:

Hoje: Sanjoanense - São Mamede, às 21 e 30, no Pavilhão da Sanjoanense (árbitros: N. Lopes e C. Ribeiro); Futebol Clube do Porto - Académico, às 17, nas Antas (J. Mateus e J. Filipe); Boa-Hora - Sporting, às 22, na Tapadinha (J. Fernandes e R. Nóbrega); TAP - Vitória, às 19, no Pavilhão de Campo de Ourique (A. Marreiros e J. Gil).

Amanhã: Benfica - Belenenses, às 17 e 30, na Luz (A. Madeira e F. Humberto).

Terça-feira: Jogo da 8.ª jornada, Belenenses - TAP, às 21, no Restelo (F. Mendes e J. Lapa).

Quarta-feira: Salgueiros - ABC, às 22, no Pavilhão do Vigorosa (V. Monteiro e F. Pereira).

RÂGUEBI: Encontros da quinta jornada, **hoje**: Campomaiorense - Académica, em Campo Maior (15 horas); CDUL - Belenenses, no Estádio Universitário de Lisboa (14 horas). **Amanhã**: Lousã - Benfica, na Lousã; Cascais - Agronomia, no Campo Guilherme Salgado, em Cascais; e Técnico - Direito, no Estádio Nacional, Campo B, todos às 14 horas.

HÓQUEI EM PATINS: Esta noite (21 horas) terá lugar a 3.ª ronda do «nacional» com a realização dos seguintes confrontos: Juventude de Viana - Benfica; Famalicense - Parede; Paço de Arcos - Sanjoanese; Valongo - Sporting; Sporting de Tomar - Oliveirense; O.C. Barcelos - Ferpinta; e Sesimbra - Futebol Clube do Porto.

VOLEIBOL: Jogos a contar para o campeonato da divisão de honra: Académica de São Mamede - Futebol Clube do Porto (17 e 30); Sporting - Leixões (18h); Esmoriz - CDUL (21 e 30); e Espinho - ISEF (21 e 30). **Amanhã**: Espinho - CDUL (17h); e Esmoriz - ISEF (17 e 30).

No Campeonato Feminino, ressalta a viagem do CDUP a Alvalade e do Vitória de Guimarães a Vila Real.

Os jogos são os seguintes, **hoje**: Vila Real - Vitória de Guimarães (16h); Sporting - CDUP (19 e 30); Boavista - São João de Brito (18h); e Leixões - ISEF (18 e 30). **Amanhã**: Leixões - São João de Brito (17h); e Boavista - ISEF (17h).

COSTUREIRAS

PRECISAM-SE

ADMISSÃO IMEDIATA, RESPONDER PESSOALMENTE À RUA JOÃO NASCIMENTO COSTA, N.º 8-A EM LISBOA, JUNTO ÀS OLAIAS.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 70 691 «PROCESSO PARA A FABRICAÇÃO DE COPOLÍMEROS DE PROPILENO E DE BUTENO-1 E SUAS APLICAÇÕES».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º-Esq.º
1000 LISBOA

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 12.º Juizo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Acção Sumária com o n.º 143/85, em que é Autor, Fernando da Cruz Dinis e Ré, CELCON — COMÉRCIO DE ESQUENTADORES E MÁQUINAS PARA O LAR, LD.ª, que teve a última sede conhecida na Rua do Instituto Industrial, 5-1.º Lisboa, nos quais se encontra designado o dia 26 de Novembro de 1986 pelas 10.00 horas, para a realização de Julgamento Singular à sua revelia, caso não se faça representar em julgamento.

Lisboa, 10 de Novembro de 1986
O Juiz de Direito
António Sérgio Abrantes Mendes

O Escrivão Adjunto
Luís Manuel Faria Antunes

«DL» — 15/11/86 — 2.º Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA CAMARCA DE LISBOA

8.º JUÍZO

ANÚNCIO

CARTA PRECATÓRIA n.º 371 da 3.ª Secção, vinda da comarca de S. João da Madeira e extraída dos autos da Execusão de Sentença que Manuel Germano de Almeida Trindade move a António Alberto Correia Rebelo, residente na Estrada de Benfica, 739, Loja 5, Lisboa.

Em 1986. Novembro. 20, pelas 14h00, à porta deste Tribunal, proceder-se-á à arrematação em hasta pública, pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo, um lote de 550 pares de sapatos para homem e mulher, de diversos modelos.

Lisboa, 1986 Outubro. 15

O Juiz de Direito,
Jorge dos Santos

A Escriturária,
Rosa Maria Gomes Lourenço

«DL» 15/11/86 — 2.º Pub.

RTP PAR ou ÍMPAR

	CRIATIVIDADE	QUESTIONÁRIOS	JOGOS			
A	REPORTAGEM	CINEMA	VOLEI	LIVROS	CONTAS	☐
B	ENTREVISTA	HISTÓRIA	FRASE LOUCA	QUADRO	MAIS OU MENOS	☐
C	IMITAÇÃO	DESPORTO	PALAVRAS	PESO	SPIRIBOL	☐
D	RITMO	CONVIDADO	ERRO	BASQUETE	CAVALO	☐
E	REPRESENTAÇÃO	NATUREZA	SONS	TIRO AO ALVO	ESPELHO	☐

Nome _____ Telef. _____

Morada _____ C.Postal _____

RECORTE PELO TRACEJADO
Cole num Postal dos CTT e envie para
APARTADO 4 317 — 1 508 LISBOA — CODEX

assinale com uma cruz no quadrado respectivo o concurso de provas em que deseja participar ASSINALAR MAIS QUE UM QUADRADO ANULA O BOLETIM

Heysel: começaram os julgamentos

Três adeptos italianos da equipa do Juventus foram julgados em Bruxelas por agressões a agentes da polícia durante os acontecimentos do estádio de Heysel, em Maio de 1985, em que morreram 39 pessoas e 400 ficaram feridas.

O juiz do Tribunal Correccional de Bruxelas tornará pública a sentença no dia 19. Os três réus são acusados por delitos de «**destruição voluntária, agressões a agentes da polícia, rebelião e porte de objectos perigosos**».

Os incidentes do estádio de Heysel, a 29 de Maio de 1985, começaram minutos antes de se iniciar o encontro de futebol entre o Liverpool e o Juventus, para a final da Taça dos Campeões Europeus.

A acusação mais grave do julgamento de ontem é contra Umberto Salussoglia, de 23 anos, que foi identificado através das imagens da televisão como o indivíduo que disparou vários tiros de pistola contra os agentes da polícia. Todavia, Salussoglia não esteve presente no julgamento por estar doente com hepatite, conforme atestou o seu advogado de defesa. Os outros dois réus são Claudio Ardito e Fausto Spedicato.

Nenhum dos adeptos britânicos que participaram nos incidentes foi até ao momento julgado pelos tribunais belgas, que continuam à espera das respectivas extradições, apesar do governo inglês ter afirmado oficialmente a sua intenção de as conceder, o que, porém, ainda não aconteceu.

Manchester: um clube que lucra milhões

Manchester United, o clube com maior número de associados do futebol britânico, registou na época passada um balanço positivo de 1,4 milhões de dólares, anunciaram fontes do clube. Do balanço não fazem parte os três milhões de dólares recebidos pela transferência do avançado galês Mark Hughes, para o arcelona.

Esta foi a primeira vez desde a época de 1981-82, quando o treinador Ron Atkinson assumiu o comando, que o clube inglês registou lucros tão avultados. Naquela temporada, o Manchester United averbou um défice de 3,1 milhões de dólares.

Schuster faz "pacto" com seita religiosa

O futebolista alemão-federal Bernd Schuster, que se encontra em litígio com a direcção e o treinador do seu clube, o Barcelona, terá sido aconselhado por uma seita religiosa, anunciou o jornal «Bild-Zeitung».

O jornal «Bild» afirma que Schuster e a sua mulher, Gaby, recorrem uma vez por semana às sessões de leitura e de intercâmbio de vivências da seita protestante norte-americana «Scientology», a quem teria doado significativas quantidades de dinheiro.

Naquelas sessões estudam-se as novas lições que desde a sede central em Boston, Estados Unidos, são enviados para a sucursal em Barcelona.

Segundo o diário alemão-federal, Schuster, que ainda não efectuou qualquer encontro esta época pelo seu clube, deixou já de beber e de fumar.

O centro-campista da RFA, considerado um dos melhores jogadores do Mundo, disse ao jornal que «os sermões nos ajudam muito a ultrapassar os problemas que temos sofrido, nunca pensei que este mundo fosse tão pernicioso».

Itália: primeira "chicotada"

A direcção do Ascoli decidiu afastar o técnico Aldo Sensibilie, na sequência «de uma série de desaires» no campeonato italiano de futebol da primeira divisão.

O presidente do clube Constantino Rozzi anunciou que Sensibile será substituído por Ilario Castagner, de 46 anos, antigo «manager» do AC Milão e do Inter. Recorde-se que Sensibile foi o primeiro técnico despedido esta época na primeira divisão do futebol italiano.

O Ascoli (conta nas suas fileiras com o irlandês Liam Brady) ocupa o 13.º lugar no campeonato com seis pontos em nove jogos.

Seleccionador turco: demissão

O seleccionador turco, Coskan Ozari renunciou ao cargo poucas horas antes do encontro com a Irlanda do Norte para o «europeu» de futebol, em Esmirna. **«Não tinha condições para continuar»**, afirmou Ozari, acrescentando: «Estou em desacordo com o presidente da federação turca.»

Ozari não revelou pormenores, mas, segundo consta em Esmirna, o presidente da FTF (Erdenay Oflaz) pretende contratar um estrangeiro, provavelmente um inglês, para assumir o comando da selecção.

Banco dos réus com o condutor do executivo (Silva Resende) em fase de explicações

Neto de Jaime Cortesão será o inquiridor de "Saltillo"

Neves de Sousa

Cá estamos: é hoje. Finalmente, a partir das 9 e 30, está reunido o conclave que integra a assembleia da Federação Portuguesa de Futebol. Reunião extraordinária e, simultaneamente, parecendo que irá desencadear muito fogo cruzado: mas que andou bastante tempo retardado. Ora veja-se: convocada (a 1 de Outubro) para ter lugar a 8 de Novembro, acabaria por ter a sua ordem de trabalhos modificada e o dia da realização transferido para este sábado plúmbeo e triste. Porquê?

Na primeira convocatória, o dr. Augusto Leite de Faria (presidente da assembleia) ordenara o programa dá seguinte maneira:

«1. Apreciação e votação de uma proposta de revogação dos Art.os 86.º do Estatuto e do Regulamento Disciplinar.

«2. Apreciação e votação de uma proposta, da Direcção da FPF, de um regulamento para Inscrição e Transferências dos Praticantes Amadores;

«3. Apreciação e votação de uma proposta, do Grupo 'A' de Associações, de um Regulamento para Inscrição e Transferências dos Praticantes Amadores.»

Entretanto, o secretário-geral federativo (César Grácio) rubricava um ofício que foi enviado às diversas Associações e era do seguinte teor:

«Por imponderáveis vários, nomeadamente a ausência no estrangeiro do senhor presidente da direcção, a Assembleia Geral Extraordinária, inicialmente marcada para o dia 8 de Novembro, passará a realizar-se no dia 15, também do referido mês de Novembro. O local e a hora de início mantêm-se para o Hotel Tivoli, às 09.30 horas.

«Mais informamos de que, por determinação do sr. presidente da Assembleia Geral, foi introduzido mais um número na Ordem de Trabalhos», que é o seguinte:

«4. Impugnação, pela A.F. de Setúbal, da deliberação da Assembleia Geral de 4 de Janeiro de 1986, que aprovou o Relatório e Contas da FPF, relativos à gerência de 1984/85»

Ora bem: para além disto (que, em termos de reserva setubalense às contas federativas já dá que pensar) ainda virá a lume (mais que certo) o famigerado «caso Saltillo», provavelmente com o rol de roupa suja que lhe está apenso.

Quem vota

Antes do mais, digamos que poder têm as diferentes Associações, em termos de voto atribuído consoante a quantidade e escalação dos clubes que representam: Porto-74; Lisboa-49; Braga-35; Aveiro-29; Faro-28; Setúbal-22; Leiria-21; Coimbra-17; Funchal-14; Vila Real-10; Viseu-10; Santarém-10; Castelo Branco-7; Bragança-6; Guarda-6; Viana do Castelo-6; Portalegre-5; Angra do Heroísmo-5; Évora-4; Beja-3; Ponta Delgada-2; Horta-2.

E eram 9,37 quando o dr. Augusto Leite Faria, que desempenha há longos anos e com rara elegância o cargo de presidente da Assembleia Geral (anteriormente denominado Congresso), deu início àquela que promete ser a mais escaldante sessão da grande comédia do futebol indígena. Presentes os representantes de todas as 22 associações nacionais. Sala cheia e muita expectativa em dia do «grande juízo» dos membros do executivo liderado pelo dr. Silva Resende. E coube exactamente ao presidente federativo fazer ecoar a sua voz em primeiro lugar, para declarar que a Federação **«não tem culpas no cartório»** e por isso «aqui estamos para prestar todos os esclarecimentos e para contrariarmos todas as acusações que têm vindo a ser formuladas contra este organismo».

Ergueu-se o representante da AF Santarém para pedir que os assuntos a tratar à margem da «ordem do dia» fossem discutidos no final. A proposta mereceu aceitação generalizada e assim será cumprido, pelo que só lá para o final da tarde teremos a abertura do «dossier» Saltillo, todavia estamos habilitados a informar de que após a renúncia de Mateus Roque, a Federação tomou a iniciativa de ser ela — e não o Ministério da Educação e Cultura — a proceder à nomeação do inquiridor, sendo escolhido o dr. Jaime Dória Cortesão (neto de Jaime Cortesão).

Com esta (esperada) alteração do programa agendado, entrou-se na discussão dos casos previstos na «ordem» tendo o delegado da AF Guarda solicitado que os pontos 1 e 4 fossem discutidos e analisados em conjunto. Recordem-se esses pontos: «1 — aprovação e votação de uma proposta de revogação do art.º 86.º do Estatuto e do Regulamento de Disciplina; 4 — Impugnação, pela Associação de Futebol de Setúbal, da deliberação da assembleia geral de 4 de Janeiro que aprovou o relatório e contas relativos à gerência de 1984/85». Percebe-se a intenção do representante da Guarda dado que os pontos referidos têm efeitos de contacto.

Papão da FIFA

O dr. Miguel Bastos, mandatado pela AF Setúbal, entra em cena para alertar os «congressistas» de que a acção judicial movida pela sua Associação tem carácter cível e, portanto, torna-se desnecessário atirarem com o «papão da FIFA». Silva Resende volta a terreiro para mais uma vez demonstrar que a Federação exige que todas as acusações formuladas pelos dirigentes da AF Setúbal sejam ali demonstradas e o presidente do executivo federativo foi mais longe, ao citar uma denominada jornalista «que ninguém conhece», Ana Navarro, tenha escrito uma carta à FIFA dizendo «que a Federação Portuguesa de Futebol tem ladrões no seu seio».

Estávamos portanto a entrar no ponto escaldante da sessão.

Fernando Roriz, técnico de conts da FPF — naturalmente visado nas diversas acusações que têm vindo a ser tornadas públicas sobre a forma irregular da escrituração das diversas contas fez sentir que exigia total esclarecimento, mostrando-se mesmo disposto a ser ele a instaurar processos judiciais contra os acusadores.

Miguel Bastos volta a saltar da cadeira para ameaçar de que irá então «puxar da documentação». Significa tal afirmação que o representante setubalense se sentia seguro quanto aos elementos que foi recolhendo desde a sessão de 4 de Janeiro, onde votou contra, enquanto todas as associações votaram favoravelmente as contas apresentadas no relatório, à excepção, ao que julgamos, da sua congénere de Santarém que terá ficado pela abstenção.

E à hora em que encerramos esta edição, o debate decorria cada vez com mais vigor e acentuada contundência, sem que nada se prevesse quanto ao desfecho das decisões finais. O dia vai ser longo e o «programa aliciante» no sentido em que não faltará vibração. Em cena a grande comédia futebolística e os intérpretes dispostos a bom desempenho nas várias peças. Nós lá nos manteremos para na 2.ª feira aqui lhes contarmos to-

Xadrez: Maya Chiburdanidze não abdica do título

A soviética Maya Chiburdanidze conquistou ontem o título de campeã mundial de xadrez pela 4.ª vez consecutiva. Chiburdanidze somou oito pontos e meio contra cinco pontos e meio da sua compatriota Yelena Akhmylovskaya.

Estruturas crescem em Elvas...

A Câmara Municipal de Elvas adquiriu já o terreno onde será instalada a zona desportiva da cidade. O terreno, anexo ao estádio de futebol da cidade, e com uma área de 18 750 metros quadrados, passou para a posse do município por troca com lotes no Bairro de São Pedro.

Segundo a mesma fonte, a aquisição daquele espaço permitirá à câmara elvense efectuar a construção da bancada do topo sul do estádio e de um moderno pavilhão gimnodesportivo, cujo projecto foi aprovado recentemente pela Câmara de Elvas.

O município de Elvas prevê ainda proceder à iluminação do estádio, obra já aprovada também pelo executivo camarário, e complementar futuramente o parque desportivo com uma piscina, campos de ténis e uma pista de atletismo.

...E em Estremoz

O plano de desenvolvimento desportivo do concelho de Estremoz aponta para a construção de uma piscina e uma pista de atletismo.

De acordo com o vereador do Desporto, António José Ramalho, a construção da piscina, junto ao novo pavilhão gimnodesportivo, é a principal prioridade.

A mesma fonte referiu que a pista de atletismo que o município prevê construir ficará instalada no novo campo de futebol da cidade, já que no actual iniciam-se, em breve, as obras do novo Centro de Saúde de Estremoz.

O plano de desenvolvimento concelhio compreende também obras de beneficiação no recinto da esplanada-parque, propriedade do Clube de Futebol de Estremoz.

COMPANHIA Tel. 2752175
TEATRO DE ALMADA
GEORGE DANDIN
de MOLIÈRE
13 Nov. a 7 Dez.
21,30 - de 5ª a dom.
16 - dom.
Pub. SEC/CMA
encenação
JOAQUIM BENITE
com
ADELAIDE JOÃO | ALFREDO SOBREIRA | ANTÓNIO ASSUNÇÃO
CARLOS GONÇALVES | EMA PAUL | LUIS VICENTE
TERESA ESTEVES | VITOR GONÇALVES
"Um divertimento inteligente"
C.PORTO (D.Lisboa)
"Portentoso"
M.RIO CARVALHO (JL)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
8.º JUÍZO

ANÚNCIO

Processo n.º 8641
1.ª Secção
8.º Juízo

Faz-se saber que por este Juízo e primeira secção, nos autos de acção sumária em que são autora Systema Publishing (Portugal) Editores, Ld.ª e réu Adelino Silva Correia, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Urbanização Mariaderia, B 14-1.º D — Póvoa de Varzim, correm éditos de trinta dias contados da segunda e última publicação deste anúncio citando aquele réu para, no prazo de DEZ DIAS e findo o dos éditos, contestar a acção sob pena de poder vir a ser condenado no pedido que consiste em pagar à autora a quantia de 72 000$00 acrescida de juros à taxa legal contados a partir da data da citação até efectivo pagamento e ainda custas e procuradoria.

Lisboa, 10 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito
João Manuel da Cruz

O Escrivão Adjunto
Jansénio Monteiro

«DL» — 15/11/86 — 2.ª Pub.

"Euro-88"

Itália-Suíça e Malta-Suécia neste fim-de-semana

A Itália inicia hoje a sua presença na qualificação para o «Europeu» recebendo a Suíça, depois de uma modesta tentativa de defesa do título mundial, no México.

O novo técnico italiano Azeglio Vicini, que pretende construir uma equipa para o «Mundial» de 1990, disse que a Suíça sempre foi um adversário incómodo. «Eles sempre nos fizeram sofrer» referiu o técnico.

A Itália nos últimos sete anos não conseguiu somar qualquer vitória contrar a Suíça e os helvéticos dão a este jogo uma importância especial.

Trata-se da terceira partida da Suíça para o «Europeu» e depois de uma derrota com a Suécia e do empate com Portugal, os discípulos de Daniel de Daniel Jeandupeux necessitam de pontuar, mesmo actuando fora.

Na turma suíça a principal ausência é a de Andy Egli, o capitão da equipa, que se encontra suspenso. O técnico italiano, por seu lado, prescindiu dos serviços de Fernando de Napoli, chamando o avançado da Juventus, Aldo Serena, que assim regressa após longa ausência. Galderisi e Nela que actuaram no último jogo particular contra a Grécia também saíram da equipa.

Amanhã: Malta-Suécia

A selecção de Malta joga amanhã com a Suécia mas acumula a contrariedade de ter de contar com a ausência de quatro dos seus habituais titulares, suspensos pela federação maltesa.

O médio Carmel Busualtil e o avançado Martin Gregory foram vetados pela Federação Maltesa de Futebol por problemas com os seus partocinadores enquanto o experiente guarda-redes John Donello e o médio Michael de Gorgio foram igualmente suspensos, mas pela UEFA.

A Suécia, que lidera o grupo 2, onde se encontram as selecções de Portugal, Suíça, Itália e Malta, deverá ver assim diminuídas as suas dificuldades nesta sua deslocação a La Valleta.

O seleccionador de Malta, o búlgaro Gentsho Dobrey substituiu os jogadores suspensos pelo guarda-redes Pierre Calleja, o defesa Joe Galea, os centrocampistas Joe Camilleri e Christian Laferia e ainda o avançado Dennis Caughi, todos estreantes.

Na Suécia irão registar-se também algumas alterações com o regresso do defesa Magnus Andersson, após seis anos de ausências e a convocação de Torbjorn Persson que irá substituir o avançado Roland Nilsson por este se encontrar lesionado.

O seleccionador italiano Azeglio Vicini assistirá ao encontro em missão de «espionagem» depois de hoje, em Milão, acompanhar a estreia da sua selecção no «Europeu» frente à Suíça.

Littbarski mantém-se no Racing de Paris

O internacional alemão-federal Pierre Littbarski, que foi dado como certo no Blau-Weiss de Berlim, RFA, para a próxima época, vai continuar a representar o Racing Clube de Paris.

O director-geral do Racing, Jean-Louis Piette, disse que a decisão de manter Littbarski foi tomada na quarta-feira e que o jogador compreendeu o facto de não ter sido utilizado com frequência na principal equipa até ao momento.

Piette esclareceu também que o uruguaio Ruben Paz não sairá do clube. «Neste momento precisamos de todos», afirmou o director-geral do clube francês.

O Racing de Paris subiu esta época à primeira divisão, mas até ao momento os seus resultados não têm sido satisfatórios, ocupando a 17.ª posição no campeonato.

Maradona na despedida de Bochini

O internacional argentino Diego Maradona será um dos milhões de «fans» que amanhã transportarão os seus pensamentos para o estádio Velez Sarsfield onde Ricardo Bochini efectuará o seu 500.º encontro do campeonato argentino.

Bochini, 32 anos, é um dos três veteranos que ocupa a galeria dos melhores jogadores argentinos de sempre, com excepção para a vedeta Maradona, que actua no Nápoles, de Itália.

A aparição de Bochini com a camisola vermelha do Independiente fará emocionar os seus milhões de adeptos espalhados pelo mundo.

Diego Maradona admira-o como ídolo desde criança, pela sua técnica fora do comum e o seu drible imbatível que foram sempre sinónimo dos sucessos do seu clube de sempre.

Taças UEFA: sorteio em Colónia

O sorteio dos quartos-de-final das Taças da UEFA em futebol vai ser realizado em Colónia (RFA) a 24 de Janeiro e não em Zurique, a 12 de Dezembro, como estava previsto.

A UEFA declarou numa reunião com a Imprensa que a alteração à data e ao local do sorteio foi para não coincidir com a apresentação da «mascote» ao Campeonato da Europa de 1988 na RFA, durante um programa desportivo de televisão.

Modalidades

Esgrima: torneios

Três dezenas e meia de atiradores participaram, em Lisboa, nas provas de preparação e «torneio de jovens» organizados pela Federação de Esgrima. Resultados da prova de preparação 2.ª (espada feminina): 1.ª Margarida Martins, (Ginásio Clube Português) 5 vitórias e 1 derrota; 2.ª Regina Falcão, (Estrela da Amadora) 4v-2d (28-20 toques); 3.ª Minervina Tomás, (CDUL) 4v-2d (28-22). Prova de preparação 2.ª (sabre, homens): 1.º José Paula Santos, (CMEFED) 8v-0d; 2.º Miguel Magalhães, (CDUL) 6v-2d (38-20 toques); 3.º Paulo Oliveira, (CMEFED) 6v-2d (34-28).

«Torneio de Jovens» (florete feminino): 1.ª Elisa Granocchio, (Gin. Cl. Português) 5-0; 2.ª Marta Ricardo, (Vilanovense) 4-1; 3.ª Susana Domingos, (C. E. Vendas Novas) 2-3. Espada (homens): 1.º Caimoto Duarte, (As. Antigos Alunos do Colégio Militar) 3-1; 2.º Sérgio Filipe, (Colégio Militar) 2-2 (18-14); 3.º Rui Frasão, (CDUL) 2-2 (13-14). Sabre: 1.º José C. Heleno, (C. E. Vendas Novas) 6-1 (após «barrage»; 2.º Pedro Aires (Colégio Militar) 6-1; 3.º Luís Delgado, (Colégio Militar) 5-2.

Ténis: final de pares em Cascais

A final de pares do «Masters» de ténis do circuito TAP realiza-se amanhã à tarde no pavilhão do Dramático de Cascais, em piso de alcatifa, anunciou a organização.

A final do torneio dos mestres da prova patrocinada pela Transportadora Aérea Nacional disputa-se entre os portugueses Pedro Cordeiro e João Cunha e Silva e a dupla sueca Anders e Per Henricsson.

A prova foi transferida dos campos da Guia-Quinta da Marinha para o Pavilhão de Cascais devido ao mau tempo, sendo disputada no mesmo piso de alcatifa utilizado em Abril pelo checoslovaco Ivan Lendl e pelo norte-americano Kevin Curren no jogo-exibição ali realizado.

As entradas para a final são gratuitas.

A questão são "cifrões"

Futebolistas argentinos em litígio com a Federação

Os futebolistas argentinos que integraram a selecção campeã do mundo de 1986 protestaram pelo «pouco dinheiro» que a federação lhes destinou pela conquista do título mundial no México.

Alguns jogadores deslocaram-se à sede da Federação Argentina de Futebol para manifestarem o seu descontentamento por receberem só 38 040 dólares (5700 contos) cada um, mas ficaram surpreendidos quando o dirigente federativo Humberto Carlos os informou que não iriam receber essa importância, mas sim menos 10 000 dólares (menos 1500 contos).

«Temos um grande conflito com a AFA, pois é grande a diferença entre o que pensávamos receber e aquilo que agora nos oferecem», afirmou o jogador Ruggeri à saída da Federação, onde se deslocou acompanhado dos seus companheiros Pumpido, Tapia, Cuciuffo, Batista, Garre e Borghi.

O tesoureiro da Federação Argentina, Julian Pascual, anunciou há poucos dias que o organismo recebera 2·085 000 dólares da FIFA, e que haviam sido destinados aos jogadores e equipa técnica 989 055 dólares, cabendo a cada um 38 040 dólares.

«Quando terminou o mundial no México, todos os jogadores pensavam ir receber cerca de 50 000 dólares cada (7500 contos), quantia que passou depois para 38 000 dólares e agora 28 000», disse um dos jogadores.

Os futebolistas argentinos pediram uma reunião com o treinador Carlos Bilardo, para analisar a situação.

Janita Salomé também presente

Vitorino na Aula Magna

Janita e Vitorino na Aula Magna: um espectáculo sem história

Com as «Meninas de Lisboa»

Elsa Andrade

Fotos de CARLOS GIL

Os manos Janita Salomé e Vitorino foram ontem na Aula Magna as estrelas de um espectáculo sem história. Para além das vozes - que continuam óptimas - nada mais há a acrescentar. Nem a presença das «Meninas de Lisboa» a dançar no palco deram ao concerto a performance que se poderia esperar de dois nomes importantes da música portuguesa.

O programa da semana cultural de abertura do ano lectivo do curso de História, organizada pela «História e Crítica» e «Dialogar História» tinha ontem o seu momento alto (segundo afirmou um dos organizadores) com o espectáculo na Aula Magna. Para ele contaram com as actuações de Janita Salomé, Vitorino e respectivas bandas, para além de «As Meninas de Lisboa» e da «participação académica» representada pelo mimo André Maia e por um grupo intitulado «Mask».

O espectáculo começou, meia hora depois do que estava previsto, com duas pequenas representações de mimica a cargo do André: «O Palhaço Pobre» e «A Floresta».

Até aí, tudo bem. O problema começou com a actuação do grupo académico. Composto por três elementos, o «Mask» é um grupo francamente mau. Com ar de «homens do espaço», vestidos de branco e de mascarilhas nos olhos, os três jovens basearam a sua participação na música de sintetizadores - que dominam mal - e nas canções: mal interpretadas e com letras que não se conseguiram entander (a frase que retive de uma das letras foi «dançamos com vigor ao som do sintetizador»).

A suplica que alguém de entre o público berrou resume os «Mask»: «tenham pena de nós!».

seguiu-se a actuação de Janita Salomé e da sua banda: José Peixoto, guitarras; Paulo Curado, sax e flauta; Fernando Molina e João Nuno Represas, percussão e Carlos Branco, baixo.

Das saias alentejanas às canções de amor, passando pela música de inspiração árabe, a voz de Janita encheu a sala. Forte, grave, potente foi sem dúvida qualquer coisa a sala. Forte, grave, potente foi sem dúvida qualquer coisa de maravilhoso, mas não chegou para fazer uma boa actuação. Os espaços vazios foram vários e o espectáculo não teve um fio condutor. Estaria bem para qualquer artista, mas não à altura de um Janita, que tem mostrado saber fazer muito, mas muito melhor.

Não são no entanto de esquecer momentos como «As Árvores no Deserto», «A Uma Escrava que Ocultou o Sol» ou as três canções de amor (com letras de Fernando Pessoa, Luís de andrade e António José Forte), que interpretou acompanhado só do piano de José Manuel Marreiros. De realçar ainda a estreia de uma música do próximo álbum, «Estrela Cadente», e a «cantiga contra o poder», que não tem «arte nem imaginação».

Depois de um intervalo sem luz, que os músicos dos manos souberam perfeitamente ultrapassar com uma improvisação que pôs muita gente a dançar, foi a vez de Vitorino subir ao palco.

Vestido de preto como é da praxe, o compositor soube alternar com bom gosto canções como «Semear Salsa ao Reguinho», «Meninas», «Senhora Maria», «Queda do Império» ou «Sul».

Acompanhado coreograficamente pel'«As Meninas de Lisboa» (Mónica Lapa, Mizé, Catarina e Aldara), Vitorino, apesar de ter tido o apoio incondicional do público, não satisfez. Tal como o irmão, tem feito mais, e melhor.

Acompanhado por José Manuel Marreiros no piano, Rui Alves na bateria, Zé Neves no baixo, Carlos Salomé na guitarra e Baíco no sax, Vitorino deu a voz, mas não apresença que se estaria à espera.

Depois de uma «Menina que Estás à Janela» lindíssima, com «voz e alma», o fim veio numa interpretação dos dois irmãos, das duas bandas, das quatro meninas e de um público entusiasmado que enchia quase por completo a sala.

Não foi um espectáculo para ficar na história da música ao vivo, como seria justo esperar quando se juntam num mesmo palco dois dos nomes mais representativos da música portuguesa.

Album já foi lançado em Lisboa

Estrelas do Rock a favor da Amnistia

Alguns dos nomes mais importantes da actual música «pop» cederam canções para o álbum «Rock pela Amnistia», que acaba de ser editado em todo o mundo pela Polygram e cujas receitas revertem a favor da «Amnistia Internacional». Em Lisboa, como já anunciámos, o lançamento do disco efectuou-se na passada quinta-feira.

A Peter Gabriel, Sting, Bryan Adams — que já haviam participado na «tournée» «Conspiração da Esperança», promovida por aquela organização — juntaram-se agora os Dire Straits, Elton John, John «Cougar» Mellencamp, Tears for Tears, Howard Jones, Paul MacCartney e Simple Minds.

O álbum «Rock Pela Amnistia» inclui os temas «Biko», composto por Peter Gabriel em memória de um dissidente sul-africano, «Pipes of Peace», de MacCartney, «Pink Houses», de Mellencamps, e «Brothers in Arms», dos Dire Straits.

Sting contribuiu com uma gravação original, a sua versão do clássico de Billie Holliday «Strange Fruit», sobre o racismo no sul dos Estados Unidos.

«Esta causa é diferente de outras porque não visa apenas fazer dinheiro: o objectivo é libertar presos políticos e acabar com a tortura» — disse um representante da «Amnistia Internacional».

«É uma causa apolítica» — sublinhou.

A «tournée» «Conspiração da Esperança» centrou-se sobre seis presos políticos, um dos quais, o sul-africano Thomazile Goweta, acabou por ser libertado.

Os outros cinco continuam presos: Hugo Deleon Palacios, da Guatemala, Lee Kwang-Ung, Coreia do Sul, Riad Al-Turk, Síria, Tatyana Semyonova Osipova, União Soviética, e Nguyen Thien, Vietname.

Este disco surgiu a partir da ideia de um homem, Paul Gambaccini, nome prestigiado dos «media» ingleses, que convidou os artistas envolvidos a cederem os direitos de temas a favor da Amnistia Internacional, que este ano comemora o 25.º aniversário.

Como Paul Gambaccini disse, «é um álbum excelente mas, só por si, pouco vale se não nos lembrarmos que este ano, uma vez mais, há pessoas que não celebrarão o Natal, passando-o em prisões de todo o mundo. Ajudem-nas, comprando o disco e estarão ajudando a manter acesa a vela da Liberdade».

Isac Alves (ou Pilaca) é o da esquerda

Rosa Madeira tem disco novo

«Rosa Madeira — Aplauso para uma Voz», assim se chama o novo disco da fadista, seis temas com a moldura sonora da orquestra de Manuel Viegas, os restantes seis com o clássico acompanhamento das guitarras de Mário Pacheco e das violas de Francisco Peres (Paquito) e José Manuel Vilela.

Rosa Madeira dá neste seu novo trabalho discográfico, editado pela Movieplay, mais uma prova da sua versatilidade, ao interpretar temas que vão da valsa-musete «Meu Champs Elysées» a «Alfama Velhinha», mostrando o que vale em áreas diversas como são a canção, o fado-canção, a marcha, fazendo prova da sua sensibilidade ao passar com facilidade do tom alegre para o estilo dramático.

«Aplauso para uma Voz» é nome de disco português, feito para todos sem distinção — basta que se goste de uma voz bonita e do tipo de música que ela canta.

Ano Europeu do Cinema e da Televisão vai ser em 1988 por decisão da CEE

Os ministros da Cultura da Comunidade Europeia decidiram, em Bruxelas, declarar 1988 como Ano Europeu do Cinema e da Televisão.

Seguir-se-á ao Ano da Segurança Rodoviária 91986) e ao do Ambiente (1987), na sequência da aprovação no passado mês de Junho pelos chefes de Estado e de Governo da Comunidade Europeia de um relatório sobre a «Europa dos Cidadãos» que apontava nesse sentido.

Por pressão da República Federal da Alemanha, no entanto, foram eliminadas referências precisas a uma eventual participação da Comunidade Europeia no financiamento das actividades previstas.

De acordo com as propostas da Comissão Europeia, o Ano Europeu do Cinema e da Televisão terá por objectivo desenvolver uma tomada de consciência do desafio económico e social que representa o audiovisual na Europa, fazer com que a identidade europeia se reflicta nos media audiovisuais, promover uma maior cooperação europeia no que diz respeito ao financiamento, produção e distribuição de programas audiovisuais, promoção de uma associação mais estreita entre o Cinema e a Televisão.

Este último objectivo, de acordo com a secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia, que chefiava a delegação portuguesa, «é particularmente importante para Portugal, na medida em que a Televisão é maior consumidora do que produtora de programas audiovisuais».

Comissão nacional: já temos

A comissão nacional para o Ano Europeu do Cinema e da Televisão será, segundo Teresa Patrício Gouveia, presidida por António Brás Teixeira e vice-presidida por Salgado Matos, presidente do Instituto Português de Cinema.

Ainda nesta matéria, os ministros ouviram ainda um relatório do comissário encarregue dos assuntos culturais, Carlo Ripa Di Meana, sobre a «gravidade» que consiste a dimensão do fenómeno da pirataria audiovisual, o qual «pode mesmo sabotar as bases do desenvolvimento da indústria europeia».

A comissão europeia deverá, segundo disse, apresentar brevemente proposta no sentido de uma acção comum que possa pôr cobro a esse fenómeno.

Aquele comissário apelou aos ministros envolvidos no projecto, ainda no mesmo quadro, sem obtenção de quaisquer respostas concretas, para que se comprometam no sentido da viabilização da Europa TV, actualmente o único projecto de televisão pan-europeu.

Os ministros aprovaram ainda resoluções no sentido do desenvolvimento de uma cooperação eficaz para a conservação do património arquitectónico europeu, do encorajamento do mecenato das empresas no domínio cultural e do estímulo da conservação de objectos e obras de arte.

Decidiram, por último, designar Galsgow como capital europeia da Cultura em 1990, depois de Florença (1986), Amesterdam (1987), Berlim (1988) e Paris (1989).

Loures dinamiza património arqueológico

O Museu Municipal de Loures promoveu durante os meses de Julho, Agosto e Setembro um programa de acções, visando a ampliação do conhecimento da história antiga do concelho, informou uma fonte camarária.

Prospecções sistemáticas realizadas em todo o concelho levaram à descoberta de sete estações arqueológicas da época paleolítica, três do Neolítico, duas da Idade do Ferro e uma da época romana. Foram igualmente reconhecidas algumas estações de localização e condições de jazida pouco seguras.

De acordo com a informação da Câmara. procedeu-se igualmente ao levantamento e limpeza da anta de Carcavelos (Lousa) e da lapa da figueira (Bucelas) para serem estudadas com a urgência pretendida pelo Museu de Loures.

Sondagens de verificação foram efectuadas na lapa da Figueira e em duas zonas do castelo da Amoreira (Odivelas), que confirmaram o seu alto interesse arqueológico.

Estas acções contribuiram para a animação e sensibilização das populações, com quem houve contactos e que prestaram valiosa ajuda nos trabalhos realizados, acrescenta a Câmara de Loures.

No próximo ano de 1987, vai realizar-se no concelho um plano de escavações de salvaguarda, disse a mesma fonte.

"Pilaca", cara-branca Isaac, empresário

João de Melo Alvim

A rota do circo em que trabalhavam seus pais, «obrigou-o» a nascer em Santa Maria Maior, Viana do Castelo. De então para cá, «e já cá cantam 43 anos», cresceu pelas «tournées» e fez-se artista pelo método generalizado naquele tempo: muito trabalhinho e alguma (?) porrada...

Foi «Augusto-de-soirée» fez «bambu japonês» (número de força e acrobacia), passou pelo ilusionismo, recorda, com alguma nostalgia, os seus tempos de palhaço «cara-branca», menciona o trabalho como representante e apresentador (neste último papel, a coroa de glória foi a apresentação, no Coliseu de Lisboa, da companhia de Angel Cristo, em 1977), até aos dias de hoje, empresário e também apresentador, mas da sua própria companhia.

«Pilaca» é o seu nome artístico e ainda o único que lhe é conhecido por muita gente do meio. António Isaac Alves, reza o bilhete de identidade.

Quanto ao presente, acha que «em Potugal, os artistas de circo de qualidade, não são muitos. Os que a têm e sabem disso, vão para o estrangeiro». Quanto às empresas, «elas enfrentam grandes dificuldades e as únicas que conseguem sobreviver são as que contam com números da casa».

«Claro que isto», diz-me ainda, «tem reflexos na qualidade artística do circo que actualmente se faz por cá».

Sem se rir, e a pensar no futuro, «Pilaca-cara-branca-Isaac-empresário» sentencia que «a saída está na fome».

—«Se eu não tiver números de qualidade, se eu, dentro do circo, não souber ou não tiver vontade de fazer de tudo,desde a parte artística passando pela condução de um camião, colagem de propaganda, etc., não arranjo emprego, não como. Agora pergunto, quem está realmente interessado em fazer isso cá, no nosso meio?»

Encara-me de frente para concluir:

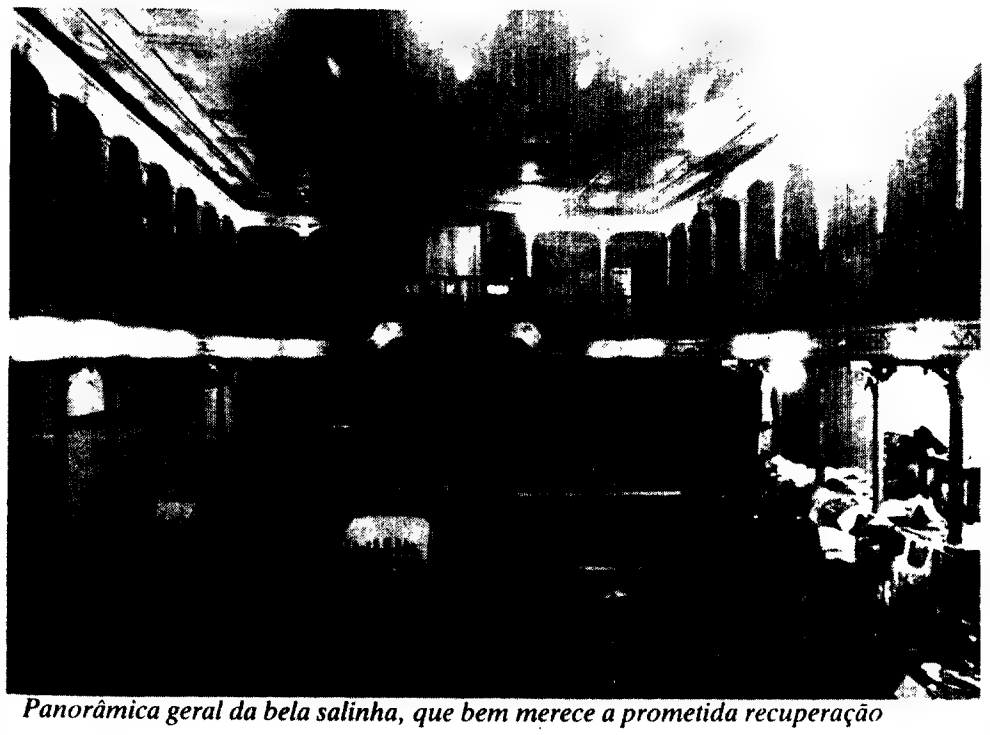
«Se não formos nós a aguentar o Circo, ninguém de fora o virá fazer por nós. As autarquias cada vez mais dificultam a nossa actuação; a Comunicação Social, salvo raras excepções, só se lembra de nós quando há um acidente, ou então pelo Natal; o Ministério da Cultura, a SEC, ou lá o que é, não sabe que o Circo existe, embora tenham lá uma divisão com o nosso nome».

Festróia no Quarteto

Cerca de 30 películas participantes no Segundo Festival de Cinema de Tróia estão a ser exibidas no Cinema Quarteto, em Lisboa, desde 6.ª-feira até dia 22.

Algumas dessas obras não chegaram a ser mostradas durante o Festival, que decorreu de 1 a 8 de Novembro em Tróia.

Integram a lista de títulos, de curta e longa metragem, elaborada para esta «extensão do Festival», filmes como «Fool for Love», de Robert Altman, o Grande Prémio do certame, «Runaway Train», de Mikhalkov Konchalovski, «Cartas de um Homem Morto», de Konstantin Lopushanski, «Tiempo de Morir», de Jorge Ali Triana, «Mona Lisa», de Neil Jordan, «Dragon Rapid», de Jaime Camino e «Wetherby», de David Hare.



Panorâmica geral da bela salinha, que bem merece a prometida recuperação

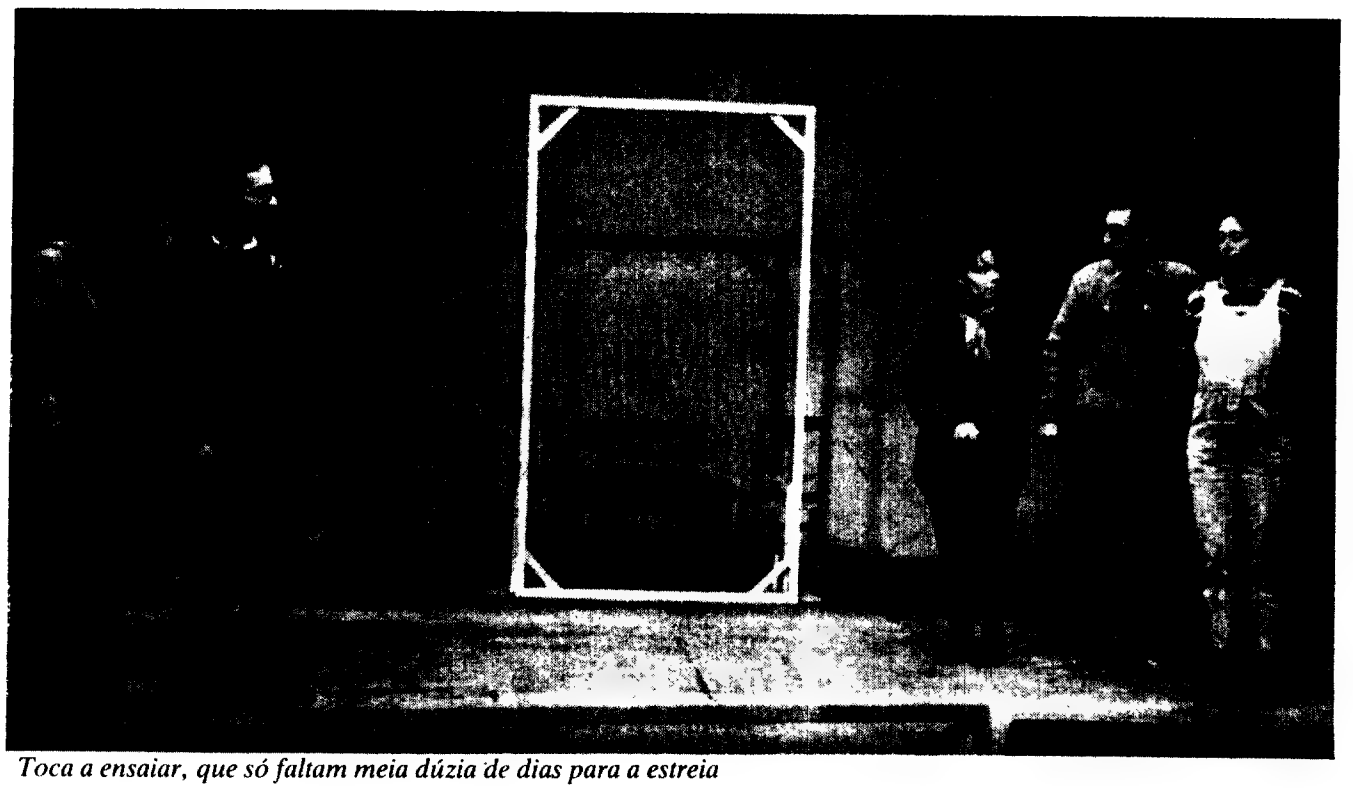
Mãos experientes garantem que o guarda-roupa estará pronto a horas

Em Belém nasce uma cooperativa de Teatro: chama-se Persona e aposta forte na comédia

Rodrigues Borges

Fotos de Hernando Domingues

Na próxima quarta-feira, dia 19, no Instituto Franco-Português, estreia-se um novo grupo de Teatro. Chama-se Persona — Cooperativa de Animação Teatral, é composto por 12 profissionais, e a peça escolhida para a primeira apresentação é da autoria do dramaturgo francês Beaumarchais, que viveu entre 1732 e 1799 e tem por título «O Barbeiro de Sevilha».



Toca a ensaiar, que só faltam meia dúzia de dias para a estreia

Dos doze elementos desta cooperativa, dez são formados pela Escola Superior de Teatro do Conservatório Nacional e os restantes finalistas do mesmo curso. São todos actores profissionais. O encontro do repórter do «DL» com a Persona aconteceu há escassos dias, no decorrer dum ensaio, num belo teatro do final do século passado, que se chamou «Luís de Camões» nos seus tempos de glória e hoje, ameaçado de degradação, integra-se na sede do velho Belém Clube (à Calçada da Ajuda) mas faz parte do património da Câmara Municipal de Lisboa.

Este espaço, na sequência dum protocolo estabelecido entre os elementos que compõem a Persona e a direcção do Belém Clube, fica para já a constituir a «sede» da nova cooperativa teatral. Ali se ensaia e se faz o guarda-roupa e os cenários e tudo o mais que se relacione com a preparação dos futuros espectáculos.

— E por que não realizar aqui os próprios espectáculos?

Bom — esclarece-nos um dos componentes da Persona — a razão fundamental está praticamente à vista. Acontece que, por motivos de falta de segurança, derivados do estado de degradação e ainda pelo facto de todas as estruturas serem em madeira e muito velha, as chamadas autoridades competentes interditaram esta sala para a realização de espectáculos públicos.

— Problema sem remédio?

De forma nenhuma, pelo contrário pensamos este belíssimo espaço há-de um dia voltar a ser o que já foi: ou seja, uma sala de Teatro, é esse de resto o desejo do Belém Clube, a quem não queremos deixar de testemunhar o nosso agradecimento pela «forç» que nos prometeu fazer junto da Câmara pra que esta cumpra a promessa de tornar o teatro operacional e ainda por ter correspondido à nossa proposta de aqui pormos a funcionar um espaço cultural que só pode valorizar a área habitacional em que se insere.

Companhia vocacionada para a comédia

Quisemos saber como tudo começou e a resposta não se fez esperar:

O António Cordeiro, que aliás tinha estabelecido o primeiro contacto com o jornalista, fez-nos um resumo: naturalmente que, «oficiais do mesmo ofício», todos nos conhecíamos e acabámos por chegar à conclusão que «seria da máxima importância criar um espaço diferente no plano teatral actual, embora inserindo-se na linha já anteriormente traçada por outras companhias e infelizmente se perdeu, a do Teatro de Comédia.»

Por isso eles insistem: queremos ser uma companhia teatral vocacionada essencialmente para a comédia, desde os clássicos aos contemporâneos, nacionais e estrangeiros.

— Algum motivo especial para a escolha do «Barbeiro de Sevilha»?

Talvez, apenas, porque entendemos que a peça de Beaumarchais servia às maravilhas os nossos desígnios e, com os seus sete personagens, adequava-se também à capacidade dum grupo que começa. A verdade é que também poderíamos ter escolhido outra, afinal dentro do género que nos propomos privilegiar, o reportório não escasseia, antes pelo contrário.

— Uma pergunta que já está a faltar e que é a seguinte: porquê só (ou principalmente, se preferirem) comédia?

Ora aí está uma questão que julgamos muito importante. Trata-se, em primeiro lugar, duma opção do grupo. Não por capricho, bem entendido, mas porque pretendemos recuperar um determinado tipo de público e achamos que através dum género acessível como é a comédia (da boa comédia, claro está), onde a sorrir se dizem afinal de contas coisas muito importantes, a captação de público eventualmente divorciado do teatro se torna bastante mais fácil. Como já referimos iniciamos a vida da cooperativa com uma comédia escrita na segunda metade do século XVIII, mas o nosso reportório virá a incluir também comédias de autores vivos, estrangeiros ou portugueses, muito actuais.

— Já ficámos a saber que, por enquanto, não podem apresentar espectáculos aqui no teatrinho do Belém Clube e oxalá que o possam vir a fazer no mais curto prazo possível. Daí a pergunta: Quantos dias no Instituto Franco-Português e depois aonde?

A estreia de «O Barbeiro de Sevilha» está marcada (e vai ser mesmo) no próximo dia 19, no auditório do Instituto Franco-Português e lá estaremos até dia 29, com um total de 12 espectáculos. A seguir, estão já programados mais duas apresentações no anfiteatro do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. A seguir logo se verá, não excluindo a hipótese da itinerância, uma ideia que consta do nosso programa de acção, designadamente no que toca aos concelhos periféricos, numa primeira fase.

— Partindo do princípio que o vosso objectivo se há-de cumprir, ou seja, que o velho teatro «Luís de Camões», quando a Câmara puder e quiser, será um dia o palco permanente da Persona — Cooperativa de Animação Teatral, acham que Belém é uma zona ideal para se implantar uma companhia profissional de teatro?

«Em primeiro lugar, não desistiremos da ideia de recuperar a sala do Belém Clube. Com a preciosíssima ajuda da direcção do clube, tão interessada quanto nós e finalmente a compreensão da edilidade para um problema que tem fundamentalmente a ver com a promoção cultural da própria cidade. Em segundo lugar, pensamos que Belém é já uma zona suficientemente central para poder manter um Teatro em regime permanente. E já agora aproveitamos para agradecer os preciosos apoios que para o nosso arranque recebemos de colegas (Teatro do Século, Centro Cultural de Évora, Teatro Nacional D. Maria II) e da direcção do Belém Clube».

Por nós, até quarta-feira no Instituto Franco-Português. E para terminar, os nomes dos 12 elementos que integram a Persona: Guilherme Filipe, Miguel Menezes, Carla Faria, António Cordeiro, Elisa Lisboa, Maria José Pascoal, Cristina Buero, Tereza Corte-Real, Jorge Campos, Ivo Vaz, Paulo Lages e Luís Filipe Sequeira Lopes.

Ballet Gulbenkian volta a casa para iniciar nova temporada

Após o recente êxito no Teatro Sadler's Wells, de Londres, o Ballet Gulbenkian volta ao convívio com o público de Lisboa para inaugurar, no próximo dia 19, a sua temporada 86/87 que decorrerá no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian.

Esta temporada, que irá até final de Março, engloba um total de 24 espectáculos, com reportório altamente diversificado, distribuído por cinco diferentes programas.

Das dezassete obras programadas, cinco serão apresentadas em estreia: uma de Christopher Bruce (estreia em Portugal), duas de Vasco Wallenkamp e duas de Olga Roriz (estreias absolutas).

O restante reportório foi elaborado de modo a proporcionar ao público uma panorâmica representativa do trabalho da companhia ao longo dos últimos seis anos, especialmente desde 1982. Efectivamente, essas doze obras foram seleccionadas de entre as de melhor qualidade, e que maior sucesso obtiveram junto do público e da crítica.

Esta selecção reflecte adequadamente a orientação estética que começou a ser imprimida à companhia no início da década de 70 e que plenamente se afirmou a partir de 1978. Caracteriza-se essa orientação pela modernidade numa perspectiva ecléctica, abrangendo todo o vasto campo que se situa entre o «ballet» contemporâneo europeu e a «modern dance» norte-americana.

A importância das grandes coreografias

Esta directriz tem-se traduzido, por um lado, no apelo feito a alguns dos mais destacados coreógrafos de aquém e além-Atlântico, quer para criarem obras expressamente para o Ballet Gulbenkian quer para aqui montarem bailados de sua autoria já internacionalmente consagrados. Encontram-se representados nesta temporada quatro desses coreógrafos: Christopher Bruce, Jiri Kylian, Hans van Manen e Louis Falco — os três primeiros, aliás, com bailados que podem considerar-se já como verdadeiros «clássicos» do reportório contemporâneo: «Dança dos Espíritos», «Sinfonia em Ré», «Regresso a Uma Terra Estranha» e «Cinco Tangos».

O regresso de Carlos Trincheiras

Simultaneamente, tem constituído preocupação da Fundação Gulbenkian dotar a sua companhia de um perfil específico, segundo a constituição de um reportório de qualidade, de cariz português. Desta preocupação dá testemunho, na presente temporada, a reposição de várias obras dos dois autores que, mais recentemente, têm feito um assíduo trabalho criativo para o Ballet Gulbenkian: Vasco Wallenkamp (coreógrafo-residente desde 1977) e Olga Roriz. «Bênção de Deus na Solidão», «Danças para Uma Guitarra» e «Antigas Vozes de Crianças», de Wallenkamp, «Espaço Vazio» e «Três Canções de Nina Hagen», de Roriz, ilustram bem as personalidades artísticas, entre si fortemente contrastantes, destes dois coreógrafos, designadamente no lirismo do primeiro e o expressionismo da segunda. Ainda neste contexto assume relevo, mediante a reposição de «Inter-rupto», o regresso, após vários anos de ausência no Brasil, de Carlos Trincheiras, artista português que esteve intensamente ligado à vida do Ballet Gulbenkian, desde a sua criação em 1965 e até 1979, na múltipla qualidade de bailarino, coreógrafo-residente, ensaiador e mestre de bailado.

Três séculos de ourivesaria hispano-americana

Nas Galerias das Exposições Temporárias do Museu Gulbenkian, por iniciativa da Embaixada da Argentina em Lisboa, em colaboração com a Fundação Gulbenkian, inaugura-se no próximo dia 20 às 18 horas, encerrando-se em 31 de Janeiro de 1987, a exposição «Três Séculos de Ourivesaria Hispano-Americana».

As peças desta importante e significativa exposição pertencem ao Museu Isaac Fernandez Blanco, de Buenos Aires, e foi anteriormente apresentada nas Galerias do Louvre des Antiquaires, em Paris. Nesta exposição, apresentada pela primeira vez em Portugal, figuram cerca de 150 peças de ourivesaria que não só documentam a arte da prata dos países da América Latina, como se incluem aspectos religiosos e civis de obras eruditas e crioulas, como testemunham, por outro lado, a presença e a influência de artistas da península hispânica nesses países, do século XVII ao século XVIII e metade do século XIX, em que se destaca, por exemplos a ourivesaria do Alto Peru.

«Bandeja» do Alto Peru, uma peça do século XVIII em prata repuxada e cinzelada

«Estribo de senhora», peça em prata vazada e cinzelada da 1.ª metade do século XIX

Organizada no quadro de intercâmbio cultural luso-argentino, esta importante exposição que se apresenta nas proximidades do centenário da descoberta da América, reveste-se, por isso, de especial interesse, na medida em que nos mostra uma produção artística não muito conhecida e até certo ponto insuficientemente apreciada. Trata-se de um verdadeiro tesouro artístico esta exposição onde figuram peças antigas da Argentina, do Chile, do Peru, da Venezuela, México, etc. E toda uma história da velha América, com seus monumentos e suas riquezas artísticas, em que esta exposição nos traz presenças de velhas civilizações. Não cabe nesta notícia uma análise das peças que vão ser apresentadas ao público português, mas um facto sobressai desde já: é o mundo redivivo da arte da prata e do ouro, dos países hispânicos que surgirá diante dos nossos olhos, graças ao Museu de Arte Hispano Americano Isaac Fernandez Blanco, da municipalidade de Buenos Aires, à Embaixada da Argentina e à Fundação Gulbenkian, através do seu Museu Calouste Gulbenkian.

ROTEIRO CULTURAL

Um trabalho de Cruzeiro Seixas, até 28 do corrente na Galeria Gilde, em S. Torcato-Guimarães

Exposições

- Na Galeria Guilde — S. Torcato, Guimarães, de terça a domingo das 15 às 19 horas, uma exposição de desenho e pintura de Cruzeiro Seixas.
- Em Amarante, nas Galeria S. Pedro, uma mostra de aguarelas de Gonzalez Justo Bravo e Paulo Ossião, até 6 de Dezembro, todos os dias das 14 às 19, sábados e domingos das 21 às 23 horas.
- Na Livraria Barata — Av. de Roma, 11-A inaugura-se hoje às 21.30, uma exposição dos «Arquitctos-pintores» Nuno San Payo, Costa Martins e Vítor Palla. A exposição será acompanhada de uma mostra de livros de arte e arquitectura e estará patente até 30 de Novembro das 12 às 23 horas, de segunda a sábado.
- Na Galeria Municipal da Amadora, até 23 do corrente, estão expostos trabalhos de pintura, desenho, escultura e tapeçaria da autoria de Fidalgo, Henrique Faria e Lucas dos Santos. No âmbito desta exposição realiza-se no próximo dia 14, pelas 21 horas, um colóquio sobre o tema «Bruxas e marginais na pintura europeia ao longo dos séculos». Horário da exposição: das 15 às 23 horas.
- Na Galeria de Arte do Hotel Meridien-Porto, uma exposição de aguarelas da autoria de Jaime Isidoro, até ao final do corrente mês. O tema é o «Porto-Margens do Douro».
- Na Zona dos Congressos Permanentes da Fundação Gulbenkian, a exposição fotográfica «Monumentos e Sítios do Património Mundial», no âmbito do 40.º aniversário da UNESCO.
- Na Galeria «Espace Alliance» — Rua Braamcamp, 13-1.º, até 29 de Novembro, a primeira exposição individual de Manuel de Sena. Das 10 às 13 e das 14 às 20 nos dias úteis.
- Na Galeria do British Council, Rua Cecílio de Sousa, 65, uma exposição de Pintura do artista britânico Graham Walker, que há cerca de três anos estabeleceu residência em Portugal, onde vive e trabalha desde então. É sócio da Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde já participou numa exposição colectiva. Em Janeiro deste ano efectuou uma exposição individual na Junta de Turismo da Costa do Estoril e figurou também na «Primeira Mostra de Arte Contemporânea no Brasil» apresentada na Sociedade Brasileira de Belas-Artes do Rio de Janeiro.
  Esta mostra de Graham Walker pode ser visitada até dia 21 do corrente.
- No Museu Tavares Proença Júnior em Castelo Branco até final do mês, pinturas sobre gesso da autoria de João Manuel Hormigo. Autor é licenciado em Arquitectura, natural de Castelo Branco onde actualmente exerce funções docentes na Escola Secundária. Esta é a sua primeira exposição individual.
- Na Galeria Altamira até 20 do corrente, uma exposição de pintura de Vítor Fortes. Patente na Rua Filipe Folque, das 10 às 19 de segunda a sexta e das 10 às 13 aos sábados.
- Na Galeria Comunicação Visual, Lda. (Novo Século) na Rua do Século, 23-A uma exposição de pintura do artista Romualdo. De segunda a sábado das 14 às 20 horas. «Cupido Negro em Jardim Alheio» é o título desta mostra.
- Na Galeria de Sant'Iago na Rua Luís de Queirós, 26, em Almada, uma exposição de obras de artistas portugueses e estrangeiros que pode ser visitada todos os dias das 11 às 20.
- Na Fundação Eng.º António de Almeida, no Porto, a exposição de Pintura de Paulo Vilas Boas. Patente ao público na Rua Tenente Valadim, 231, das 14.30 às 18.30 excepto aos domingos até ao próximo dia 15.

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
ASES INDOMÁVEIS
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa Club
T. 763319
AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 2
ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70
A VERDADE DOS FACTOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Ávila
— T. 539930
COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
CLUBE PRIVADO
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358
MIRONES SEXUAIS
(int. a m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
UMA TREMENDA CONFUSÃO
(maiores 12 anos)
15.30, 18,30 e 21.30 h

Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, com Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass.
Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Cinebloco
— T. 556824
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

48 HORAS
(maiores 12 anos)
24 h

Cinebolso
INTRODUÇÃO ÍNTIMA
(Int. a m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194
UM CASO ESTRANHO
(n/acons. a m. 13 anos)
14.00, 16.45 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
NOITES ESCALDANTES
(n/acons. a men. 18 anos)
14.00, 16,30, 19 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estádio Amoreiras
FX — EFEITOS IMORTAIS
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estádio Sheza
O ROMANCE DE MURPHY
(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
GINGER E FRED
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

O TOURO ENRAIVECIDO
(m. 18 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
DUELO IMORTAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
A ENCRUZILHADA
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
TOOTSIE
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
OPERAÇÃO ORION
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
LUA-DE-MEL COM FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3
REVOLUÇÃO
(maiores 13 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h.

Fórum Picoas
— T. 541037
CARMEN JONES
(n/acons. a men. 13 anos)
21.45 h

Gemini
— T. 734009
INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
FIX — EFEITOS MORTAIS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
LUA DE MEL COM FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Império
— T. 555134
LAWRENCE DA ARÁBIA
(maiores 10 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
LUA DE MEL COM FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres
— T. 801313
ANA E AS SUAS IRMÃS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
Encerrado para remodelação

Nimas
— T. 574362
A FÁBRICA DAS LOUCURAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
CHAMARAM-LHE GÉNIO
(n/acons. a men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309
VAMOS FALAR DE SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. a men. 18 anos)

Pathé
— 821933
3 HOMENS E UM BRAÇO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305
COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
O NAVIO FAROL
(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 23.30 h
FOLL FOR LOVE
(m. 16 anos)
21.30 h

Sala 2
A CORTINA RASGADA
(n/acons. men. 13 anos)
14.30, 19, 21.30 e 24.00 h
EU SEI QUE TE VOU AMAR
(m. 16 anos)
16.30 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 16.45 e 21.30 h
LETTER TO BREZHNEV
(m. 16 anos)
19.00 h

Sala 4
O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
16.45, 19, 21.30 e 23.30 h
SCHMUTZ
(m. 16 anos)
14.30 h

Roma
T. 889192
COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
CAÇA ÀS VIRGENS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
A FÁBRICA DAS LOUCURAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715
A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Star
— T. 804210
PAPLOVA — UMA MULHER PARA SEMPRE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.45 h

Voxmania
— T. 880808
ESTRADA DE FOGO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.00 h

Xenon
— T. 368480
DUELO IMORTAL
(maiores 16 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
PASSADO INESQUECÍVEL
(maiores 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Academia dos Doutores», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Oficial e Cavalheiro» às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)
AMADORA — Babilónia — «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Olhos Indiscretos», às 15 e 21.30 h (m. 16 anos)
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «O Executor Implacável», às 15.30 e 21.30 h
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «As Forças do Universo», às 15.30, 18 e 21.30 h (m. 16 anos)
SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Que Paródia de Férias», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Terror na Auto-Estrada», às 17 e 21.15 h (maiores 6 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «Dois Super-Polícias em Miami», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Nova Iorque Foa de Horas» às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Desaparecido em Combate», às 15.30 e 21.45 (m. 16 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Ternos Laços», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Duelo Imortal», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Terror na Auto-Estrada», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)
CASCAIS — Oxford — «Absolute Beginners», às 16 e 21.30 h (m. 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Um Vagabundo na Alta Roda», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
ALMADA — Incrível Almadense — «Espiões como Nós», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Denuncia Sinistra», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 18 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Um Dia a Casa Vem Abaixo», às 15.45 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Código do Silêncio», às 16.15 e 21.45 h (m. 6 anos)
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Debaixo de Fogo», às 15 e 21.15 (m. 18 anos)
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «A Cor Púrpura», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)
ODIVELAS — Cineodivel — «Acto de Vingança», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos).
CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «As Forças do Universo», às 16 e 21 h (m. 16 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE (Hoje) — AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **CHILE - ARCO DO CEGO: São Jorge**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **ESTRELA: Aurélio Rego**, C. da Estrela, 139 (T. 661758); **GALINHEIRAS - CHARNECA - LUMIAR: São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **JERÓNIMOS: Remísio**, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda**, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 723220); **SÃO JOSÉ - TIVOLI: Fernandes**, R. de São José, 187 (T. 326476); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, célula 13-B, bloco 1, lote B; **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35; **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453); **QUINTA DO MENDES - ODIVELAS: Almeida**, Pt. à R. Tomás da Anunciação, 38-B (T. 9828491).

PERMANENTE (Amanhã) — AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALTO DE SÃO JOÃO: Zional**, R. Morais Soares, 56-C; **BAIXA: Oliveira**, R. da Prata, 240 (T. 878415); **CAMPO GRANDE - AVENIDA DO BRASIL: Rainha Santa**, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CAMPOLIDE - ÁGUAS LIVRES: Rualto, Ld.ª**, R. Alto do Carvalhão. 5 (T. 651721); **ESTADOS UNIDOS - À CAIXA DE PREVIDÊNCIA 39: Celta**, R. Moura Girão, 3-B (T. 890621); **MADRE DE DEUS: Romana**, R. Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **RATO: Albano**, R. da Escola Politécnica, 59 (T. 326750); **REGO: Prates & Mota**, R. da Beneficência, 91-93 (T. 773728); **SALDANHA: Avenidas**, Av. da República, 27-A (T. 533688); **TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE: Quejas**, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21 (T. 7584144); **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Santo António**, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 862333); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, célula 13-B, bloco 1, lote B; **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

Outra Banda — ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31, lj, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chui**, Av. General Humberto Delgado (T. 2402318). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Piçarra**, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira** B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 541 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Normal**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Permanente; **Saião**, Av. da Portela (T. 22709). Permanente; **Fuzeta**. Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Permanente; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Até às 22 horas; **Heleno**, R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964796). Até às 22 horas; **DAMAIA: Girassol**, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Permanente; **QUELUZ: Zeller**, R. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — SACAVÉM: Soares, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente.

Porto — DE DIA E TODA A NOITE — HERCULANO, R. Alexandre Herculano, 364; **TERREIRO**, R. da Reboleira, 21; **BARROS**, R. do Bonjardim, 1292; **VITÓRIA**, R. de São Roque da Lameira, 756; **MAIA**, R. do Campo Alegre, 192.

Coimbra — FIGUEIREDO, R. da Sofia, 107-109 (T. 22837); **LOPES RODRIGUES**, R. Fernandes Tomaz, ao Arco de Almedina (T. 22634).

TEATROS

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo, às 16.00 e 21.30

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20

De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb.dos e dom.gos, às 16 h

"GALILEU GALILEI", de Bertolt Brech. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818

De 3.ª a sáb. às 21.30, domingos às 17.00 h

"O TOURO", de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Intérp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**«, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

Porto — Cooperativa do Povo Portuense

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados e domingos, às 16.00 h

«NO REINO DA FANTASIA«. Pelo TIL.

Teatro da Graça

T. de S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 h

"AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT", de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Salem Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

D. Maria II

R. de Camões

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta

"TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA», de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

Academia Almadense

Grupo de Teatro de Campolide

De quinta a domingo, às 21.30; domingo, também às 16.00

«**GEORGE DANDIN**«, de Moliére. Encenação de Joaquim Benite. Interpretação de Adelaide João, Alfredo Sobreira, António Assunção, Carlos Gonçalves, Erna Paúl, Luís Vicente, Teresa Esteves e Vítor Gonçalves.

Teatro Infantil de Lisboa

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

Sábados, às 18.00; domingos, às 11.00

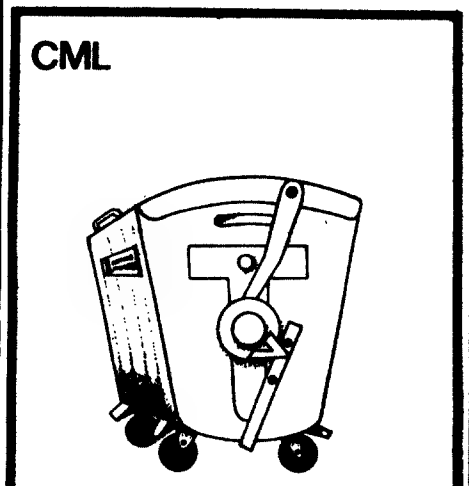
«**FECHA OS OLHOS E ENTRA NA HISTÓRIA**«, de Alexandra Solnado. Encenação de Agostinho Macedo. Interpretação de Agostinho Macedo, Alexandra Sequeira, Carlos Macedo, Fernando Guerreiro, Francisco António, Henrique Macedo e José Boavida, entre outros.

Teatro D. Maria II - Sala Experimental

Rossio — Tel. 37 22 46

De terça a sábado, às 21.45; domingo às 16.30

«**JONAS**«, de E. G. Berreuby. Encenção e interpretação de Domingos Semedo.

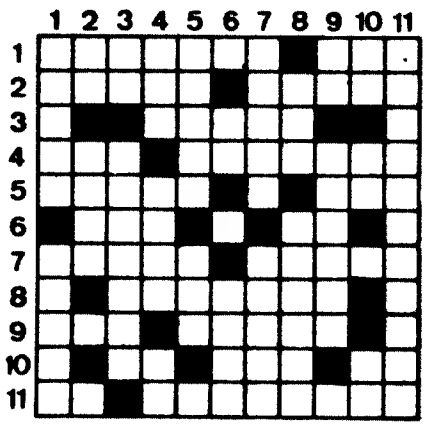


PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 885

HORIZONTAIS:

1 Nome de frutos. Freguesia do concelho de Vimioso.
2 Aldeia de índios. Arejar.
3 Prova de que o réu não estava no lugar do crime na hora em que foi cometido.
4 Freguesia do concelho de Penafiel. Tira.
5 Localidade. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctica.
6 Chefe etíope. Depois de Cristo.
7 Percorre. Adeja.
8 Vila e sede de concelho (Viseu).
9 Czar da Rússia cognomiado «O Terrível». Estratagemas.
10 Reis. Arra. Gálio (s.q).
11 Preposição latina que designa movimento. Tostassem.



VERTICAIS:

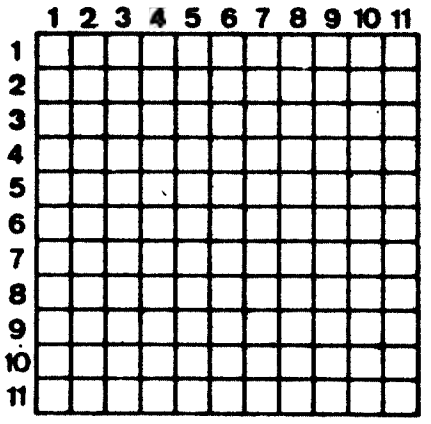
1 Vasilha de aduela de grande lotação. Assnta.
2 Antes de Cristo. Afiança.
3 Ruim. Causar agastamento.
4 Arara. Tosto. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.
5 Consumir (fig). Nome de mulher.
6 Caminhar. Doutoras.
7 Acerca de. Calhau.
8 Esteiro. Nome de flores.
9 Interjeição que exprime admiração (Bras). Pintor ateniense autor de «Descida aos Infernos».
10 Tempo do verbo ir. Cobalto (s.q). Germânio (s.q).
11 Puxariam à força.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 714

HORIZONTAIS:

1 Cidade da Antiguidade cujas ruínas à beira do Eufrates se encontram a 160km a Sudeste de Bagadá.
2 Preposição. Nome de mulher. Muito.
3 Procuradores.
4 Andar com as pernas tortas. Pegas.
5 Enguia. Derrotava.
6 Magoar.
7 Progenitores. Estampa.
8 Senhor. Herdade.
9 Viração. Enfeite com objectos de oiro. Ósmio (s.q).
10 Linhas. Olé. Carta de jogar.
11 Ave pernalta. Membro de ave. Altar cristão.



VERTICAIS:

1 Cidade da Apúlia. Nome que os israelitas dão a Deus, com o qual, no Sinai, contraíram a Alinaça.
2 Átomo. Viração. Víscera dupla.
3 Berilo (s.q). Árias. Autores.
4 Prefixo que designa afastamento. Naipe das cartas de jogar.
5 Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
6 Rio da Polónia. Vantagens.
7 Palavra chinesa que significa Sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos. Espiga.
8 Ave pernalta do Brasil. Rénio (s.q).
9 Instruído.
10 Empregai. Mirar.
11 Zomba. Uma das ilhas Jónias. Sadia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 884

HORIZONTAIS:

1 Gatas. Âmago.
2 Avis. Quem.
3 Rios. Lena.
4 Rã. Avelã. Or.
5 Ás. Cl. Diva.
6 Casara.
7 Frases. DC.
8 If. Saa.
9 Ni. ANTES. Dc.
10 Tormenta. EU.
11 Asa. Tamisa.

VERTICAIS:

1 Garra. MINTA.
2 Avias. fios.
3 Tio. Cf. Rã.
4 Assacariam.
5 Visa. Ne.
6 QUE. AS. TNT.
7 Au. Remeta.
8 Meladas. Sam.
9 Ame.
10 NOVIDADES.
11 Ocara. Caçuã.

PROVÉRBIO: Antes eu minta que as novidades.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 713

HORIZONTAIS:

1 Jamaica. Has.
2 Ópio. Lias.
3 Man. Rui. Pás.
4 Orates. Caso.
5 Tremerão.
6 Ba. Me. Ir. Ad.
7 Am. Alara.
8 Be. SSS. Ar.
9 An. Sa. Atada.
10 It. Escoa. Os.
11 Soam. Rs. Cs.

VERTICAIS:

1 Jomo. Babais.
2 Apartamento.
3 Minar.
4 Ao. Temessem.
5 Remessas.
6 Use. Cr.
7 Ali. Ria. Aos.
8 Carlota.
9 Harão.
10 Asas. Arados.
11 Soldaras.

Radio

Antena Um

15.00: Vivósábado; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Atrás de sábado, sábado vem; **23.45**: No estúdio e no estádio. Noticiários a todas as horas.

Programa 2

16.25: Grandes intérpretes; **17.30**: Música sinfónica; **19.00**: D. Frei Bartolomeu dos Mártires, renovador da cultura e da sociedade do seu tempo; **20.15**: Transmissão directa, do Teatro de São Carlos, da ópera «O Navio Fantasma», de Richard Wagner; **23.20**: Intérpretes portugueses; **23.50**: Música de câmara; **01.00**: Fecho. Noticiários a todas as horas.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Fim-de semana; **19.00**: Quando o telefone toca; **20.00**: Fim-de-semana; **23.00**: 24.ª hora; **02.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 Mhz)

16.00: Baú; **17.00**: Lança-chamas; **18.00**: Top do TNT; **19.00**: Country music, música da América; **20.00**: Luso-clube; **21.00**: Musonautas; **22.00**: Topless; **00.00**: Música para camaleões; **01.00**: Os novos concertos da Comercial; **02.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Música e desporto; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Sons da Europa; **20.00** Baile mandado; **20.30**: A palavra à família; **21.00**: Boa-nova; **23.00**: Bola branca; **23.30**; Amanhã é domingo; **23.55**; Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Alentejo

13.00: Meio tom; **14.00**: É o ouvinte quem manda; **15.00**: Largo da sé; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Terra a terra; **19.30**: Especial; **20.00**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: Clube fim-de-semana; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sombra sol; **19.00**: Bric-à-brac; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Euro-canções; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Jazz; **23.55**: Meditando.

FM-Estéreo

16.00: Fábrica de música; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Partituras; **22.00**: Os amigos de Alex; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP1

14.00 — Parlamento
14.35 — A B Z
18.15 — A Super Avozinha

5.º Episódio: — O famoso «futebolista» George Best não consegue ser o melhor quando se estreia na «Super Avozinha». O Super George acaba por ser relegado para o banco dos suplentes no jogo do século entre o Chisleton Ahtletic e os Mighty Rovers. Ao intervalo, o Chisleton Athletic está a perder por dez a zero e os jogadores estão todos sob o efeito do champanhe «estragado» que o malvado Scunner arranjara para permitir que os Mighty Rovers ganhem o jogo. A Super Avozinha arranja uma equipa de jovens estudantes para a 2.ª parte, mas recusa-se a dar uma oportunidade a est...

Intérpretes: — Gudrun Ure, George Best, Iain Cuthbertson, Michael Mcetay.

Realizador: Tony Kish

18.45 — Super Trinta
19.45 — Totoloto
20.00 — Jornal de Sábado
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — 7 Folhas
21.00 — Faz de Conta
22.50 — Dinastia

35.º episódio: Alexis trata dos preparativos para o casamento com Cecil Colby. Nick sugere a Claudia que regresse à clínica para se tratar. Blake recusa-se a negociar com Rashid Ahmed e o seu irmão Farak. Este fica furioso e diz a Nick Toscani que Blake fora responsável pela morte do irmão dele. Nick procura Blake e agride-o, deixando-o inconsciente à beira de um precipício. Cecil Colby tem um ataque cardíaco no apartamento de Alexis.

Intérpretes: John Forsythe, Linda Evans, Al Coreley, Pamela Sue Martins, Pamela Bellwood, John James, entre outros.

Realizador: Jerome Courtland

23.50 — Pela Noite Dentro

«Hércules o Conquistador»: — Agitada pela luta política, a Grécia está também ameaçada pelos fenómenos climatéricos. Andrócoles, rei de Tebas, que parece ser o único grego preparado para enfrentar a situação de crise, faz-se ao mar, acompanhado de Hércules, o seu filho Illus, o anão Tinoteus e uma pequena tripulação de escravos. Mas as divergências latentes geram um motim a bordo. Hércules fica à mercê do deus Proteus que, exibindo as suas metamorfoses, o desafia para um duelo.

Realizador: Vittorio Cottafavi

Intérpretes: Reg Park, Fay Spain, Ettore Manni e Luciano Marin.

RTP2

14.05 — Os Pratos da Balança
14.40 — Novos Horizontes

Este programa ocupa-se da Espondilite Anciolosante e analisa-se um caso agudo — Mário Silva

Fala-se na detecção da doença e demonstra-se com um doente ligeiro.

15.00 — Quem Te Viu e Quem TV
16.00 — Troféu

Hoje, o 5º episódio «A superavozinha»

20.00 — Europa TV

«O Amor Difícil»: — Ou a história da relação por vezes complexa entre um pai e o seu filho de doze anos. Filme holandês, produzido e realizado por René van Nie.

21.40 — 01 Magazine de Informática
21.55 — Concordo ou Talvez Não

«Combate à Droga»

23.25 — Vídeo Clube
23.40 — Troféu

Inclui o jogo râguebi França/ALL Blacks/Nova Zelândia

Domingo, no 1º canal, às 20,35 José Hermano Saraiva apresenta o 5º programa de «Histórias de Cidades» sobre Évora

Amanhã

RTP1

09.02 — Eucaristia Dominical
09.55 — Linhas de Pesca
10.15 — TV Rural
10.55 — Juventude e Família
12.10 — 70 x 7
12.35 — O Almoço Está na Mesa
13.00 — Sumário
13.10 — Milhões de Amigos
13.35 — As Irmãs de Chadwick
14.00 — Arco-Iris
15.30 — Primeira Matiné
«A Descoberta da Vida»
17.20 — Informação Desportiva
17.30 — Amigos Disney
19.05 — Espaço
20.00 — Jornal de Domingo
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — História de Cidades
4.º episódio: Évora
21.10 — Coração
5.º Episódio
22.15 — Tudo é Espectáculo
«Super-Estrelas da Magia»
23.10 — Domingo Desportivo
00.25 — Dizem os Astros

RTP2

12.32 — Magazine «Açores»
13.00 — Caminhos
13.15 — Música na América
13.45 — Desenhos Animados
14.00 — Um Dia na Vida De...
Um Mestre de Tai Chi
14.30 — Deslizes da TV
15.20 — Esta Terra Tão Frágil
16.15 — Fantasia e Realidade
17.05 — A Vida à Nossa Volta
17.30 — Hill Street
18.25 — As Vagas do Tempo
19.30 — Documentário
19.40 — As Fontes do Som
20.10 — A Arte Nova e Deco no Norte
20.40 — O Mundo é um Palco
21.30 — Cine-Clube
«Ciclo Hitchcock»

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande e marche, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP1 — 23.30 — Pela Noite Dentro

RTP2 — 23.30 — Vídeo Clube

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

«Dinastia»

PORTE PAGO
Periodicidade: Jornal Diário
Director: A. Ribeiro Ramos
Director adjunto: Fernando Pitteira Santos
DEPÓSITO LEGAL: 16892

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
02.05	4,00 m	07.47	1,20 m
14.22	4,00 m	20.01	1,20 m
Dia 16			
02.41	4,00 m	08.19	1,20 m
14.59	4,00 m	20.31	1,20 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

BRAGANÇA	4º
VIANA DO CASTELO	7º
VILA REAL	3º
PORTO	6º
COIMBRA	5º
CABO CARVOEIRO	12º
CASTELO BRANCO	–
PORTALEGRE	6º
LISBOA	10º
ÉVORA	9º
BEJA	6º
FARO	8º
SAGRES	12º
PONTA DELGADA	17º
FUNCHAL	17º

Cavaco Silva "puxa orelha" a João Jardim?

O confronto entre Cavaco Silva (como líder nacional do PSD e primeiro-ministro) e Alberto João Jardim (como dirigente dos sociais democratas madeirenses e chefe do Governo regional) atingiu esta semana o seu ponto mais alto. A visita de Pieter Botha, e as declarações produzidas pelo dirigente regional sobre a política externa portuguesa e a linha do seu próprio partido, foram a gota de água que fez transbordar a taça de ressentimentos acumulados por Cavaco.

«Jardim está a levar demasiado longe o seu gosto pela independência, colocando o Governo central numa posição difícil, em que, ou reage com alguma dureza ou se desprestigia aos olhos da opinião pública e dos próprios militantes do PSD», afirma um dirigente social-democrata em Lisboa, manifestando a convicção de que chegou o momento de Cavaco «mostrar quem realmente manda».

Uma primeira indicação de que Cavaco vai agir surgiu hoje com a notícia divulgada pelo semanário «Expresso» de que o Governo decidiu pedir um parecer à Procuradoria Geral da República sobre a legalidade da atitude do executivo regional ao recusar-se a respeitar o luto nacional decretado pela morte de Samora Machel.

A confirmar-se esta decisão do Governo central ela surgirá mais como uma «represália» pelo convite a Botha e pelas declarações de Jardim durante os dois dias da visita, do que como reacção à questão do luto nacional já que, neste particular, a atitude de Lisboa surge um tanto ou quanto atrasada.

Na verdade, a visita do presidente sul-africano e, mais do que isso, as declarações de Jardim a propósito da política externa do Governo e da linha política do PSD, «irritaram» especialmente Cavaco Silva que, tendo nas mãos um partido relativamente pacificado, vê surgirem das ilhas os únicos conflitos internos.

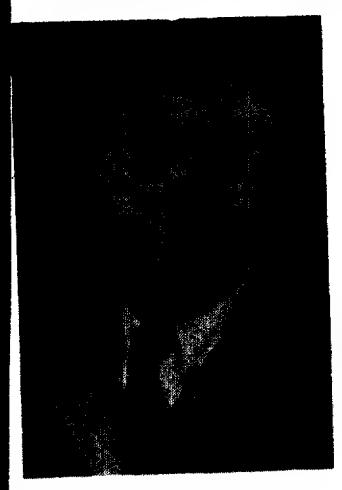
Para além disso, a atitude, primeiro, de Mota Amaral (questão do estatuto autonómico) e as agora assumidas por Jardim, têm consequências ao nível de outros órgãos de soberania, nomeadamente na articulação do executivo com o Parlamento e a Presidência da República. Isto é particularmente grave para Cavaco numa altura em que se prepara para enfrentar um difícil embate político, com o debate do Orçamento do Estado.

«Chegou a altura de lançar uma séria advertência a Jardim», esta a opinião de fontes próximas do primeiro-ministro que defendem que, embora a ocasião seja má (precisamente a questão do Orçamento), não se pode deixar que a situação se arraste, sob pena de Cavaco se desprestigiar aos olhos da opinião pública e de, no plano partidário, se desenvolverem outras correntes contestatárias, situação que já se esboçou na distrital de Lisboa.

A mesma fonte social-democrata confidenciou que «Jardim poderá ser chamado proximamente a Lisboa» para uma «conversa com o prof. Cavaco Silva» que não deverá ser «propriamente cordial». Isto mesmo terá sido já prometido a Mário Soares que, na última audiência com o primeiro-ministro, se mostrou preocupado com os acontecimentos recentes na Madeira.

Há quem fale já da «rebelião das ilhas», mas Cavaco garante que «não se irá tão longe» e dá como exemplo o caso de Mota Amaral que, depois de «todo o barulho» feito com o problema do estatuto, regressou aos Açores derrotado. De qualquer modo, há nos círculos próximos de Cacavo a ideia de que Jardim é um «caso mais difícil», embora remediável.

/D/E/C/A/R/A/S/



MESQUITA MACHADO, presidente da Câmara Municipal de Braga, disse que está decidido a levar o mandato até ao fim. Mesquita Machado desmente, assim, rumores segundo os quais se afastaria da gestão municipal no começo do próximo ano. A propósito do pedido de sindicância aos serviços da Câmara Municipal, despachado favoravelmente pelo ministro do Plano e Administração do Território, Mesquita Machado admitiu só vir a pronunciar-se depois de conhecidos os resultados.

PRISCILLA PRESLEY, actriz da série de televisão «Dallas» e ex-mulher do desaparecido ídolo do rock Elvis Presley, espera um filho do seu actual noivo, o escritor brasileiro Marco Garibaldi. Segundo Paul Bloch, porta-voz da actriz, Priscilla e Garibaldi, que se conheceram através de amigos comuns em 1983, vivem juntos desde há dois anos na mansão que ela possui em Beverly Hills. Acrescentu, no entanto, que «por agora, não há planos para casamento». Priscilla casou-se com Elvis Presley em 1967 quando contava 22 anos e divorciou-se em 1972. Elvis morreu em 1977, com 42 anos.

MENERES PIMENTEL, ex-ministro da Justiça, é um dos trinta juizes do Supremo Tribunal de Justiça, por parecer favorável do Conselho Superior de Magistratura, reunido em Plenário. Por altura da sua tomada de posse, o presidente daquele Tribunal, Octávio Dias Garcia, quebrou o protocolo da Instituição, ao discursar para realçar as qualidades de «jurista de reconhecido mérito e de brilhante magistrado» de Meneres Pimentel.

HENRY MILLER, escritor norte-americano, é o autor da novela «O Sorriso aos Pés da Escada», que a realizadora alemã-federal Jutta Netzsch está a rodar na Baviera. A obra relata as tentativas frustradas de um palhaço para fazer rir os espectadores. Na Alemanha Federal, o lírico relato de Miller foi publicado em edição de bolso, com ilustrações do espanhol Joan Miró.

FLORINDA BOLKAN actriz brasileira, está já h algum tempo no seu país entrará no próximo ano nu ma série televisiva intitulad «Raínha da Vida». Há ano radicada em Itália, Florind desempenhará o papel d uma actriz de fama interna cional que, após long ausência, regressa ao se país de origem. A actriz fe o papel de «condessa» na sé rie italiana «O Polvo», re centemente exibida na tele visão portuguesa.

ANTONIO REBELO DE SOUSA será o director do «Jornal do Comércio», se manário dedicado a assuntos económicos, que estará na bancas a partir de 6 de Janei ro. O título do jornal foi comprado este ano ao Estado pelo Grupo Rádio e Imprensa e sairá todas as terças-feiras. O chefe de redacção do novo semanário será Simões Ilharco, jornalista do «Diário de Notícias», o sub-chefe de redacção o jornalista Joaquim Pedro, da Radiotelevisão Portuguesa e a redactora principal será Margarida Marante, também da RTP.

EUA fazem "corte substancial" no auxílio militar a Portugal

Fonte da secretaria de Estado norte-americana de Defesa, citada pela agência DPA, da RFA, admitiu, em Washington, que Portugal venha a ser um dos países «contemplados» com reduções substanciais da assistência militar dos EUA no próximo ano.

Segundo a mesma fonte, a redução das contribuições militares deverá ainda afectar, «quase de certeza», outros países aliados dos EUA, como a Espanha, Coreia do Sul, Tailândia, Filipinas, Jordânia e Oman.

Este conjunto de países receberá apenas uma fatia de 600 milhões de dólares. A administração Reagan tinha prometido-recorde-se- ao Executivo de Cavaco «usar os melhores esforços» para conseguir o reequipamento militar solicitado por Lisboa. Estava previsto um auxílio global da ordem dos 141,5 milhões de dólares que, certamente, não será cumprido.

Os países que deverão manter os actuais níveis de assistência militar norte-americana serão- ainda segundo a fonte do Pentágono- os considerados «cinco principais» aliados, Israel, Egipto, Paquistão, Turquia e Grécia, que receberão a «maior fatia do bolo».

O corte de verbas, susceptível de afectar países aliados que possuem bases militares norte-americanas no seu território, inscreve-se no âmbito das reduções aprovadas em Outubro pelo Congresso dos EUA, visando a contenção de despesas militares. Tal contenção afectou já no ano corrente-recorde-se- o programa de assistência militar de Washington a Portugal.

A redução de despesas, decretada em Outubro último pelo Congresso norte-americano, atingiu em 1.600 milhões de dólares o pedido de 6.000 milhões feito pela Casa Branca para a rubrica assistência militar ao estrangeiro para o ano de 1987.

Na ocasião, o Pentágono exprimiu fortes objecções às reduções, argumentando que os Estados Unidos arriscam-se a perder a sua influência em regiões do mundo estratégicamente importantes.

ALENTEJO: QUE FUTURO?

DL

Castelo de Vide, de antigamente . . .

Suponho que as andorinhas já tenham partido de Castelo de Vide. No mês passado eram aos milhares, pousadas nos fios eléctricos da Praça D. Pedro V e nas saliências da igreja matriz da vila, combinando um destino a que algumas não chegarão. Foi o toca a reunir para a emigração, a hora de arrancar rumo a Sul, ao quente. Dali, do Nordeste alentejano, também emigrou gente como provam os censos dos últimos vinte anos. Mas se a terra garantisse futuro, escusado seria trocar um paraíso verde pelo betão das grandes cidades.

A sedução de Castelo de Vide

Os Paços do Concelho

Lurdes Feria

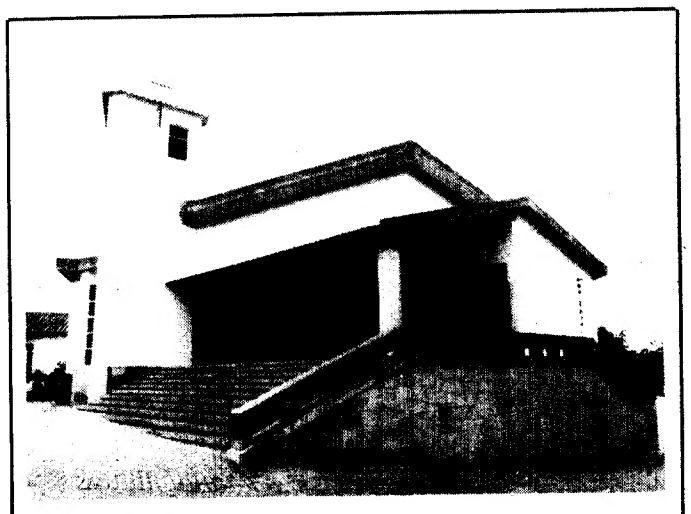
Fotos Augusto Rainha

Compreende-se o optimismo de Carolino Tapadejo, **presidente do município, quando fala dos projectos que visam reter a população. Com efeito, em dez anos a vila progrediu, a depressão está a ir embora graças a um plano de desenvolvimento já em curso que proporciona crescimento sem perda de identidade. Assim, despontam antigas vocações artesanais e reactiva-se o que havia declinado. Enchidos, turismo, mel, agricultura e ofícios à beira da extinção terão incremento e atenções.**

Havendo suínos, com fartura, abrem-se perspectivas: «**Não obstante a nossa integração no Mercado Comum, podemos seguir a via artesanal jogando na qualidade, o que implica uma melhoria da raça alentejana, do porco preto, que dá uma carne mais saborosa. Então, contratam-se os mestres da arte do tempero, que são normalmente mulheres, para fabricar os enchidos, e as partes menos nobres do suíno, tais como patas, toucinho e cabeças, serão comercializadas em grandes quantidades. Trata-se, portanto, de uma actividade rendível. Ainda no sector da pecuária, temos os caprinos e ovinos, exploração capaz de fornecer futuro aos jovens. Depois não esquecer o mel, produto que o País importa, quando devia exportá-lo. Com as condições naturais de que dispõe e a evolução das técnicas de produzir mel (já se transportam as colmeias de uns sítios para os outros, conforme a floração), havia possibilidades de uma cresta mensal, ou seja, a tiragem do mel dos favos.**»

Carolino Tapadejo aponta mais outro recurso: o turismo. Realmente, pretende-se um turismo que usufrua da natureza sem a estragar. Castelo de Vide está integrado na Comissão de Turismo da serra de S. Mamede, estrutura, ao que parece, sem vivacidade, a carecer de dinamismo. «**Se, entretanto, as coisas não se alterarem, a nossa câmara retira-se, andar a perder tempo não nos interessa, e sem vontade não se vai a lado nenhum.**»

Continua na pág. 2



A igreja de Póvoa e Meadas . . .

Póvoa e Meadas

Póvoa e Meadas, povoação com mil e tal habitantes recenseados e que votam, sobretudo, no PS e na APU, com vantagem para o primeiro partido. Vamos lá, eu e o presidente, desembaraçar o novelo. Ali, a propriedade rural tendia para o latifúndio, era efectivamente grande, e estava na posse de duas ou três famílias. O que significa que a esmagadora maioria da população pertencia à classe dos assalariados rurais.

Com o 25 de Abril, o esquema desorganiza-se. Os trabalhadores tomam as terras, à semelhança do que aconteceu noutras zonas do Alentejo, e fundam cooperativas. Até aqui, tudo certo. Mas, depressa, se desmantelaram, desavenças internas e a incapacidade de gestão produziram resultados favoráveis aos antigos agrários. Claro que a conjuntura do País também ajudou. **«Há força para a organização cultural, mas depois, quando entra em jogo o factor económico, a coisa emperra»,** diz Carolino Tapadejo.

Embora os Reis Fragoso não voltassem a ser os **reis** da terra, muito do seu poder foi demolido, verdade é que a experiência da Reforma Agrária, em Póvoa e Meadas, não foi exemplar nem gloriosa. Os trabalhadores retrocederam à antiga posição, assalariados por conta, e o desemprego anda na ordem das vinte pessoas. Entretanto, a população envelheceu, muitos partiram, e o panorama é o de qualquer aldeola alentejana, deprimida e sem perspectivas. Nem o dinamismo da **câmara** lhe vale, pois por muito que faça, os milagres colocam-se fora da sua esfera de competência.

O que de exaltante se construiu em Póvoa e Meadas foi em prol dos reformados. Para eles, um **centro de dia,** que classifico de impecável, tanto na estruturação como no funcionamento. De momento, os utentes são 58, alguns tão idosos que já ultrapassaram os **oitenta.** Vi mulheres, rijas e lúcidas, a caminhar para os **noventa,** que se entretinham com trabalhos de renda, enquanto esperavam que fosse servido o almoço, qual a ementa. Que óptimo aspecto tinham a sopa de legumes, as sardinhas assadas com salada e pimentos! Vinho para os homens e groselha para as senhoras, sendo contudo permitida a troca. De sobremesa: fruta. Para os estômagos delicados, havia comida de dieta, frango cozido e pescada — tudo muito apetitoso. Os comensais ocuparam as mesas do refeitório e serviram-se em frente das inesperadas visitas. **Comem e regressam às suas casas, apesar de haver alguns que gostariam de dormir no lar...»,** informa o sr. Carapeto, presidente da Junta de Freguesia e que, também, dirige o Lar de Nossa Senhora da Graça.

Carolino Tapadejo põe-me ao corrente da forma como aquela mansão, do princípio do século, se transformou em lar de idosos. Falou-me da generosidade do antigo dono do edifício, o eng.º **Adriano Coutinho,** residente em Castelo Branco. **«Perguntámos-lhe se queria vender, e ele pediu dez mil contos, depois a vereação, noutra tentativa, conseguiu que baixasse para dois mil. A partir daí a população movimentou-se, organizando uma festa para angariar dinheiro com vista à montagem do lar, visto que casa já tinha. Então o eng.º Coutinho, satisfeito com o andamento do projecto, ofereceu a quinta e os anexos, uma boa propriedade.»**

Em Póvoa e Meadas, tendo Carolino Tapadejo como guia, aproveitei para ver a igreja nova, um curioso projecto do arquitecto **Tierno Bagulho.** Modernista. Nova de há uns vinte ou trinta anos, portanto bastante mais velha do que o bem esgalhado mercado, da autoria de **João Carrilho da Graça,** e construido depois do 25 de Abril. Também vi uma vivenda, cuja particularidade é ser o primeiro projecto do arquitecto Nuno Portas. E mais: pertence à mulher do crítico de arte José Luís Porfírio, filho... sabem de quem? Do nosso amigo, Ventura Porfírio.

Filho de Póvoa e Meadas é **Martins Barata,** que pôs nos rostos dos seus trabalhos, patentes no Parlamento, os tra-

A sedução de Castelo de V

Continuação da pág. 1

Chego a Castelo de Vide, ao fim da tarde, no «expresso» da Rodoviária. Moída da viagem, farta de tanta demora, juro a mim mesma que autocarro nunca mais. E logo me reconcilio com a vida ao descer na **Carreira de Cima,** a rua principal onde se concentram os cafés e o comércio, talvez um pouco antiquado. Só me chocam as mesas do café **Central,** em fórmica, exactamente em frente dos Paços do Concelho, edifício do princípio do século dezoito, com dois lances de escadarias, em granito. Mas a igreja setecentista, na ocasião a receber tinta branca, impressiona pela magestade e o exagero das dimensões, dissonantes com a escala, pequena e aconchegada, da vila.

Silêncio

Encontro Castelo de Vide em descanso, a gozar o fresco da tarde, com os **bebe-águas** a fazer horas para o jantar. De passeio, abaixo e acima. Hóspedes da Casa do Parque, muitos, e alguns do hotel **Mira Serra,** estabelecimento de três estrelas, mais vocacionado para instalar os grupos turísticos que as agências de viagem para ali canalizam. Um silêncio agradável, somente perturbado pelos murmúrios vegetais e animais, vindos da serra, acompanha o cair da noite...

Tão exuberante natureza (castanheiros e oliveiras, montes e vales férteis, águas santas que curam doenças) merece o desvelo do presidente da Câmara Municipal. **«Está a ver este projecto?»** Dossiers e papéis amontoam-se, em desordem, na secretária de Carolino Tapadejo, móvel pesado com tremidos e torcidos, a condizer com a restante mobília do gabinete. Aludia à proposta do **QUERQUS,** grupo para a recuperação da floresta e fauna autóctones que, atendendo às potencialidades turísticas da barragem de Póvoa e Meadas, sugere a criação de uma reserva biológica. A contar com as 50 espécies de árvores ali existentes, pensou-se num jardim botânico. Para já, encarregaram-se os jovens dos **«tempos livres»** da missão de limpeza, de libertar a área daquilo que tem a mais.

Vou explicar: o projecto engloba um parque de campismo com suporte para cem tendas, um restaurante, zonas destinadas a banhos, pesca desportiva e prática de desportos náuticos. Contempla, ainda, o aluguer de bicicletas e de embarcações, tipo «gaivotas», bem como um circuito de manutenção. Deste modo se passam férias sem tédio, porque olhar o tempo inteiro para a natureza também cansa. Para os apaixonados da fauna e da flora estão previstos itinerários sinalizados e abrigos de onde poderão observar os animais sem os espantar. Ora, isto requer estudo e acerto. Sem nada para se mostrar não se jus-

mentos das espécies cinegéticas e piscícolas, muitas das quais em desfalque e, outras, desaparecidas. Há, portanto, que estimular a fecundação. Num cenário que parece lunar, ficariam bem terrários povoados de répteis e anfíbios; e nas matas opulentas não seria descabido introduzir perdizes, sisões, abetardas e veados, na esperança de que lhes apeteça fazer amor. O resultado se verá. Poluições e desleixo contribuiram para a desertificação das ribeiras do concelho, pelo que se impõe repovoá-las rapidamente. **«Temos dois processos em tribunal contra empresas de Portalegre que poluem as águas...»,** diz Carolino Tapadejo.

É dentro do espírito de substituir a morte pela vida que se inclui o centro de recuperação de aves de rapina, já a funcionar. Os abutres podem voltar porque ninguém lhes quer mal, antes pelo contrário, convidam-se a permanecer. Foi providencial a aparição do eng.º silvicultor, **João Luís Bugalho,** chefe dos serviços de caça da Direcção-Geral das Florestas no gabinete do presidente. Uma oportunidade caída do céu. Diz-se que a Beira ofereceu ao Alentejo a zona de Castelo de Vide e recebeu, em troca, a de Idanha-a-Nova.

Na caracterização da zona menciona, como factor determinante, a conjunção de vários ecossistemas: **«Há o montado de sobro do Alto Alentejo e, depois, uma área de transição, onde surge o carvalho da Beira. À medida que se depara com os blocos de granito, as características vão-se tornando nitidamente beirãs, em contraste com uma zona, de xistos e vegetação rasteira, muito semelhante ao Baixo Alentejo. Castelo de Vide está no centro de uma confluência de habitats, com o que ganha uma diversidade de fauna...»**

Apreciadores de aves têm à sua disposição um manancial. Pássaros canoros e sem tal dom vivem felizes nas árvores e nas cavidades das montanhas, razão porque alguns estrangeiros elegeram Castelo de Vide como o local ideal para as suas experiências fotográficas. Há o caso dos ingleses que durante doze anos seguidos se alojaram na Casa do Parque e que João Luís Bugalho referiu: **«Numas férias da Páscoa, eu e os meus amigos ingleses identificámos perto de 130 espécies de aves nidificantes, uma percentagem altíssima nas duzentas e poucas que o País possui. Muitas dessas fotografias foram publicadas em revistas da especialidade, famosas em todo o Mundo.»**

Zona agrícola, sem dúvida, mas sujeita a profundas modificações. Em tempos, o forte era a cultura cerealífera a par da criação de ovelhas, duas actividades estreitamente ligadas.

«Como as searas pagavam mal, o rendimento provinha mais da ovicultura e, nos anos renos. Produziam-se aqui lanifícios, sobretudo o serobeco... depois tudo foi morrendo, com a emigração registou-se um acentuado declínio da agricultura. Evidentemente que a cultura cerealífera proporcionava uma maior abundância de caça, as perdizes dependiam bastante dela...»

Nos terrenos pobres, de xistos delgados, plantaram-se eucaliptos. Ora, de acordo com o eng. **Bugalho,** as clareiras que se formam entre as fileiras dessas antipáticas árvores atraem os animais de grande porte. Javalis e veados deambulam, sorrateiramente, nessas florestas... «Criámos uma reserva com o intuito de facultar aos animais uma certa tranquilidade e, fornecendo-lhess alimentação suplementar eles concentram-se, o que possibilita uma contagem fácil. Na proposta que apresentei ao presidente da câmara aventava-se a hipótese da exploração da caça turística, pelo que se planeou promover, a curto prazo, uma reunião com os caçadores do concelho. A ideia é determinar o número de animais que se podem abater e seguir o exemplo europeu, instituindo troféus que atingem preços fabulosos. Óbvio que os caçadores residentes não serão prejudicados. Cabe-lhes cerca de 30 por cento do montante, e o restante destina-se aos de fora, com uma quota-parte para os estrangeiros que pagarão preços mais elevados, o que já dá para suportar as despesas».

Como a experiência espanhola o demonstra, a fauna melhora se houver um ordenamento. Cumprida essa tarefa, provavelmente incutir-se-á nas pessoas a curiosidade pelos animais e a natureza. «Fala-se muito em ecologia, é moda. Um jornal espanhol, por gozo, chamava-lhe a ciência do eco... Reservas? Péssimo se forem entendidas como espaço intocável. Aliás, nunca utilizo a expressão 'conservação da natureza', prefiro dizer 'protecção' que tem um sentido menos estático. A natureza é dinâmica...»

Imprensa

Novidades e bisbilhotices sabem-se na barbearia do mestre João. À barbearia chamam-lhe «a academia das ciências» e, ao barbeiro, o chinês, por causa da mania que tinha de se mascarar de chinês nos carnavais. Nem sequer é obrigatório escanhoar o rosto ou cortar o cabelo, na barbearia, está-se. A conversar, na descontracção do «fare niente»... ler jornais para quê? Dali sai-se informado de tudo.

Ao lado, no sapateiro, também se faz sala, mas depende da disposição do mestre **João Barreto** que nem sempre se mostra dialogante. Colecciona porta-chaves, já juntou perto de **quatro mil,** soma razoável para quem começou a brincar. «Um coleccionador não tem idade», justifica-se. Andava há que tempos sem se decidir até que resolveu reunir

não osbtante haver ainda uns cinco ou seis sapateiros na vila. «Aqui uma máquina para consertar calçado não resultava, a terra tem pouca gente... muitos abalaram. Para onde? Lisboa. Aos castelvidenses não lhes pende a ideia de ir para o estrangeiro».

Em matéria de jornais, Castelo de Vide tem alguma história. Em 1908 publicava-se «O Alto Alentejo», semanário de curta duração, a que sucedeu um outro, «O Castelo-Vidense», que caiu com a ascensão da República, tendo reaparecido numa fase posterior. Em sintonia com aquele acontecimento político nasceu o quinzenário republicano «O Povo», cujo primeiro aniversário coincidiu com a publicação do último número. Outras publicações de vida ainda mais efémera, se seguiram, como «A Folha do Leste», «Terra Alta», «A Violeta» (dirigida às damas e meninas) e o humorístico «Sem Pés Nem Cabeça».

Peguemos num número do «Castelo-Vidense», de 1946. Que informação? Protesta-se contra o novo horário do **Lusitânia** — se não dá ligação para o Porto, que vantagem parar em Castelo de Vide? —, anuncia-se a Feira de S. Lourenço e apela-se aos sentimentos caritativos dos lavradores: «As casas de caridade esperam pela vossa esmola!» Incluía, ainda, um suplemento literário, «A Planície», onde descobri uma poesia de **Alexandre O'Neill,** dedicada a uma tal Guida.

Presentemente, Castelo de Vide publica «O Pregão», mensário que é distribuído pelos assinantes «de fora» e nas três papelarias do concelho, através da venda directa, sem ultrapassar os 1200 exemplares. Apoia-se num corpo redactorial basicamente constituído por professores do secundário e, em termos financeiros, no subsídio de 60 contos mensais que a câmara e as juntas de freguesia lhe concedem. «Preferimos não intervir... não queremos controlar, eles que se amanhem», adianta Carolino Tapadejo.

Idêntica atitude se verifica com «O Ouriço», «atelier» de artes plásticas e associação didáctica e cultural, cujos sócios são praticamente os mesmos que colaboram no jornal. «Quando aqui chegámos, vindos de Lisboa, pedimos ao presidente um espaço... e cá estamos dentro do castelo, no edifício da antiga cadeia». Eis o que relata Carlos Abafa, 41 anos, curso de pintura das Belas-Artes, professor em Castelo de Vide, desde 1980. Saturado da cidade, desertou para a província, «vou a Lisboa de quinze em quinze dias ver cinema, teatro, exposições... beber cultura».

Lamenta, no entanto, que os habitantes de Castelo de Vide não «adiram mais». Juventude? Está desejosa de se safar da vila, sonha com Lisboa e uma vida mais mexida. Entretanto, «O Ouriço» organizou exposições: xilogravuras de Adolfo Bugalho,

Vide

especialistas ingleses) e ainda pinturas, desenhos e esculturas, em granito, de um talentoso barbeiro de Santo António das Areias.

É no atelier que o escultor popular, João Paixão, executa a suas peças de madeira, talhadas a canivete: «O que vejo com os olhos, faço com as mãos», disse.

Falta, contudo, um espaço polivalente que fosse simultaneamente galeria de arte, sala de espectáculos e museu para meter os achados arqueológicos. E há um, a sala do castelo — hipótese com que o presidente da câmara concordou.

Mestre **Grincho** é o único abegão de Castelo de Vide, domina sozinho uma arte caída em desuso. Dos cinco que havia, resta ele, só tem a concorrência do Francisco Brás, de Alpalhão, e do Chico Bento, de Santo António das Areias. «Tenho amor a isto, em novo ainda me quiseram levar para a Guarda Fiscal, o que recusei. A arte esmoreceu desde que os lavradores se viraram para as máquinas. Limito-me a fazer umas carroças... e consertos. Dantes pintava os carros, usavam-se umas estrelas nos taipais e letras que indicavam o nome dos proprietários».

Termas

Sextas-feiras, dia de mercado. Camponeses acorrem à oficina de mestre Grincho, para combinar o conserto das carroças. Sim, porque uma novinha em folha custa para cima de cem contos. É o dia do abegão, do ferrador (o sapateiro das mulas) e do taberneiro Ventura, redondo como um barril...

No **turismo**, um turista nacional pergunta amavelmente: «Minha senhora, podia-me recomendar um restaurante regional?» A Inês, normalmente com resposta para tudo, hesita, embatucada. É uma funcionária em apuros... «Lamento, mas não há». De facto, Castelo de Vide em matéria de restaurantes, não brilha. Carolino Tapadejo reconhece que os comerciantes são um pouco para o não-te-rales.

«Queixam-se dos ambulantes que fazem os mercados... mas deviam-se modernizar, de outro modo não aguentam a concorrência. Porque não acabam com o balcão e não arranjam a mercadoria com mais gosto? Já lhes propus dar uma volta pela Europa para que se inspirem, o mesmo propus aos empresários da hotelaria. Muito brevemente vamos trazer aqui pessoal das escolas de hotelaria do Porto e Lisboa para ministrarem ensinamentos».

Era Setembro e chovia. Diabéticos, hipertensos, asmáticos, etc., banhavam-se e bebiam águas medicinais, cumprindo horários rígidos. Mas a vivência nas **termas** já não é o que era dantes. Aquele remanso, famílias inteiras buscando o relaxe depois das fainas agrícolas, com o trigo amontoado no celeiro... Entre banhos, repouso, jogos de cartas e namoricos, as férias decorriam. «Em Caldelas, com 25 anos rebeldes a convenções, e ansiosa já por um ideal inatingível, a minha filha recitou, numa festa, alguns dos seus versos», declara o pai da Florbela Espanca, numa entrevista ao jornal «O Castelo-Vidense». Presumo que também ele frequentava as Termas de Castelo de Vide.

Continua na pág. 4

As termas . . .

Mestre Carolino

Filho de um mestre do ferro, e ele próprio meste do mesmo ofício, este homem, de 39 anos, é das figuras mais simpáticas que tenho conhecido. Não se esforça, é. Integro, inteligente e com imenso jeito para o cargo que desempenha, **Carolino Tapadejo,** o presidente da Câmara de Castelo de Vide é competentíssimo.

Casado, dois filhos, mestre Carolino, ao anuir ao pedido do PS para encabeçar a sua lista para a Câmara, fê-lo com algum temor **«de não ser capaz de dar conta do recado»**. Foi o dr. Amadeu Canário quem primeiro o desafiou para as «políticas», logo a seguir ao 25 de Abril. Ele tinha o traquejo das colectividades de cultura e recreio, mas a política retrai-o. Ainda agora... **«política das autarquias tudo bem, mas a política nacional não me interessa»**.

Mudou a sua vida, mudaram os seus hábitos, embora continue a ser o mestre Carolino, apreciado e respeitado pela vila. **«Um presidente de Câmara deve, sem prejuízo da autoridade, saber ouvir e aceitar as críticas»**. Com efeito, é um homem muitíssimo aberto, que sabe escutar os outros. Desagrada-lhe tudo que seja controlo e interferências... Deixa transparecer muita saúde mental.

Três mandatos já, sempre como independente, só há pouco se inscreveu no Partido Socialista **«porque não gostava de muita da sua prática e dos seus métodos»**. Mas afirma, convictamente, que não tem quaisquer ambições políticas. À sua espera está a profissão que abandonou, e quando acabar a missão de que o incumbiram, a ela tornará, **«pois começa a fazer-se tarde para reorganizar a sua vida»**.

Por enquanto são muitos os afazeres. É a Câmara, o pelouro de turismo, a presidência da cooperativa de habitação e, ainda, o papel que desempenha no PIDRE, como representante do distrito de Portalegre, função para que foi eleito pelos treze concelhos ao plano ligados. Todavia, não prescinde do convívio dos domingos na sociedade Primeiro de Dezembro, fundada em 1910, onde houve um grupo cénico, orientado pelo dr. Adolfo Bugalho. O pai foi trompetista na **Banda União Artística** e o avó contrabaixo. Ele, é que não honra os dotes musicais familiares, visto que não toca nenhum instrumento.

Orgulha-se do avô, um republicano da linha Afonso Costa. Tão fiel era a um ideal que antes de morrer fez três pedidos: nada de padres, a banda a tocar no funeral — e o retrato de Afonso Costa, que guardava religiosamente, ou ia com ele para a sepultura ou para a sede da Filarmónica, onde foi executante durante 64 anos.

O nome **Tapadejo,** em Castelo de Vide, merece respeito. Tem a nobreza do ferro...

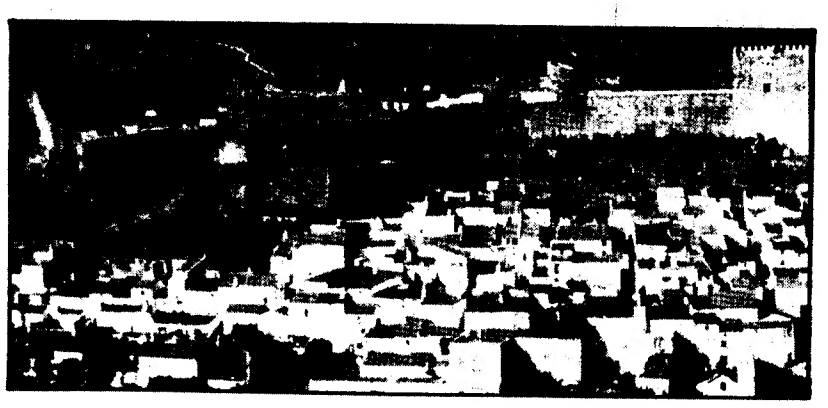
CASTELO DE VIDE

PÉROLA DO NORDESTE ALENTEJANO

BELEZA PAISAGÍSTICA
PONTOS TURÍSTICOS
TERMAS
ÁGUAS MINERAIS
MONUMENTOS
ARQUEOLOGIA
PRAIAS FLUVIAIS
BARRAGENS
PISCINAS
DESPORTOS NÁUTICOS
TÉNIS
EQUITAÇÃO
CAÇA
PESCA
ARTESANATO
DIVERTIMENTO
FOLCLORE
GASTRONOMIA
VINHOS
CULTURA
LENDAS
PLANÍCIE
MONTANHA

A AMIZADE DE GENTES FRANCAS E ACOLHEDORAS

A CALMA — A PAZ
A TRANQUILIDADE



Telefones úteis .... : (marque **045)**
Câmara Municipal ..... : 91250

Posto de Turismo ..... : 91361
CTT ..... : 91111

CTT – Posto Público ..... **: 91276**
Guarda Fiscal (Alpalhão) ..... : 91153

Praça de Táxis ..... : 91271
Hospital ..... : 91110

A sedução de Castelo de Vide

Continuação da pág. 3

Há que revitalizá-las. **«Transitaram para a tutela da Câmara e, agora numa primeira fase, vamos modernizar as instalações e o equipamento. Em 87 concretizar-se-á o projecto para um novo complexo termal, a construir perto da zona desportiva. É a Câmara quem lidera o processo mas, mais tarde, a coisa será revista. Temos como filosofia ser o motor do desenvolvimento, nunca um patrão que centraliza tudo...»**

O complexo desportivo, orgulho do presidente. Campo de futebol relvado, dois «courts» de ténis, piscina coberta e aquecida por 140 painéis solares, pistas de atletismo... um luxo! Contente, Carolino Tapadejo, aponta o sítio onde irá ficar o minigolfe, o circuito de manutenção e o parque de merendas. Apresenta-me ao professor de natação, atento aos movimentos da criançada, dentro de água, e conduz-me aos bastidores para me mostrar os mecanismos que sustentam a piscina.

Domingo, cinco da tarde, soa a sirene, um costume antigo que se prende com os incêndios. É apenas um ensaio. Ao meio-dia, de domingos e feriados, o sino volta a tocar, bem como duas horas antes da realização das reuniões municipais **«para lembrar às pessoas»**, e à noite, ouve-se ainda o toque de recolher, uma tradição medieval. Tradicional também era a indústria de fiação, tecelagem e tinturaria — dos tecidos que se fabricavam em aparelhos primitivos e simples. Rebelo da Silva, num escrito, mencionava as fábricas nacionais da Covilhã, Castelo de Vide e Estremoz, pelo que se deduz terem um certo peso: **«... recebiam também largas encomendas para seus artefactos».**

Estrangeiros

Na arquitectura, Castelo de Vide é uma síntese de várias épocas, com edifícios bem conservados. Século dezassete e dezoito exprimem-se, nitidamente, na Praça D. Pedro V, onde a **Casa das Torres**, berço de Mousinho da Silveira, nos enche o olho. Uma outra barroca, pintada de amarelo, a pedir restauro, destaca-se do conjunto. Segundo Carolino Tapadejo foi comprada por um editor francês, entretanto falecido, e cujo filho, o herdeiro, se manifesta desinteressado, embora não tivesse aceitado a proposta que um vizinho em Paris, o português **Gargaleiro**, lhe fez. **«De vez em quando mandamos arranjar os telhados e substituir os vidros partidos... Aguardamos que o proprietário deixe de pagar as contribuições para tomar-mos posse da casa. Inclusivamente nem pagou o projecto de recuperação que o pai encomendara a uma firma portuguesa, razão porque esta lhe moveu um processo».**

Seduzidos com a beleza de Castelo de Vide, alguns estrangeiros, alemães na maioria, têm ali comprado terras e casas. A pintora holandesa **Barbara Walraven** é uma radicada em regime permanente, o que provavelmente acontecerá com um professor de música e bailado de nacionalidade inglesa. **«Ensinava no Conservatório de Lisboa e, agora, pretende abrir aqui uma escola, projecto que, na minha opinião, tem pernas para andar»**, comenta o presidente.

Subo o castelo, pela Rua Santa Maria de Cima e, no trajecto, contemplo **«a colecção de portas ogivais e manuelinas»** que os folhetos turísticos gabam. Detenho-me na Judiaria: compartilho a sinagoga com um barulhento grupo de escuteiros. Lá no alto, as ruas floridas e limpas lembram-me um artigo publicado no **«Expresso»** sobre os malpiqueiros, os marginalizados habitantes dos **«quartéis»**, compartimentos de pisos térreos, sem condições de residência. **«Os malpiqueiros não são nenhuns bichos, eram pastores que vieram de Malpica do Tejo. Um dos ramos dessas famílias, ao que consta, tinha problemas de linguofrenia... A Câmara tentou analisar o assunto, solicitando a colaboração de médicos, assistentes sociais e arquitectos. Quisemos alojá-los em casas condignas... recusaram, e depois pedimos ao Ministério das Finanças para nos ceder os quartéis, com o objectivo da sua recuperação. Sim o artigo do 'Expresso' dizia verdades mas também empolou muito... Ainda pensámos em meter as pessoas no Bairro da Eira mas concluímos não ser aconselhável, até por causa dos outros habitantes. A meu ver a integração dessas famílias deverá ser acompanhada pela área social.»**

Recuperar, integrar, é o lema do município. Na recuperação dos alcoólicos, uma experiência interessante, obtiveram-se alguns resultados satisfatórios, e se mais não houve **«deve-se às famílias»**. No território da juventude uma pronta acção do presidente, impediu o **pior**. Salão de jogos? Nem pensar. **«Não somos puritanos, mas receámos que aquilo se transformasse num antro, porque atrás dos jogos escondem-se, talvez, coisas mais perigosas. Mexi-me e consegui que um despacho ministerial, com base em que o salão se situava a menos de cem metros da escola e contrariava o plano de urbanização, ordenasse o seu encerramento. Ainda me aborreci com o governador civil da altura, um socialista que parecia dar cobertura...»**

Perante os efeitos maléficos do salão (miúdos que faltavam às aulas e vendiam as senhas de almoço, roubos e tentativas de suicídio), Carolino Tapadejo agiu, com firmeza. Não se importou com as ameaças, os telefonemas, os métodos intimidatórios. E o patrão do negócio que vive em Portalegre, numa autêntica fortaleza, com circuito de televisão interno, cães treinados e guarda-costas de óculos escuros, outro remédio não teve senão desistir.

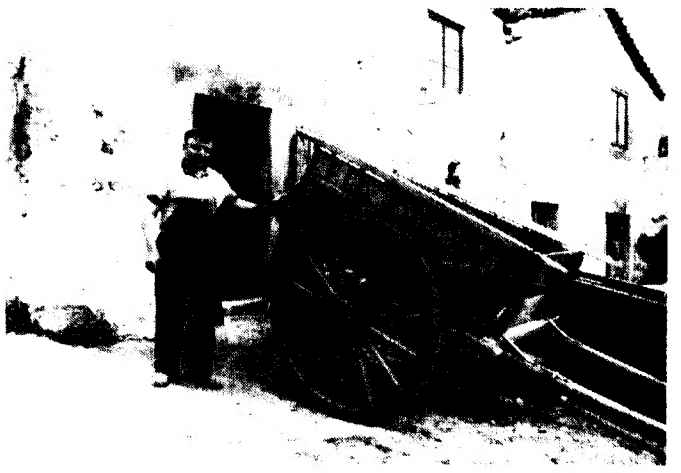
A pirâmide social; no topo, os senhores que detinham as grandes propriedades e a cultura, e na base os trabalhadores rurais. Entre os dois pólos, encaixavam-se comerciantes, empregados de serviços, lavradores (rendeiros e pequenos proprietários), os artistas eram ferreiros, carpinteiros, barbeiros, sapateiros e costureiras, e ainda os fazendeiros que cultivavam as terras em torno da vila.

Valores

Augusto Rainho, 28 anos, professor, é o presidente da Junta de Freguesia de São Tiago Maior. Activista, politicamente independente, está na direcção dos Bombeiros Voluntários, na comissão instaladora da escola, no Ouriço e no jornal. **«Como somos poucos, os que participam, não podemos dar um rendimento a cem por cento».** Defensor da preservação do património, considera que o progresso não é **«os 'buldozzers' a partir tudo».** Tem uma visão positiva do trabalho da autarquia e acha que Castelo de Vide não se pode queixar, quanto a animação cultural e desportiva, **«para uma vilazinha do interior não está mal...»**

Com o 25 de Abril as fronteiras entre as classes diluíram-se, **toda a gente vai a todos os sítios, no café D. Pedro tanto entra o negociante de porcos como o bancário.** Augusto Rainha garante que hoje a senha de entrada para qualquer lugar tem mais a ver com as **Adidas**, de sete ou oito contos, que o menino calça, do que com **o canudo do paizinho.** Mudaram os valores sociais...

Desemprego? Carolino Tapadejo diz que não há, a não ser na agricultura, o sazonal. Em certos períodos, a construção civil e as obras públicas empregam mais de 500 pessoas, os braços locais não chegam, sendo necessário ir procurá-los fora do concelho. A hotelaria oferece à volta de 120 postos de trabalho e a empresa das águas, uns cinquenta. **Estão a morrer os mestres... um dois erros do País foi acabar com o ensino técnico, daí a carência de quadros intermediários e dos artífices de qualidade. Hoje, qualquer indivíduo compra umas ferramentas e intitula-se carpinteiro, depois na prática confirma-se o desastre. O jovem que estuda até ao décimo ano, se não for para a Universidade, o que vai ser na vida? Não bastam os cursos de formação acelerada, pois a sabedoria de qualquer ofício exige uma formação mínima de três anos. Na câmara admitimos a hipótese de pegar na formação profissional, estimulando os mestres a ensinarem aprendizes e, assim, aproveita-se o conhecimento dos que ainda vivem. Sobretudo dos que conhecem as técnicas da construção civil, em vias de se perderem, técnicas essas que fazem falta para a recuperação dos edifícios antigos.**



Mestre Grincho, o abegão . . .

De certo modo, carências básicas resolveram-se, apesar do presidente considerar também carência básica a cultura. Um quinhão, razoável, do orçamento do município vai para a cultura. Ao todo, 137 mil contos, parcela que o movimento associativoo dirige como entende. Porém, o máximo a atingir são os 20 por cento, mais do que isso o orçamento não comporta. Já se gastaram 56 mil contos no complexo desportivo, estimando-se que a quantia final seja de cem mil, **integralmente à custa do orçamento da Câmara...**

Na estrada para a serra (aquela capelinha que avisto da vila intriga-me), Carolino Tapadejo responde às minhas perguntas sem que eu lhe pergunte nada. Numa placa leio: fronteira? **A ligação entre Cáceres e Valência de Alcântara está bastante má, mas a parte que nos compete anda em obras. Em Espanha já me garantiram que, do lado de lá, também aquilo vai andar. Temos um bom relacionamento com a Província de Cáceres, havendo mesmo um intercâmbio cultural e de troca de experiências no campo da arqueologia, vídeo, desporto... Isto, para mais tarde se avançar com um projecto de desenvolvimento socioeconómico das duas zonas estremenhas.**

Os habitantes de Castelo de Vide vão às compras ao outro lado, com a maior das facilidades. A carne de porco é mais barata, as bananas são uma pechincha em relação ao preço daqui... em regra a alimentação compensa; e os vizinhos espanhóis vêm abastecer-se, a Castelo de Vide, de atoalhados e vidros. **Só que os espanhóis ganham bons ordenados e aqui, os nossos, não prestam.**

Reparo nos castanheiros, de aspecto enfumiço, e o presidente diz-me que sofrem da doença da **tinta**, cancro que os mina até abatê-los... **Procura a formosíssima árvore e, penetrando nas raízes, nelas firma o negro fundo, terrível sentença de morte,** li, num livro da Biblioteca de Castelo de Vide, este protesto contra tamanha afronta ao património de frutos e madeiras do distrito de Portalegre.

Finalmente, no cume da serra da Senhora da Pena, a ermida misteriosa. Sinais de fogos observam-se naquele local sagrado, onde a padroeira de Castelo de Vide já se exercitou na arte do milagre. **Desconfiamos das fábricas de papel...** diz o presidente. Não se respeita nada — pensei; e, para cúmulo, soube que a imagem original da senhora fora roubada.

Outra vez, na vila. Autocarros de turismo despejam hóspedes à porta do **Hootel Mira Serra,** os bebe-águas partem para os tratamentos da tarde, a **Inês** fornece informações, nas esplanadas estão as mesmas caras... é o ciclo, tudo se repete, todos os dias. Uma semana, em Castelo de Vide, foi uma aventura que gostaria de repetir.

A nova arquitectura

Vila cubista, chamou-lhe Rocha Martins. O que se perecebe se atentarmos na colagem das casas ao relevo do terreno. Já agora o resto da observação do escritor: **«... nas estradas de Elvas e Portalegre o ar treme ameaçador; baforadas quentes, como saídas duma casa de máquinas de paquete em zonas tropicais, entontecem e perturbam e, no entanto, sob os arvoredos luxuriantes de Castelo de Vide, corre uma brisa suavíssima...»**

A 600 metros acima do nível do mar, **terra alta,** Castelo de Vide formou-se num contraforte do monte Hermínio Menor. Em dias claros e limpos vê-se, perfeitamente, a serra da Estrela. Quem vem da estrada, de acesso à vila, depara com o castelo e o casario medieval, depois mais perto, choca-se inevitavelmente com o espectáculo do **bairro da Eira,** obra recente que gerou polémica. No entanto esta obra, da autoria dos arquitectos **Sousa Lino** e **Vasco Pestana,** foi distinguida com o prémio de arquitectura e urbanismo dos **Cadernos Municipais,** e por um júri que integrava nomes consagrados, tais como Nuno Portas, Jorge Manuel Viana, Fernando Távora e José Lamas.

São 60 casas, tipo quatro, com dois pisos e pátio interior. O facto de não terem telhado tradicional e as riscas amarelas e azuis, levantaram algumas reservas à população. Insólito, inadequado para uma vila alentejana: comentou-se. **«Quisemos que constituísse um sistema comunitário à parte da vila, mas que a ela se ligasse por eixos bem visíveis. Além da Vila medieval, Castelo de Vide ostenta blocos de uma fase posterior e, espalhados pontualmente, peças de arquitectura erudita do início do século, das quais destaco as vivendas de Raul e Corrodi. E ainda algumas casas senhorias. De data mais recente, há o bairro da Eira e o da cooperativa que é uma obra do atelier de Conceição e Silva, tão disparatada que o GAT teve de a adaptar ao terreno... Há, ainda, o quartel dos Bombeiros e, em fase de construção, o Centro de Formação Profissional para deficientes»**, afirma Vasco Pestana, arquitecto do GAT de Portelagre.

Cansado de Lisboa, decidiu em 1978, mergulhar **«numa terapia de silêncio»**, em Portalegre, cidade convidativa à reflexão. **«Com efeito, o isolamento permitiu-me reflectir sobre a arquitectura e outras questões. Quieto, evocava as ondas, as caravelas que subiam pelas encostas verdes da serra... Em Portugal existem dois ou três sítios que aceleram a criatividade e, este, é um deles. Não se tropeça na miséria, respira-se um equilíbrio talvez ameaçado pela passagem dos camiões TIR, quando a nova estrada para Espanha estiver pronta».**

Castelo de Vide é um Alentejo muito especial, e Vasco Pestana sente-o à sua maneira. Felizmente, veio parar a um GAT que, segundo diz, funciona. Outros há que estão tolhidos pelos problemas. **«Somos mal pagos, aplicam-nos as tabelas da Função Pública e, muitas vezes, trabalhamos em péssimas condições. Em certa altura estive sozinho, em Portalegre, não contratavam mais ninguém. Ora, nós arquitectos, não somos burocratas, somos criadores...»**

Lá, no bairro da Eira, mora o arquitecto, o veterinário, o médico residente, etc. técnicos jovens que a Câmara tenta reter. **«Tem uma política inteligente, distribuindo casas aos técnicos incita-os a permanecer».** Vasco Pestana gosta de Castelo de Vide, só se desloca a Lisboa de dois em dois meses, integrou-se, facilmente, no ritmo da vila. Para si, profissionalmente, o importante é agir **«com coisas fortes e marcantes»**, ditadas pela intuição artística. E na sua óptica, a arquitectura do Alentejo não tem que ser necessariamente branca...